



NOVO MUNDO,

PERIODICO ILLUSTRADO DO PROGRESSO.

Volume VII.

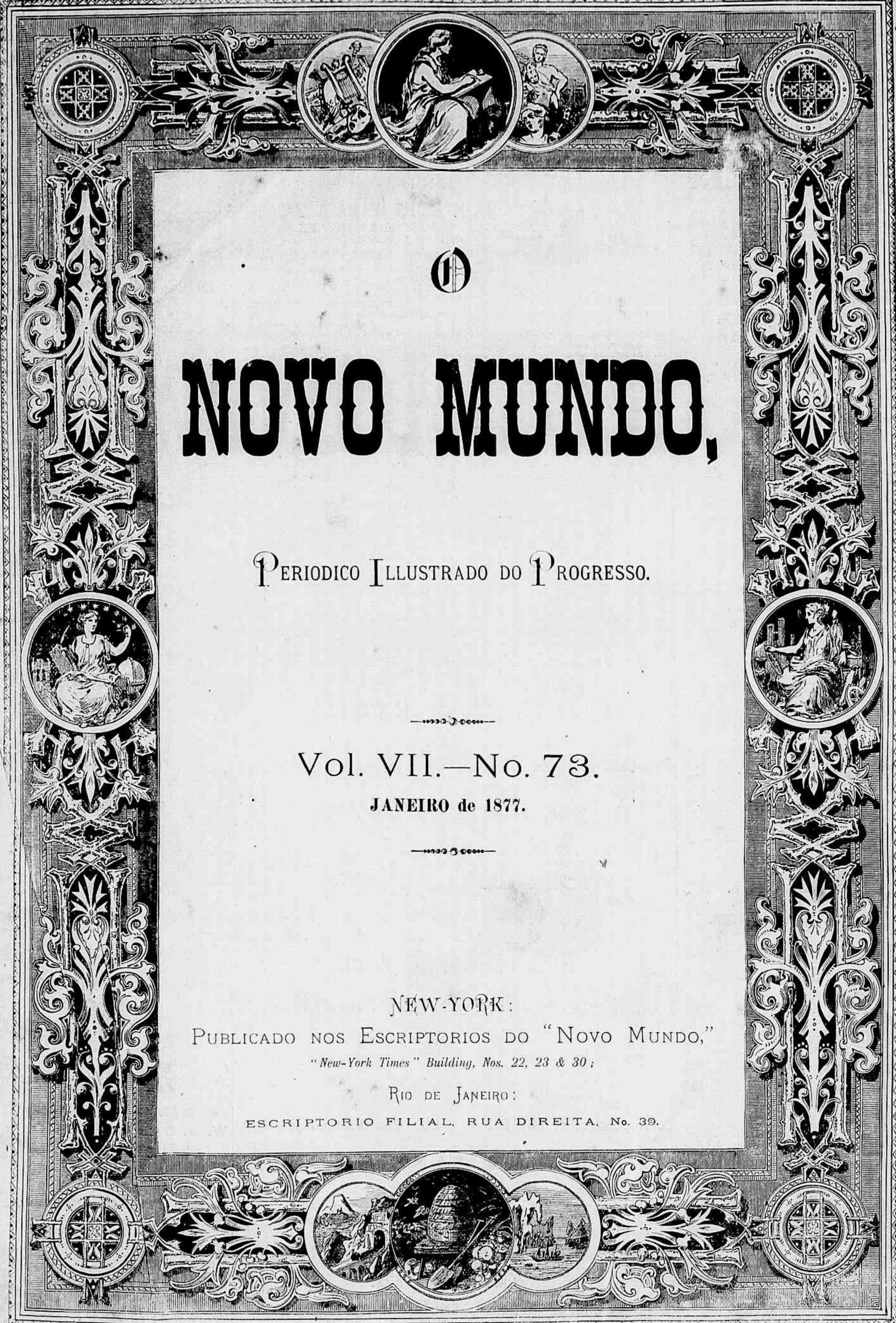
Janeiro a Dezembro de 1877.

NEW YORK:

PUBLICADO NOS ESCRITORIOS DO "NOVO MUNDO,"
"New York Times" Building, Nos. 22, 23, & 30;

RIO DE JANEIRO:

ESCRITORIO FILIAL, RUA DIREITA, No. 47.



NOVO MUNDO,

PERIODICO ILLUSTRADO DO PROGRESSO.

Vol. VII.—No. 73.

JANEIRO de 1877.

NEW-YORK:

PUBLICADO NOS ESCRIPTORIOS DO "NOVO MUNDO,"

"New-York Times" Building, Nos. 22, 23 & 30;

RIO DE JANEIRO:

ESCRITORIO FILIAL, RUA DIREITA, No. 39.

WILLIAM WALLS SONS,
FABRICANTES DE
Cordoalha de Manilha
E OUTRAS EM GERAL.
113 WALL STREET,
NEW YORK.

Os Magnificos Paquetes a Vapor da
WHITE STAR LINE,

Portadores das malas dos Estados Unidos, largam de New York todos os Sabbados.

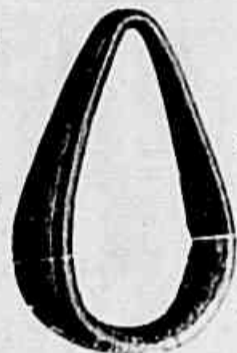
Passagem de Ré \$80 em ouro.
de Prôa nos preços mais baixos.
Os principais paquetes entre New York e Liverpool são:

OCEANIC, BRITANNIC,
BALTIC, CELTIC, REPUBLIC.

Estes paquetes são notáveis pelos seus aconchegos luxuosos, pela sua rapida marcha e pelo esculpulo com que são navegados. Para passageiros e frete tracta-se com
R. I. COURTIS, Agente,
19, Broadway, New York.

E. F. BECK
FABRICANTES DE

ARREIOS	FABRICA,
FINOS	104
DA	NEW JERSEY
MELHOR	RAILROAD
QUALIDADE.	AVENUE,
	NEWARK,
	N. J.



Podem as encomendas vir por intermedio do Sr. H. C. Fernando Röhe.

\$77 POR SEMANA a Agentes, moços e velhos, homens e mulheres, em todas as localidades. **PREPARATIVOS LIVRES DE DESPESAS.** Dirijam-se a P. O. VICKERY & CO., Augusta, Maine.

GRANDE REDUCCAO DE PREÇOS!

POR ANNUNCIOS QUE SE COBRAVAM
\$8.250.40

se insertará nos principaes jornaes pela insignificante somma de

\$700.

que poderá ser satisfelta por meio de lettras de cambio pagaveis em trez mezes.

Gratuitamente se enviara

UMA LISTA IMPRESSA contendo informações e nomes dos jornaes diarios e suas edições semanarias, preços dos annuncios, da assignatura, etc. etc.

Dirijam-se a

GEO. P. ROWELL & CO.,
AGENTES DE ANNUNCIOS,
41 PARK ROW, NEW YORK.

SALSAPARRILHA
PARA PURIFICAR O SANGUE.



Esta composição de alterativos vegetaes Salsaparrilha, Stillingia e Mandrake com Iodido de Potassa e Ferro offerece cura muito effeiz para uma serie de doencas que são muito comuns e funestas. Ella purifica o sangue, expurga os maus humores que se lapam a saude e resolvem-se em molestias perigosas. Erupções cutaneas e o testemunhas exteriores de humores que devem ser expellidos do systema, e quando elles se aggregam a algum organo, ou o affectam com molestia ou o destróem. A SALSAPARRILHA DE AYER expelle esses maus humores, que, uma vez expellidos, cessam de produzir molestias taes como *Ulceração hepatica, gastrica, na rins e pulmonar; Erupções e molestias erupivas da pelle; Fogo de Sancto Antonio, Erysipela Pimpolhos, Pustulas, Nascidas, Tumores, Dartros, Feridas, Ulceras, Rheumatismo, Neuralgia, Dores nos ossos, Dores de Cabeça, Fraqueza e Debilidade, Sterilidade feminal; Leucorria, proveniente de ulceração ou outra molestia uterina, Hydropesia, Dyspepsia, Debilidade geral.*

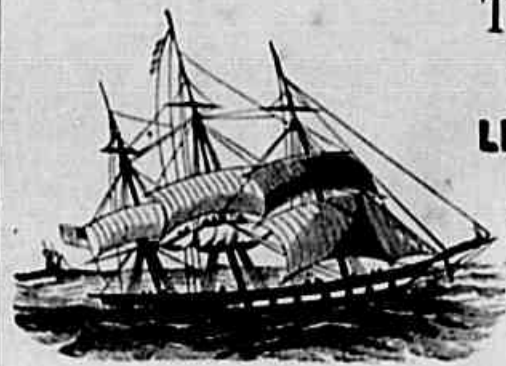
PREPARADA PELO

DR. J. C. AYER & Co.,

Chimicos practicos e analyticos,
Lowell, Mass., E. U. A.

A venda nas principaes drogarias e pharmacias do Brazil.

W. R. CASSELS & Co.,
Agentes geraes no Brazil.



THOMAS NORTON & Co.,
NEGOCIANTES DE COMMISSÕES.
Linha regular de Paquetes Velozes
ENTRE
NEW YORK, PERNAMBUCO, BAHIA
E RIO DE JANEIRO.
Nº 82, Wall Street,
NEW YORK, E. U. A.



LINHA DIRECTA
DE
PAQUETES PARA A FRANÇA
E CANAL INGLEZ.
Os lindos Vapores de Primeira Classe da
"Compagnie Générale Transatlantique"
são contractados pelo Governo para condução das malas entre
NEW YORK e HAVRE,

com escala por PLYMOUTH, na ida e volta OS VAPORES:

LABRADOR SANGLIER, Maio, 20.
AMERIQUE, POUZOLZ, Maio, 27. — SAINT LAURENT, LACHESNEZ, Junho, 3.

Preços da passagem: de NEW YORK ao HAVRE ou PLYMOUTH, 1º ordem, \$110 a \$120, 2º ordem, \$72. Em bilhetes de ida e volta, 10 por cento de desconto. Ha tambem alguns beliches na prôa a \$26 com comida. As accommodações destes vapores são elegantes e facultam todos os aconchegos aos passageiros. No custo da passagem está incluído o vinho.

Por esta linha os viajantes que desejam ir ao continente europeu evitam o transito de Liverpool no Canal da Mancha e o atravessar tão incommodo deste mesmo canal. Isto, além das maiores despesas da viagem. Para frete e passagens, dirijam-se a

LOUIS DE BÉBIAN, Agente,
55, Broadway, New York.

C. LUDMANN & Co.,

NEGOCIANTES, CONSIGNATARIOS COM CASA DE COMMISSÕES DE GENEROS DE EXPORTAÇÃO, IMPORTAÇÃO, ETC. ETC.

No. 4 South William Street, New York.

Encarregam-se da execução d'encomendas para qualquer mercadoria, genero ou artigo de fabrica americana, principalmente para tudo quanto diz respeito a instrumentos para a lavoura, machinas a vapor e outras, locomotivas, carros, rodas de ferro, molas de borracha e toda a classe de material adaptado a caminhos de ferro, trams-ways, etc. etc. Incumbem-se além disso de fornecer todo o material, machinas, força motora de vapor, d'agua ou de cavallos, necessarias para todo o trabalho de plantações ou fazendas de café, assucar, ou algodão; tudo segundo os sistemas mais modernos e approvados. Trutam tambem da construção de pontes de ferro, vapores para a navegação fluvial e maritima, iluminação e gaz de cidades ou fazendas, etc. etc. Offerecem-se a mandar a quem pedir, catalogos, preços correntes, revistas do mercado, estatisticas, planos, desenhos, riscos, ornamentos etc. etc., enfim tudo quanto possa contribuir a facilitar os seus correspondentes a formularem seus pedidos e encomendas. Tambem recebem e vendem queosquer generos ou productos brasileiros que lhes forem remettidos á consignação, como sejam café, borracha, couros, jacarandá etc. etc., sobre os quaes autorizam saques sobre ellés ou sobre Londres.

FREITAS & RIEDY,

Com Casa de Comissoes de Café e mais generos do paiz.

Importadores de Generos Americanos.

ENCARREGAM-SE de mandar vir dos Estados Unidos (para o que teem correspondentes habilitadissimos) todo e qualquer genero, bem como INSTRUMENTOS e MACHINAS DE AGRICULTURA, ESTRADAS DE FERRO, BONDS, etc. etc.

Caixa no Correio Nº 377.

Rua d'Alfandega Nº 96,—Rio de Janeiro.

H. C. FERNANDO RÖHE,

Com Casa de Comissões e Consignaões,

P. O. BOX 4160.

Nº 135 PEARL ST.

NEW YORK.

Correspondentes: FREITAS & RIEDY, rua d'Alfandega Nº 96,

RIO DE JANEIRO.

W. R. CASSELS & CA.

COM CASA DE COMMISSÕES
E IMPORTAÇÃO.

Especialidade: Artigos e Generos Norte-Americanos.

Nº 13, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, Nº 13.

RIO DE JANEIRO, Brazil.

"EL RAYO SOLAR."

E' o titulo da mais importante obra sobre Photographia que jámais foi publicada no Hespanhol. E' illustrada de photographias e de gravuras em madeira, e dos ultimos descobrimentos da arte.

Preço, SEIS DOLLARS.

A' venda por

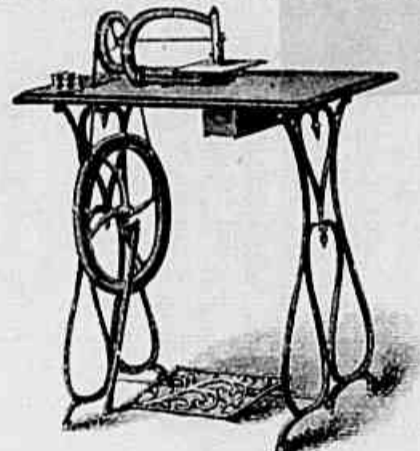
E. & H. T. ANTHONY & CO.
Fabricantes

de Materiaes
Photographicos,
591 Broadway,
NEW YORK.

Expedim Catalogos Illustrados com preços.

The United States Sewing Machine.

A Machina de Costura mais practica e barata que ha no mundo para casa de familia.



MACHINA A MÃO \$5 00.

MACHINA VELOZ A MÃO \$7 00.

Machina de Meza \$20.00; con caixa, \$25.00.

Aos Exportadores se concederá desconto remunerativo. Enviaremos Circulares a quem as solicitar.

STEPHENS SON & CO.,

299 Broadway e 94 Duane St., New York.

Unicos Agentes: Tambem Agentes para a "National Toy Co." e fabricantes importadores e retalhadores de objectos de luxo, brinquedos para criancas, fogos artificiaes, etc. etc.

GARDNER & CO.

UNICOS FABRICANTES PRIVILEGIADOS DE



CADEIRAS E SOFÁ

COM

ASSENTOS PERFURADOS

DE

Madeira Folhada.

As mais fortes, perduraveis, elegantes e confortaveis cadeiras e sofás.

DEPOSITO / ARMAZEM:

381 e 383 Pearl St., New York.

UNICOS AGENTES NO RIO DE JANEIRO,
W. R. CASSELS & CO.,
13, Rua Primeiro de Março.

E. A. KINGSLAND & CO.,

Gravadores, LITHOGRAPHOS, Impressores,

fabricantes de

LIVROS DE CONTAS,

e negociantes em

OBJECTOS DE ESCRITORIO,

51, Nassau Street,

NEW YORK

OS Srs. Banqueiros, Fabricantes e Negociantes; os Bancos, Companhias de Estradas de ferro, de Expressos, de Minas, etc., serão provistos de livros especiaes em branco e artigos d'escriptorio por commodos preços.

WILLIAM WALLS SONS,
FABRICANTES DE
Cordoalha de Manilha
E OUTRAS EM GERAL.
113 WALL STREET,
NEW YORK.

Os Magnificos Paquetes a Vapor da
WHITE STAR LINE,

Porta-cores
das malas dos Estados
Unidos,
largam de New York
todos os Sabbados.

Passagem de R\$ \$80 em ouro,
de Prôa aos preços mais baixos.
Os principais paquetes entre New York e Liver-
pool são:

OCEANIC, BRITANNIC,
BALTIC, CELTIC, REPUBLIC.

Estes paquetes são notáveis pelos seus aconche-
gos luxuosos, pela sua rapida marcha e pelo es-
crupulo com que são navegados. Para passajei-
ros e frete tracta-se com

R. I. COURTIS, Agente,
19, Broadway, New York.

MESAS DE BILHAR
—NOVO DESENHO—



Novo Desenho 5 por 10, com Bolas, Tacos, etc., \$700.
Simplex \$600.
Todas ellas são acompanhadas das celebres

“Bandas Aperfeioadas de Phelan.”

Tambem a venda um grande sortimento de
Bolas de Bilhar para todos os jogos.

GEO. E. PHELAN,
Antigamente da firma de
PHELAN & COLLENDER,

36 East 14th St. cor. University Place,
NEW YORK.

Em seguida publicamos um de muitos docu-
mentos que todos os dias mais corroboram o cre-
dito dos bilhares de Geo. E. Phelan.

Bucaramanga, 13 de Junho de 1874.
Sr. Geo. E. Phelan,
New York.

Caro Sr.—Os Srs. H. & F. W. Meyer vos entregario
o Inelluo attestado do presidente do “Club Soto” que po-
deria publicar pois é uma prova excellente da satisfacão
que o vosso bilhar tem dado áquella sociedade. A’s or-
dens ficamos sempre

Vosso Criado,
LONGERKE & Co.

ESTADO SOBERANO DE SANTANDER.
Do Presidente do Club de Soto.

Sra. Longerke & Co.
Tengo el placer de dirijirme a Ustedes para correspon-
der a los importantes servicios que desinteresadamente
han prestado a la corporacion, que me honro en presidir,
en obsequio de la verdad, certifico: Que el hermoso Bil-
lar de la fabrica del Señor Geo. E. Phelan que tuvieron
Ustedes la bondad de hacer venir de Nueva York, es de
los de primera clase tanto por su elegancia, como por su
solidez: i que la sociedad lo ha aceptado con las mas in-
equivocas muestras de satisfacion.
Con sentimientos de consideracion tengo el gusto de
suscribirse

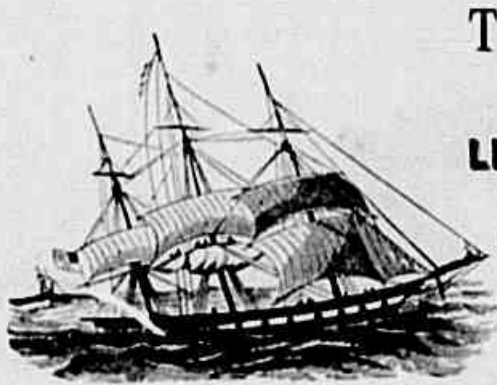
De Ustedes atento i seguro servidor,
ELBRANO MAZZEI B.
Bucaramanga, Junio 13, 1874.

SALSAPARRILHA
PARA PURIFICAR O SANGUE.



Esta composicão de al-
terativos vegetaes Salsaparrilha, Stillingia e
Mandrake com Iodido
de Potassa e Ferro e Fe-
rece cura muito efficaç
para uma serie de doen-
ças que s o muito com-
muns e funestas. Ella
purifica o sangue, ex-
purga os maus humores
que se lapam a saude e
resolvem-se em molestias perigosas. Erupções
cutaneas s o testemunhas exteriores de humo-
res que devem ser expellidos do systema, e quan-
do elles se aggregam a algum organo, ou o affec-
tam com molestia ou o destróem. A SALSAPARRILHA DE AYER expelle esses maus humores,
que, uma vez expellidos, cessam de produzir
molestias taes como *Ulceração hepatica, gastrica,
naos rins e pulmonar; Erupções e molestias
eruptivas da pelle, Fogo de Sancto Antonio, Ery-
sipea, Pimpolhos, Pustulas, Nascidas, Tumores,
Dartros, Feridas, Ulceras, Rheumatismo, Ne-
uralgia, Dores nos ossos, Dores de Cabeça, Fra-
queza e Debilidade, Sterilidade feminina; Leucor-
ria, proveniente de ulceracão ou outra molestia
uterina, Hydroesia, Dyspepsia, Debilidade ge-
ral.*

PREPARADA PELO
DR. J. C. AYER & Co.,
Chimicos practicos e analyticos,
Lowell, Mass., E. U. A.
A venda nas principais drogarias e pharmacias do Brazil.
CASSELL, CAUSER & Co.,
Agentes geraes no Brazil.



THOMAS NORTON & Co.,
NEGOCIANTES DE COMMISSÕES.
Linha regular de Paquetes Voleiros
ENTRE
NEW YORK, PERNAMBUCO, BAHIA
E RIO DE JANEIRO.
Nº 82, Wall Street,
NEW YORK, E. U. A.



LINHA DIRECTA
DE
PAQUETES PARA A FRANÇA
E CANAL INGLEZ.
Os lindos Vapores de Primeira Classe da
“Compagnie Générale Transatlantique”
são contractados pelo Governo para condução das malas
entre **NEW YORK e HAVRE,**

com escala por BREST, na ida e volta Os VAPORES:
SAINT LAURENT, LABRADOR novo, PÉREIRE, VILLE DE PARIS.
LAFAYETTE, AMÉRIQUE, novo.

sabem regularmente daquelles portos. Preços da passagem:
De NEW YORK ao HAVRE ou BREST, 1º ordem, \$100.— 2º ordem, \$65.

Em bilhetes de ida e volta, 10 por cento de desconto. Ha tambem alguns beliches na prôa a \$30 com comi-
da. As accommodações destes vapores são elegantes e facultam todos os aconchegos aos passageiros.
No custo da passagem está incluído o vinho.
Por esta linha os viajantes que desejam ir ao continente europeu evitam o transito de Liverpool ao Canal
da Mancha e o atravessar tão incommodo deste mesmo canal. Isto, além das maiores despesas da viagem.
Para frete e passagens, dirijam-se a

GEORGE MACKENZIE, Agente,
58, Broadway, New York.



BALTIMORE E RIO DE JANEIRO.
Linha “KING” de Paquetes a Vapor.

Esta linha leva as malas dos Estados Unidos e carrega passageiros e
frete.

Um dos velozes vapores desta linha, tendo accommodações de primeira classe para passageiros, será despachado cada mez para o Brazil, com escala por S. Thomaz.

	1ª classe.	2ª classe.
Passagem entre Baltimore e o Rio de Janeiro,	\$150 (ouro)	\$100 (ouro)
“ “ “ S. Thomaz	80 “	50 “
“ “ “ S. Thomaz e o Rio de Janeiro,	100 “	70 “

—Em Bilhetes de ida e volta, validos por seis mezes, dá-se o desconto de 25 por cento.

Todas as facilidades offerecidas aos Visitantes da Exposição Centenaria de Philadelphia.
Para passageiros e carga tracta-se com os Agentes em New York, Edward P. Davidson & Co., 128 Pearl St.
Em Baltimore, C. Morton Stewart & Co., 52 Gay Street.

No Rio de Janeiro, Walter Ritchie & Co.

FREITAS & RIEDY,

Com Casa de Commissões de Café e mais generos do paiz.

Importadores de Generos Americanos.

ENCARREGAM-SE de mandar vir dos Estados Unidos (para o que tem correspon-
dentes habilitadissimos) todo e qualquer genero, bem como INSTRUMENTOS e MACHINAS
DE AGRICULTURA, ESTRADAS DE FERRO, BONDS, etc. etc.

Caixa no Correio Nº 377.
Rua d'Alfandega Nº 96,—Rio de Janeiro.

H. C. FERNANDO RÖHE. J. E. CLAUSSEN.

RÖHE & CLAUSSEN,

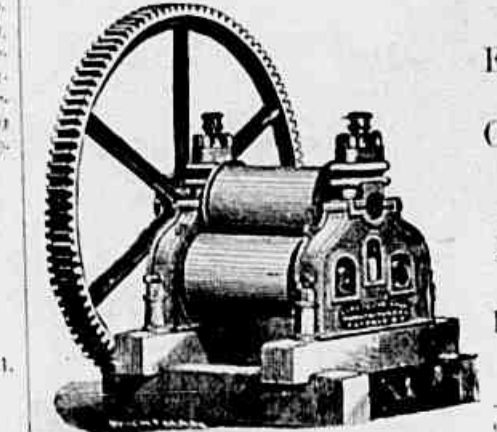
Com Casa de Commissões e Consignações,

P. O. Box 4160. Nº 135 PEARL ST.

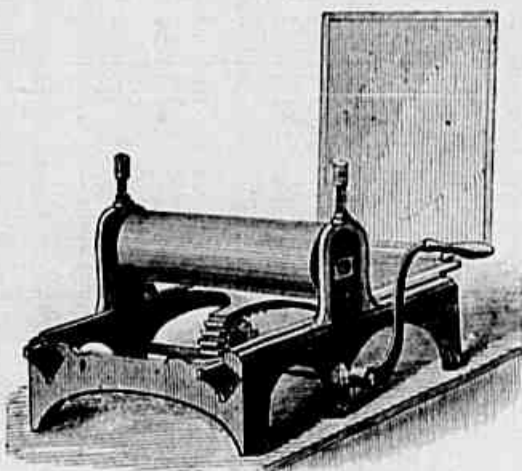
NEW YORK.

Correspondentes: FREITAS & RIEDY, rua d'Alfandega Nº 96,

RIO DE JANEIRO.



Moendas,
Evaporadores de Assucar, Caldeiras,
Bombas de Guarapa,
Centrifugas de Assucar, Machinas de
Vapor, e Rodas Hydraulicas,
Malacates,
Moinhos para Bolachas, Moinhos de
Milho.
Fabrica de **George L. Squire & Bro.,**
Buffalo, New York, E. U. A.
—Remetemos catalogos em Ingles e Portuguez. Quando escrever-
des a esta casa, dizei-nos donde vistes este annuncio.



PRELO MANUAL

PARA USO DOS

Negociantes, Escolas e Familias,

COMBINANDO

Utilidade, Instrucção e Divertimento

E PROPRIO PARA A IMPRESSÃO DE

Pequenos Jornaes Circulares, Cartões de Visita,
Cartões commerciaes, Preços correntes,
Endereços, Envolucros, etc., etc.

Tudo isto por 25 por cento do custo ordinario.

A todos que desejam comprar um objecto que
seja a melhor fonte de PRAZER e INSTRUCCÃO que
jamais se offereceu ao Publico apresentamos a
velha e sempre popular

“IMPRESA DOMESTICA.”

Nestes ultimos doze annos temos vendido mil-
lhares destas impressas, e não obstante outros fa-
bricantes terem por vezes tentado supplantal-as,
é tal a sua simplicidade, e barateza, e algumas
peculiaridades do machinismo dos prélos, que es-
tes esforços tem sido baldados e nosso producto
é cada vez acolhido com mais favor publico. Uma
das razas da sua superioridade é que o leito do
prélo é horizontal e isto importa muito ao seu
bom manejo pelo impressor inexperito, o qual
nunca precisa tirar o typo do leito do prélo, du-
rante o processo da impressão, ao passo que em
outros prélos verticaes elle precisa tirar para fóra
toda a forma, ainda que seja para fazer a menor
correccão.

A IMPRESSÃO é por meio de um Cylyndro, cujas
extremidades são abaixadas ou levantadas para
fazer a impressão mais ou menos forte,—sendo,
pois, um processo mui simples.

O preço baixo destes prélos tambem contribue
muito para a sua grande sahida. O prélo que im-
prime forma de 13 por 17 polegadas é mais bar-
to do que o de qualquer outro fabricante, que im-
prima a metade.

O typo e material que acompanham o prélo DO-
MESTICO são escolhidos especialmente para este
machinismo, e com vista de agradar aos que o
compram. Quando as impressas vão para o Bra-
zil ou outros paizes, levam o typo com os accentos
usados nas suas respectivas linguas. Um livro
de instrucções acompanha cada impressa.

Imprensa Nº 1. 50 Mil-réis.

Prélo N. 2, imprimindo forma 6 por 8 pol., 30\$.—
Seis libras de Cicero, 10\$.—Caixa para typos,
2\$500.—Componidor, 3\$.—Rolo, 1\$500.—Pedra da
tinta, 1\$.—Tinta, 1\$.—Rama, 1\$500.—Guarnição,
1\$.

Imprensa Nº 2. 70 Mil-réis.

Prélo N. 2, imprimindo 6 por 8 polegadas, 30\$.—
Doze libras de typo Paica, 16\$.—Duas libras de ty-
po de phantasia, 3\$.—Componidor, 3\$.—Caixa, 3\$.
—Rolo, 1\$500.—Entrelinhas e regretas, 2\$.—Guar-
nição, 1\$500.—Pedra da tinta 1\$500.—Rama,
1\$500.—Tinta, 1\$.

Imprensa Nº 3. 120 Mil-réis.

Prélo N. 3, (forma de 9 por 11 polegadas), 50\$.—
Dezoito libras de typo Paica, 23\$.—Trez libras de
typo de phantasia 19\$.—Duas Caixas, 5\$.—Compo-
nidor, 3\$.—Entrelinhas e regretas, 4\$.—Rolo, 3\$.
—Tarja, 3\$.—Tinta, 2\$.—Rama, 2\$.—Guarnição,
3\$.—Gallera, 1\$500.—Pedra da tinta, 1\$500.

Imprensa Nº 4. 180 Mil-réis.

Prélo N. 4, imprimindo 11 por 13 polegadas, 80\$.—
Seis libras de typo de phantasia, 35\$.—Vinte e
cinco libras de typo Paica, 26\$.—Trez caixas para
typo, 7\$500.—Tarja de combinacão, 6\$.—Entrelin-
has e regretas, 6\$.—Componidor, 3\$.—Rolo,
3\$500.—Guarnição, 3\$500.—Rama, 2\$500.—Tinta,
3\$.—Pedra da tinta, 2\$500.—Gallera, 1\$500.

Imprensa Nº 5. 250 Mil-réis.

Prélo N. 5, imprimindo 12 por 19 polegd., 100\$.—
Oito libras de typo de phantasia, 39\$500.—Vinte e
cinco libras de Paica, 26\$.—Vinte e cinco libras
de Petit romain duplo 26\$.—Cinco caixas, 12\$500.
Dois componidores, 9\$.—Entrelinhas e regretas,
9\$.—Rolo, 3\$500.—Borda de combinacão, 6\$.—
Guarnição, 5\$.—Tinta, 4\$.—Rama, 3\$.—Pedra da
tinta, 3\$.—Rolo pequeno, 2\$.—Gallera, 1.500 rs.

Encaixotamento: Para o prélo N. 1, 2\$;
N. 2, 2\$500; N. 3, 3\$; N. 4, 4\$; e N. 5 5\$.
Fréte á cargo do comprador: 20\$ a 25\$ addicio-
naes, conforme o prélo. A’ venda pela

ADAMS PRESS CO.,

JOSEPH WATSON, Agente.
73, Cornhill, Boston, Mass
53, Murray St., New York.



NOVO MUNDO,

PERIODICO ILLUSTRADO DO PROGRESSO.

Vol. VII.—No. 73.

JANEIRO de 1877.

NEW-YORK:

PUBLICADO NOS ESCRIPTORIOS DO "NOVO MUNDO,"

"New-York Times" Building, Nos. 22, 23 & 30;

RIO DE JANEIRO:

ESCRITORIO FILIAL, RUA DIREITA, No. 39.

WILLIAM WALLS SONS,
FABRICANTES DE
Cordoalha de Manilha
E OUTRAS EM GERAL.
113 WALL STREET,
NEW YORK.

Os Magnificos Paquetes a Vapor da
WHITE STAR LINE,



Portadores das malas dos Estados Unidos, largam de New York todos os Sabbados.

Passagem de Ré \$80 em ouro.
de Prôa aos preços mais baixos.
Os principaes paquetes entre New York e Liver-
pool são:

OCEANIC, BRITANNIC,
BALTIC, CELTIC, REPUBLIC.

Estes paquetes são notaveis pelos seus aconche-
gos luxuosos, pela sua rapida marcha e pelo es-
crupulo com que são navegados. Para passagel-
ros e frete tracta-se com

R. I. COURTIS, Agente,
19, Broadway, New York.

E. F. BECK

FABRICANTES DE

ARREIOS	FABRICA,
FINOS	104
DA	NEW JERSEY
MELHOR	RAILROAD
QAUL-	ANENCE,
DADE.	NEWARK,
	N. J.



Podem as encomendas vir por intermedio do
Sr. H. C. Fernando Röhe.

\$77 POR DEZANA A Agentes, mecos e velhos, no-
ment e senhoras, em todas as localidades. PRE-
PARATIVOS LIVRES DE DESPEZAS. Dirijam-se
a P. O. VICKERY & CO., Augusta, Maine.

GRANDE REDUCCAO
DE PREÇOS!

POR ANNUNCIOS QUE SE COBRAVAM

\$8.250.40

se insertará nos principaes jornaes pela
insignificante somma de

\$700.

que poderá ser satisfelta por meio de lettras de
cambio pagaveis em trez mezes.

Gratuitamente se enviará

UMA LISTA IMPRESSA

contendo informações e nomes
dos jornaes diarios
e suas edições semanarias, preços dos annun-
cios, da assignatura, etc. etc.

Dirijam-se a

GEO. P. ROWELL & CO.,

AGENTES DE ANNUNCIOS,

41 PARK ROW, NEW YORK.

SALSAPARRILHA
PARA PURIFICAR O SANGUE.



Esta composição de al-
terativos vegetaes Sal-
saparrilha, Stillingia e
Mandrake com Iodido
de Potassa e Ferro e fe-
rece cura muito efficaç
para uma série de doen-
ças que s o muito com-
muns e funestas. Ella
purifica o sangue, ex-
purga os maus humores
que scilapam a saude e

resolvem-se em molestias perigosas. Erupções
cutaneas e o testemunhas exteriores de humo-
res que devem ser expellidos do systema, e quan-
do elles se aggregam a algum organo, ou o affect-
tam com molestia ou o destróem. A SALSA-
PARRILHA DE AYER expelle esses maus humores,
que, uma vez expellidos, cessam de produzir
molestias taes como *Ulceração hepatica, gastrica,
naes rins e pulmonar; Erupções e molestias
erupticas da pelle, Fogo de Sancto Antonio, Ery-
sipela, Pimpolhos, Pustulas, Nascidas, Tumores,
Dartros, Feridas, Ulceras, Rheumatismo, Ne-
uralgia, Dores nos ossos, Dores de Cabeça, Fra-
queza e Debilidade, Sterilidade feminil; Leucor-
rea, proveniente de ulceração ou outra molestia
uterina, Hydropezia, Dyspepsia, Debilidade ge-
ral.*

PREPARADA PELO

DR. J. C. AYER & Co.,

Chimicos practicos e analyticos,
Lowell, Mass., E. U. A.

A venda nas principaes drogarias e pharmacias do Brazil.

W. R. CASSELS & Co.,

Agentes genes no Brazil.

THOMAS NORTON & Co.,
NEGOCIANTES DE COMISSÕES.

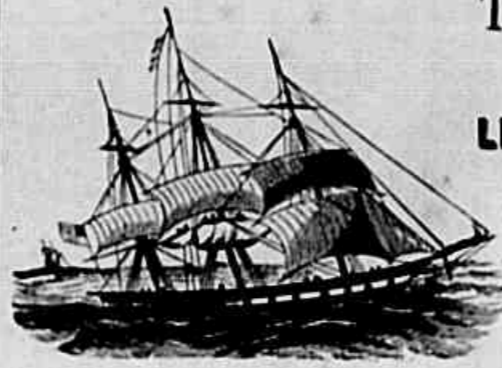
Linha regular de Paquetes Velozes

ENTRE

NEW YORK, PERNAMBUCO, BAHIA
E RIO DE JANEIRO.

Nº 82, Wall Street,

NEW YORK, E. U. A.



LINHA DIRECTA

DE
PAQUETES PARA A FRANÇA
E CANAL INGLEZ.

Os lindos Vapores de Primeira Classe da

"Compagnie Générale Transatlantique"

são contractados pelo Governo para condução das malas
entre **NEW YORK e HAVRE,**

com escala por PLYMOUTH, na ida e volta Os VAPORES:

LABRADOR, SANGLIER, Maio, 20.

AMERIQUE, POUZOLZ, Maio, 27. — SAINT LAURENT, LACHESNEZ, Junho, 3.

Preços da passagem: de NEW YORK ao HAVRE ou PLYMOUTH, 1º ordem, \$110 a \$120, 2º ordem, \$72.
Em bilhetes de ida e volta, 10 por cento de desconto. Ha tambem alguns beliches na prôa a \$26 com comi-
da. As accomodações destes vapores são elegantes e facilitam todos os aconchegos nos passageiros.
No custo da passagem está incluido o vinho.

Por esta linha os viajantes que desejam ir ao continente europeu evitam o transito de Liverpool ao Canal
da Mancha e o atravessar tão incommodo deste mesmo canal. Isto, além das maiores despesas da viagem.

Para frete e passagens dirijam-se a

LOUIS DE BÉBIAN, Agente,

55, Broadway, New York.

C. LUDMANN & Co.,

NEGOCIANTES, CONSIGNATARIOS COM CASA DE COMISSÕES DE GENEROS
DE EXPORTAÇÃO, IMPORTAÇÃO, ETC. ETC.

No. 4 South William Street, New York.

Encarregam-se da execução d'commissões para qualquer mercaderia, genero ou artigo de fabrica americana,
principalmente para tudo quanto diz respeito a Instrumentos para a lavoura, machinas a vapor e outras, locomo-
tivas, carros, rodas de ferro, molas de borracha e toda a classe de material adaptado a caminhos de ferro, trans-
ways, etc. etc. Invenhem-se além disso de fornecer todo o material, machinas, força e motor de vapor, d'agua ou
de cavallos, necessarias para todo o trabalho de plantações ou fazendas de café, assucar, ou algodão; tudo segun-
do os systemas mais modernos e approvados. Tratam tambem da construção de pontes de ferro, vapores para a
navegação fluvial e maritima, iluminação e gaz de cidades ou fazendas, etc. etc. Offerecem-se a mandar a quem
pedir, catalogos, preços correntes, revistas do mercado, estatisticas, planos, desenhos, riscos, orçamentos etc. etc.,
em tudo quanto possa contribuir a facilitar os seus correspondentes a formularem seus pedidos e encomendas.
Tambem recebem e vendem quassquer generos ou productos brasileiros que lhes forem remettidos á consigna-
ção, como sejam café, borracha, couros, jacarandá etc. etc., sobre os quaes autorizam saques sobre ellés ou sobre
Londres.

FREITAS & RIEDY,

Com Casa de Comissões de Café e mais generos do paiz.

Importadores de Generos Americanos.

ENCARREGAM-SE de mandar vir dos Estados Unidos (para o que teem correspon-
dentes habilitadissimos) todo e qualquer genero, bem como INSTRUMENTOS e MACHINAS
DE AGRICULTURA, ESTRADAS DE FERRO, BONDS, etc. etc.

Caixa no Correio Nº 377.

Rua d'Alfandega Nº 96,—Rio de Janeiro.

H. C. FERNANDO RÖHE,

Com Casa de Comissões e Consignações,

P. O. Box 4160.

Nº 135 PEARL ST.

NEW YORK.

Correspondentes: FREITAS & RIEDY, rua d'Alfandega Nº 96,

RIO DE JANEIRO.

W. R. CASSELS & CA.

COM CASA DE COMISSÕES

E IMPORTAÇÃO.

Especialidade: Artigos e Generos Norte-Americanos.

Nº 13, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, Nº 13.

RIO DE JANEIRO, Brazil.

"EL RAYO SOLAR."

E' o titulo da mais importante obra sobre
Photographia que jámais foi publicada no
Hespanhol. E' illustrada de photographias
e de gravuras em madeira, e dos ultimos des-
cobrimentos da arte.

Preço, SEIS DOLLARS.

A' venda por

E. & H. T. ANTHONY & CO.

Fabricantes

de Materiaes

Photographicos,

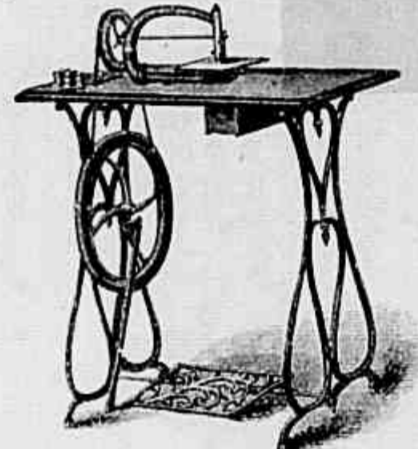
591 Broadway,

NEW YORK.

Expedimos Catalogos illustrados com preços.

The United States Sewing Machine.

A Machina de Costura mais practica e barata
que ha no mundo para casa de familia.



MACHINA A MÃO \$5.00.

MACHINA VELOZ A MÃO \$7.00.

Machina de Meza \$20.00; con caixa, \$25.00.

Aos Exportadores se concederá desconto remunerativo.
Enviaremos Circulares a quem as sollicitar.

STEPHENSOS SON & CO.,

299 Broadway e 94 Duane St., New York.

Unicos Agentes: Tambem Agentes para a "National
Toy Co." e fabricantes importadores e retalhadores de
objectos de luxo, brinquedos para crianças, fogos artifi-
ciales, etc. etc.

GARDNER & CO.

UNICOS FABRICANTES PRIVILEGIADOS DE



CADEIRAS E SOFÁ

COM

ASSENTOS PERFURADOS

DE

Madeira Folhada.

As mais fortes, perduravo, eleganes e confortaveis
cadeiras oheicidas

DEPOSITO: ARMAZEM:

381 e 383 Pearl St., New York.

UNICOS AGENTES NO RIO DE JANEIRO,

W. R. CASSELS & CO.,

1.1, Rua Primeiro de Março.

E. A. KINGSLAND & CO.,

Gravadores, LITHOGRAPHOS, Impressores,

fabricantes de

LIVROS DE CONTAS,

e Negociantes em

OBJECTOS DE ESCRITORIO,

31, Nassau Street,

NEW YORK

OS Srs. Banqueiros, Fabricantes e Negocian-
tes; os Bancos, Companhias de Estradas
de ferre, de Expressos, de Minas, etc., serão
providos de livros especimes em branco e ar-
tigos d'escriptorio por commodos preços.

O NOVO MUNDO

PERIODICO ILLUSTRADO DO PROGRESSO DA EDADE.

Entered according to Act of Congress, in the Year 1872, by J. C. RODRIGUES, in the Office of the Librarian of Congress, at Washington.

VOL. VII.

NEW YORK, JANEIRO DE 1877.

Nº 73.



O CONSELHEIRO FELIPPE LOPES NETTO,
VICE-PRESIDENTE DA COMISSÃO BRAZILEIRA EM PHILADELPHIA.

O SR. LOPES NETTO.

NA pagina da frente dá o *Novo Mundo* hoje um retrato do Sr. Conselheiro LOPES NETTO em ponto maior do que o já feito anteriormente. Deste modo este jornal quer dar testemunho dos relevantes serviços que o Vice-presidente da Commissão brazileira nos prestou em Philadelphia. De meados de Março até 9 de Novembro quando embarcou doente para Europa, o Conselheiro NETTO esteve inteiramente absorvido pelos trabalhos de que o incumbira seu Governo, e que sem duvida alguma executou com talento e energia. Infelizmente, o Conselheiro sem necessidade alguma aggravou esses trabalhos. Intensamente nervoso, deixou-se sobremodo acobranhar pela responsabilidade da tarefa, que com calma poderia ter desempenhado não com menos bom exito e de certo com mais proveito para sua saúde e conforto para seus collegas.

Já dissemos anteriormente que esta Commissão de Philadelphia foi uma das melhores que temos visto nomear o Governo do Brazil. A parte que tocou ao Sr. NETTO era a mais espinhosa de todas as dos demais membros, pois elle veio "encarregado exclusivamente da erecção dos edificios necessarios á exposição dos productos brazileiros," e era o thezoureiro virtual da exposição.

A idéa da fachada do Alhambra no *Main Building* (e de que neste numero damos uma nova estampa, bastante fiel nos pormenores) foi toda sua. A despesa com este edificio foi de certo muito elevada; mas considerando-se o effeito que fez, a escassez de tempo em que foi construido e outras circunstancias, o dinheiro foi muito bem empregado. Muitos visitantes que não se lembrariam do Brazil pelas suas botas e chapéus, não se esquecem daquelle verdadeiro palacio de fadas, cheio de lindos arabescos.

Quando o Sr. LOPES NETTO passou suas attribuições ao digno Secretario da Commissão, o Sr. Major SILVA COUTINHO só havia gasto com todas as estruturas, com o montar de machinarias, impressões, e distribuição do *Brasil na Exposição de Philadelphia* apenas a quantia de 106 contos de réis, entregando a seu successor cerca de 20 contos de saldo. O "Alhambra" custou 33,000 dollars; as estruturas na "Machinery" e "Agricultural Hall," custaram 6,600 dollars; a do "Women's Pavillion," 2,000; o arranjo dos minerais no "Main Building," 2,300 dollars (carissimo); a exposição da seda, do Sr. REZENDE, 1,500 dollars; o montar de uma só machina de cunhar moeda, nada menos de 3,500 dollars ou 5 contos de réis (1); 30,000 exemplares de seis publicações diversas feitas no *Novo Mundo*, 700 dollars; 1,000 exemplares do *Catalogo* brazileiro, impresso em Philadelphia, 1,100 dollars; concertos de quadros e estatuas, 640 dollars. Ahí estão cerca de 50,000 dollars, ficando, pois, 13,000 que foram gastos com ordenados de cinco ou seis empregados, com frete do *Express* na obra *Brasil em Philadelphia* de que o Sr. Conselheiro NETTO fez distribuir cerca de dez mil exemplares a todas as bibliothecas e aos principaes institutos e periodicos do paiz. Em summa, considerando-se o brilhante papel que o Brazil representou aqui a quantia de 130 contos, gasta ou por gastar foi mui diminuta. Basta dizer que a Exposição nacional no Rio custou 120 contos e foi negocio insignificante comparado com este. O Sr. Conselheiro LOPES NETTO pôde ufanar-se de que cumpriu perfeitamente a parte que lhe coube da Exposição de Philadelphia. Foi pena que entre elle e seus collegas houvesse desintelligencia acerca das funcções que deviam desempenhar: é assumpto este de familia, em que não queremos entrar.

O Sr. Conselheiro NETTO vai passar o inverno na Italia, cujo Rei acaba de honral-o com a insignia de Grande-official da ordem da Corça de ferro. Em Abril p. f. seguirá para o Brazil onde esperamos seja recebido com a distincção que merece pelo feliz desempenho da difficil missão de que se encarregara, e pelo qual o *Novo Mundo* dá a S. Ex. e á Commissão os mais cordiaes parabens.



NEW YORK, JANEIRO, 1877.

NOTICIA IMPORTANTE.

ATÉ agora os Volumes do *Novo Mundo* tem começado com o numero de Outubro. O nosso Agente no Brazil, o honrado Sr. O. C. JAMES, tendo-nos representado por vezes varios embarços que nos causava esse principio de nosso anno em Outubro, resolvemos d'ora em diante começar o nosso volume annual com o numero de Janeiro. Também avisamos a nossos amigos que o *Novo Mundo* será agora distribuido no Brazil no mez da sua daeta. A irregularidade com que o periodi-

co tem sido servido nestes ultimos mezes é devida inteiramente á falta de communicações directas e á promessas de vapores, que nunca sahiram,—o que nos fez retardar a remessa por três vezes.

A CRISE ELEITORAL.

EM outras columnas deste numero estudamos mais por miudo as principaes evoluções da séria crise eleitoral por que está passando presentemente esta Republica. Depois que escrevemos esse estudo, a situação não tem soffrido mudança essencial. Os três Estados duvidosos foram declarados officialmente como tendo escolhido Eleitores do partido republicano, como se esperava. Na Carolina do Sul estão em sessão duas camaras legislativas, uma de cada partido, e ambas pretendendo ser a unica, genuina. CHAMBERLAIN foi declarado Governador por uma dellas, a qual por alguns dias, ao menos, foi sustentada com bayonetas federaes a mandado de GRANT, e a despeito da Constituição. Na Luiziana e na Florida os *returning-boards* também declararam eleitos os Republicanos, e este partido sustenta agora que, segundo a Constituição, o Presidente do Senado procederá em Fevereiro p. f. á contagem simples dos votos e que o Congresso não tem o direito de investigar da legitimidade da eleição, uma vez que seu resultado venha devidamente authenticado pelas auctoridades executivas dos Estados. Os Republicanos insistem, em outros termos, que a "Joint Rule 22d." de que tractamos naquelle nosso estudo, está abrogada, de modo que na proxima contagem dos votos se deve dar de mão a todos os precedentes que regularam as duas ultimas eleições.

Entretanto, complica-se um tanto a situação por uma atrevida cartada dos Democratas neste grande jogo para a obtenção da Presidencia. O Governador democrata do Oregon, Estado onde os Republicanos ganharam a eleição por 1,800 votos de maioria, recusou expedir a competente certidão de eleição a um dos três Eleitores escolhidos, o qual, na epocha da eleição era administrador de correio e era por conseguinte inelegivel, segundo a letra expressa da Constituição; mas expediu o diploma que devia competir a esse eleitor ao seguinte nome mais votado, que é de um Democrata. Ora Mr. TILDEN tendo já 184 votos e só carecendo de mais um para ser eleito, obteve-o com esse voto. Si o Congresso não tem direito de verificar os poderes dos elitores, como os Republicanos tem sustentado até aqui, e o Presidente do Senado é apenas um escrutador que conta os votos certificados pelos Governadores, esse voto de TILDEN não pode deixar de ser contado e elle será declarado Presidente. Do outro lado, si o Congresso pode examinar o proprio voto eleitoral, então a Camara dos Representantes, que é democrata, recusará admitir pelo menos os votos da Carolina do Sul e da Luiziana, e ainda nesse caso TILDEN será Presidente, porquanto, nenhum dos candidatos obtendo a maioria absoluta, compete a eleição á Camara que é democrata e que o escolherá. E', como se vê, um dilemma terrivel para os Republicanos, que agora sustentam provavelmente que o Presidente do Senado, que é do seu partido, é o unico juiz da contagem e pôde excluir o voto certificado do Oregon e admitir a duplicata republicana que ser-lhe-ha remmettida.

Apezar de toda esta exitação politica tem-se mantido á paz em todos os Estados duvidosos, ainda até na Carolina do Sul, onde bastaria uma palavra de Mr. WADE HAMPTON, o Governador legitimamente eleito, para lançar o Estado em revolução que resultaria na expulsão das tropas federaes

e dos *carpet-bagger* que a administração moribunda de GRANT ali mantém. Isto acontece ao mesmo tempo em que no Mexico trez cidadãos disputam a Presidencia com armas em punho, em terrivel guerra civil.

Os retardatarios e supersticiosos amigos das monarchias, que se obcecaram a tudo que ha de bom nas republicas olham para esta crise nos Estados Unidos com mal reservado prazer e com o contentamento intimo que sempre lhes produz o menor desar neste grande e generoso paiz, cujo crime é ser Republica florescente. Nós, porém, lhes avisamos que sua complacencia é tão desarrazoada como são todos os seus prejuizos a esse respeito. Complicações hão de sempre occorrer a todos os mecanismos delicados, seja o corpo humano, ou social, e seja o corpo social monarchico ou republicano. Em algumas monarchias os *estadistas* divertem-se fazendo leis infindas e inexequíveis, regulando e até entorpecendo a acção individual na sociedade com toda a miudeza. Nos Estados Unidos a Constituição e as leis são poucas e simples, e a difficuldade actual provém de uma simples omissão ácerca da verificação dos poderes dos eleitores; provém da ignorancia dos emancipados do Sul, ignorancia obrigada pela escravidão, que é instituição essencialmente monarchica. O unico meio legitimo de se aferir da solidez e perfeição de um organismo politico não é a presença de difficuldades practicas,—mas o modo porque o organismo se desembaraça dellas; e não temos a menor duvida que os Estados Unidos solverão satisfactoriamente o grande problema que agora tem de encarar.

A RUSSIA.

A INTERVENÇÃO mais immediata da Russia nas complicações da Turquia e de suas provincias rebeldes,—as exigencias ao mesmo tempo altivas no tom mas moderadas no fundo, que o Czar em Outubro apresentou ao novo Sultão, mostrando com ellas não só o desejo de influir directamente na chamada questão do Oriente, mas também de quebrantar d'algum modo a influencia da Gran-Bretanha, a sua rival na Asia,—esses passos da Russia nos convidam a um exame succinto da sua presente condição financeira e commercial. No caso de guerra, que tanto se tem temido desde a primeira quinzena de Novembro, a situação economica de um paiz é o melhor meio de julgarmos de sua força real e dos recursos com que poderá contar. Para Governos bem avisados, o estado precario do thezouro publico é a melhor garantia de paiz. Apezar, pois, de todas as notas orgulhosas do Principe GORTSCHAKOFF, si a condição financeira da Russia é má, não é crível que esta leve a sua intervenção muito além da correspondencia diplomatica. Examinemos, por tanto, o seu estado financeiro.

Por muitos annos os orçamentos da Russia apresentam deficits. Em 1866 a despeza excedeu a receita por 72,000 contos; em 1868 por 25,000 contos, em 1870 por 7,000 contos. De 1867 a 1872, o deficit foi, no termo medio, de 15,000 contos por anno, e desde 1832 até hoje tem sido á razão de 10,000 contos por anno. Para pagar esses deficits e occorrer ás enormes despezas extranrdinarias da manutenção do exercito e marinha, a Russia tem tomado emprestado nestes ultimos vinte annos a somma de 1,300,000 contos de réis, principalmente nas praças de Londres e Amsterdão. Ora só o juro desta divida enorme absorve annualmente cerca de 60,000 contos de réis, e si bem que parte della tenha sido applicada á construcção de estradas de ferro, estas quasi nada rendem pois ou foram traçadas para fins meramente militares ou o foram sob pessimo plano. Alem da divida estrangeira, o

thezouro russo carrega pessosos compromissos nacionaes. O papel moeda do paiz é irresgatavel, e ninguem sabe a quanto monta a sua somma. Ha cinco annos o Governo admitiu que esta excedia de 1,400,000 contos de réis, alem de 1,100,000 de bilhetes do thezouro; e desde então o volume dessa circulação, calculada em 2½ milhões de contos, já então considerada menor do que era realmente, tem sido engrossado com ultiores emissões; e essa massa enorme tem ido sempre creando valores ficticios, e produzindo especulações desnartheadas, que culminaram o anno passado n'uma crise muito séria que arrastou a fallencia de muitas empresas e atalhou sobre maneira o commercio externo do paiz. Hoje a Russia está sopesada com a divida enorme de cinco milhões de contos, e a sua renda, entretanto não excede de 650,000 contos por anno.

Examinando agora os recursos de que dispõe o paiz ficaremos admirados da sua presente escassez. A Russia não é commercial nem manufacteira mas essencialmente agricola, seus productos principaes sendo trigo e outros cereaes, canhamo e linho, taboado, cebo, lan e couros. O termo medio da sua importação no quinquennio de 1866 a 1870 só foi levemente maior do que o da sua exportação, aquella excedendo apenas a esta na razão de 10,000 contos n'um total annual de 360,000 contos, que era o termo medio da exportação russa. Em 1873, porém, o valor da importação excedeu pela quarta parte o da exportação, e hoje o saldo do seu commercio é ainda maior contra o paiz. O seu principal producto, o trigo, tem soffrido muito com a concurrencia do dos Estados Unidos nos mercados europeus, sobretudo nos da Gran-Bretanha, o melhor freguez da Russia. Esse paiz em 1871 importou trigo russo do valor de 134,000 contos; em 1874 a Russia só recebeu delle 67,000 contos, ou justamente a metade; e no corrente anno a redução é ainda maior. Ora, tal depressão tem paralyzado os interesses mercantis nos portos principaes dos mares Negro e de Azof, produzindo um panico prolongado e quasi chronico em Odessa. Rue essa desolação tem sido causada pela concurrencia dos Estados Unidos não ha a menor duvida, pois só a Gran-Bretanha que em 1871 importou um milhão e meio de libras de trigo da Russia e outró tanto dos Estados Unidos, em 1874 importou apenas 57 milhões da Russia ao passo que dos Estados Unidos tomou então dous bilhões e 700 milhões de libras.

Na exportação do milho ao mesmo paiz a Russia tem visto uma redução ainda maior, pois a Gran-Bretanha só lhe tomou em 1874 a quarta parte do que importava em 1871. E as cousas vão a peor no corrente anno. No *Economist*, de Londres, de 28 de Outubro ultimo, vemos notada brevemente segundo a "Gazeta Official" de S. Petersburgo, a receita aduaneira dos novo primeiros mezes deste anno, e esta decresceu 9,300 contos comparada com a do mesmo periodo do anno passado. Entretanto nos primeiros septe mezes deste anno a exportação de metaes preciosos mostra um excesso de £9,907,300 comparada com a do mesmo periodo do anno atrazado, e de £9,329,850 comparado com a do anno proximo passado; e do outro lado, a importação d'elles só foi de £403,000 isto é, menor por £166,000 do que a do anno passado e por 687,000 do que a de 1874.

Tudo isto, pois, prova que a Russia se acha em pessima condição para hombrar uma lucta séria na Europa. A sua população européa de cincoenta e seis milhões, alem dos quarenta milhões da Russia asiatica, dao-lhe por certo immensa influencia em todas as questões do chamado Oriente. Mas hoje não se faz a guerra sem armas e

sem dinheiro, e os recursos do Czar já estão explorados de sobejo.

Não queremos cerrar os olhos ás boas intenções do benigno governo do actual Czar nem ás difficuldades com que elle tem tido de lutar. Os seus noventa milhões de subditos se acham espalhados por um territorio duas vezes e meia maior do que o do Brazil, tambem mais que duplo que o dos Estados Unidos. E' verdade que a densidade da sua população é só pouco maior do que a dos Estados Unidos e é mais que tripla comparada com a do nosso paiz,—mas é uma população em grande parte semi-barbara. Ha pouco mais de doze annos a Russia ainda tinha 44,000,000 de servos. O numero de alumnos de todas as escolas e academias do Imperio não excede de um milhão. Ha quinze annos só dous de cem recrutas sabiam ler e escrever, posto que já em 1870 a proporção era de onze para cem. A Russia só gasta com sua instrucção publica de todos os graus 15,000 contos, sendo 3,600 com universidades e só 3,500 contos com as escolas primarias.

Entretanto o seu exercito e marinha lhe custam annualmente 250,000 contos de réis! O exercito em tempo de paz compõe-se de 800,000 homens e a sua marinha conta 154 encouraçados e 108 vasos diversos com um total de 1,600 canhões. Não é de admirar, pois, que a Russia se ache enfraquecida e a braços com sérias difficuldades. Da despeza total do Imperio, de 600,000 contos, mais de 41 por cento escôa-se annualmente com o militarismo, contra cujo estabelecimento no Brazil o *Novo Mundo* não tem cessado de protestar. A divida publica, creada principalmente por esse mesmo militarismo consome 120,000 contos, ou 20 por cento mais; de modo que elle custa á Russia quasi dous terços de todas as suas despezas, que incluem extravagancias taes como, por exemplo, a dotação de 12,500 contos á familia imperial. *Obras Publicas e Instrucção Publica* só custam ali 45,000 contos annualmente.

Uma nação que deste modo estraga suas forças não pôde sustentar uma guerra sem arruinar-se completamente, e pois quando vemos a Russia parecendo procurar um conflicto com a sua visinha, ainda que esta seja mais fraca do que ella, não cessamos de lastimar a sua insensatez. E' sabido que o actual Czar é muito amigo da paz: é que elle não pôde deixar de sê-lo. Oxalá que tenha bastante força moral para se esquivar das tentações que o cercam!

CAMINHOS DE FERRO FRANCEZES.

Já temos por vezes manifestado o nosso pezar por ver o Governo Imperial seguir as pegadas do Governo Francez no seu vicioso systema de construir e de gerir os caminhos de ferro, quer directamente seja por intermedio de companhias semi-officiaes, garantidas pelo Estado.

Preferimos que, em lugar de lançar os olhos para a Europa e ir tomar lições na centralizadora França, se dirigisse aos Estados Unidos para aqui aprender como uma nação, com poucos recursos financeiros e um sólo extensissimo, conseguiu realizar um systema de construcção e de exploração de caminhos de ferro, que hoje serve de norma até á velha Inglaterra.

O problema dos caminhos de ferro na America liga-se ao da immigração; em França, onde fomos buscar modelos para construcção e gerencia dos nossos caminhos de ferro as condições são inteiramente diversas; esse paiz estava quasi tão povoado como hoje auando encetou a construcção de suas vias férreas; a locomotiva tinha ahi

muitos problemas a resolver menos o do accrescimento da população.

No Brazil, como em toda a America, o problema da immigração é sempre o primeiro quando se tracta de vias ferreas; si esta condição primordial não é satisfeita, o caminho de ferro, ainda que construido com os maiores sacrificios, produzirá resultados insignificantes, quasi nullos.

Estavamos nessas convicções quando nos foi dado tomar conhecimento de uma obra estatistica sobre os caminhos de ferro francezes, que veio demonstrar, a toda evidencia, os vicios do systema centralizados e governamental adoptado em sua gerencia tanto na construcção como no custeio.

Tem essa por titulo:—“Etude sur les Rapports Financiers établis pour la construction des chemins de fer entre l'Etat et les six principales compagnies françaises—par De Labry—Ingénieur des ponts et chaussées, Dunod, Paris—1875.”

Como sabem os nossos leitores, o Governo francez, depois de ter tentado o impossivel de construir directamente a rede dos caminhos de ferro francezes, delegou os seus poderes em 6 grandes companhias, pelas quaes dividiu o sólo da França. A Companhia do Norte deu o territorio de Nordeste da França, desde Pariz e o Sena até a fronteira belga;

A Companhia de Leste deu a rede de caminhos de ferro, ligando Pariz á fronteira allemã;

A Companhia de Oeste concedeu quasi todo o angulo, comprehendido entre o Sena e o Loire;

A Companhia, que conservou o seu nome primitivo de “Companhia d'Orleans,” entregou a vasta zona de Pariz até Bordeaux; a mór parte do littoral sobre o Atlantico e dos despojos da ephemera Companhia do Centro, que morreu suffocada pelos escandalos politicos e financeiros;

A Companhia de Pariz a Lyão e do Mediterraneo concedeu a outra parte do territorio da fallida Companhia do Centro, as fronteiras suissa e italiana e o littoral do Mediterraneo desde Marselha até Nice;

A Companhia do Meio-dia, enfim a fronteira hespanhola e a mór parte do territorio entre a Bahia de Biscaia e o Mediterraneo até Marselha.

Não cabe, nos limites deste artigo, mesmo a simples enumeração das diferentes convenções entre o Governo francez e essas companhias; diremos sómente que de todas ellas resultou que, até 31 de Dezembro de 1873, o Thesouro francez havia pago 241,488,000 francos em garantias de juros.

Mas o inconveniente maior não está na grandeza dessa somma, que representa apenas os juros do capital immobilizado em caminhos de ferro, e mesmo um juro muito modico por que a garantia é apenas de 4 p. c.; os vicios do systema attentam-se no monopolio dos seus mais bellos meios de transporte, que sofre a França. Ao passo que, aqui e na Inglaterra, as innumeradas companhias luctam, em viva e incessante concurrencia, e aperfeçoam todos os dias seus caminhos de ferro, suas estações e principalmente seus carros e suas locomotivas, na França tudo jaz na indolente apathia característica do monopolio. Com uma ou outra rara excepção, tudo o mais se conserva como na primitiva: o modelo geral dos carros é ainda o mesmo do tempo da inauguração da rede franceza—quando aqui os carros de *Pullman* e os da Companhia dos *Silver-Palace-Cars* dão aos viajantes o maximo conforto quer durante o dia quer á noite.

Os defensores do systema centralizador francez fazem o seu principal argumento da perfeição, com que foram construidos os caminhos de ferro da França. Mas, bem estudado, esse argumento é contraproducente. O excesso de luxo e de solidez, que se nota

nos caminhos de ferro francezes, só prova que as 6 companhias-officiaes tinham capital garantido excessivo, e que o gastaram largamente, como soem gastar agentes officiaes.

Si essas companhias não contassem tanto com o Thesouro francez, teriam feito caminhos de ferro mais baratos, cada um em relação ás necessidades da zona, que tinha de servir; bem, pelo contrario, certas da renda garantida, herdaram todos os preconceitos aristocraticos e monumentaes do Corpo de Pontes e Calçadas; introduziram na rede franceza essa uniformidade característica da centralisação e do governamentalismo, muito bonita em theoria, mas fatalissima sob o poncto de vista financeiro e economico.

Este nosso modo de pensar é perfeitamente confirmado pela seguinte opinião de GEORGES RENAUD, no “Jornal dos Economistas” de Julho de 1876: “As companhias não tiveram grande merito em fazer o que fizeram em França.—Realisaram os seus caminhos de ferro a custa de muito dinheiro; sem correr risco algum; depois não fizeram melhoramentos reaes, nem introduziram novas commodidades no transporte de passageiros e de cargas.”

“Teriam merito si tivessem feito muito com pouco dinheiro, e si houvessem, n'estas condições, prestado bons serviços, mostrando sempre a melhor boa-vantade de satisfazer as necessidades do publico.

“O que dirieis de um negociante, que encetasse suas operações empregando metade de seu capital em despezas de luxo. Seria certamente reprehensivel; mereceria que se lhe dissesse que seu proceder era anti-economico. Pois bem: o mesmo acontece ás companhias de caminhos de ferro. Construíram vias ferreas de bitola larga, onde era sufficiente a bitola estreita; empregaram fortes locomotivas gastando muito combustivel onde bastariam machinas mais economicas.

“Por outro lado o Ministerio de Obras Publicas impõe ás companhias despezas inteiramente inuteis; ora todas essas despezas são separadas do custeio e ajuntadas á conta do capital para gozarem da garantia de juros. Tudo isso é intuitivamente contrario aos principios elementares de uma administração sabia e economica.

“A bitola estreita é ainda mal vista (*n'est pas en odeur de sainteté*) pelo Corpo de Pontes e Calçadas. Propuzeram-lhe empregar wagões moveis sobre as rodas de modo a poderem ser transportados da via estreita para a via larga. O que fizeram dessa proposta? O Corpo de Pontes e Calçadas entende que deve haver uma largura uniforme em toda a rede franceza; mas na Algeria não ha esse pretexto. Os caminhos de ferro algerinos não podem-se ligar aos da França porque o mar se interpõe entre elles. Era occasião de ensaiar a bitola estreita. Desgraçadamente a Companhia de Lyon é concessionaria d'esses caminhos de ferro; não conhece senão um typo e não admite mais nenhum. Offerece-se alli em Alger, uma excellente oportunidade para realizar grandes economias; deixaram-na escapar: o resultado é que os caminhos de ferro algerinos acham-se com um deficit de 2 a 3 milhões; que não tem e jámais terão a actividade das linhas francezas; e que poderiam nada pesar sobre o thesouro si tivessem sido construidos de bitola estreita como na India, na Russia e na Noruega.”

Sirvam estas judiciosas observações de GEORGES RENAUD para demonstrar aos nossos homens de estado que não é na França que devem mandar aprender a construir caminhos de ferro para um paiz nas condições do Brazil; que o seu systema foi erráo e fatal á uma velha nação da Europa e que muito mais o será a uma jovem nacionalidade do continente americano.

NOSSA EXTRAVAGANCIA.

A *Reforma* do Rio de Janeiro para mostrar a decadencia e a ruina das Provincias, arrastadas sobretudo pelo partido Conservador do Brazil, publica uma série de algarismos muito eloquentes que infelizmente não vimos ainda rebattidos pela imprensa daquelle partido. A *Reforma* compara o estado financeiro das Provincias entre 16 de Julho de 1868 e Setembro deste anno,—um periodo apenas de oito annos, e o resultado é realmente assustador. Eis os algarismos, em conta redonda, e devidamente tabulados, segundo os dados da *Reforma*.

PROVINCIAS.	Quanto tinham em saldo em 1868.		Divida, 1876.
	Contos de réis.	Contos de réis.	
Amazonas	22	272	
Pará	555	540	3,284
Maranhão	356	130	330
Piauí		(fallido)	362
Ceará	109	107	284
Rio Grande do Norte	277		Nenhuma.
Parahiba	226	110	415
Pernambuco	201	503	5,300
Alagoas	262	200	400
Sergipe	326	226	415
Bahia	67	508	1,800
Espirito Santo	35		66
Rio de Janeiro	3,800	1,300	7,200
S. Paulo	400	200	1,500
Paraná	23	400	500
Santa Catharina	72	54	
Rio Grande do Sul	263	536	4,700
Minas Geraes	105		282
Goyaz	20	116	25
Mato Grosso	98	115	
Município Neutro		210	2,000
Total	7,100	5,800	29,300
			5,800
			7,100
Total consumido nas Provincias			42,200

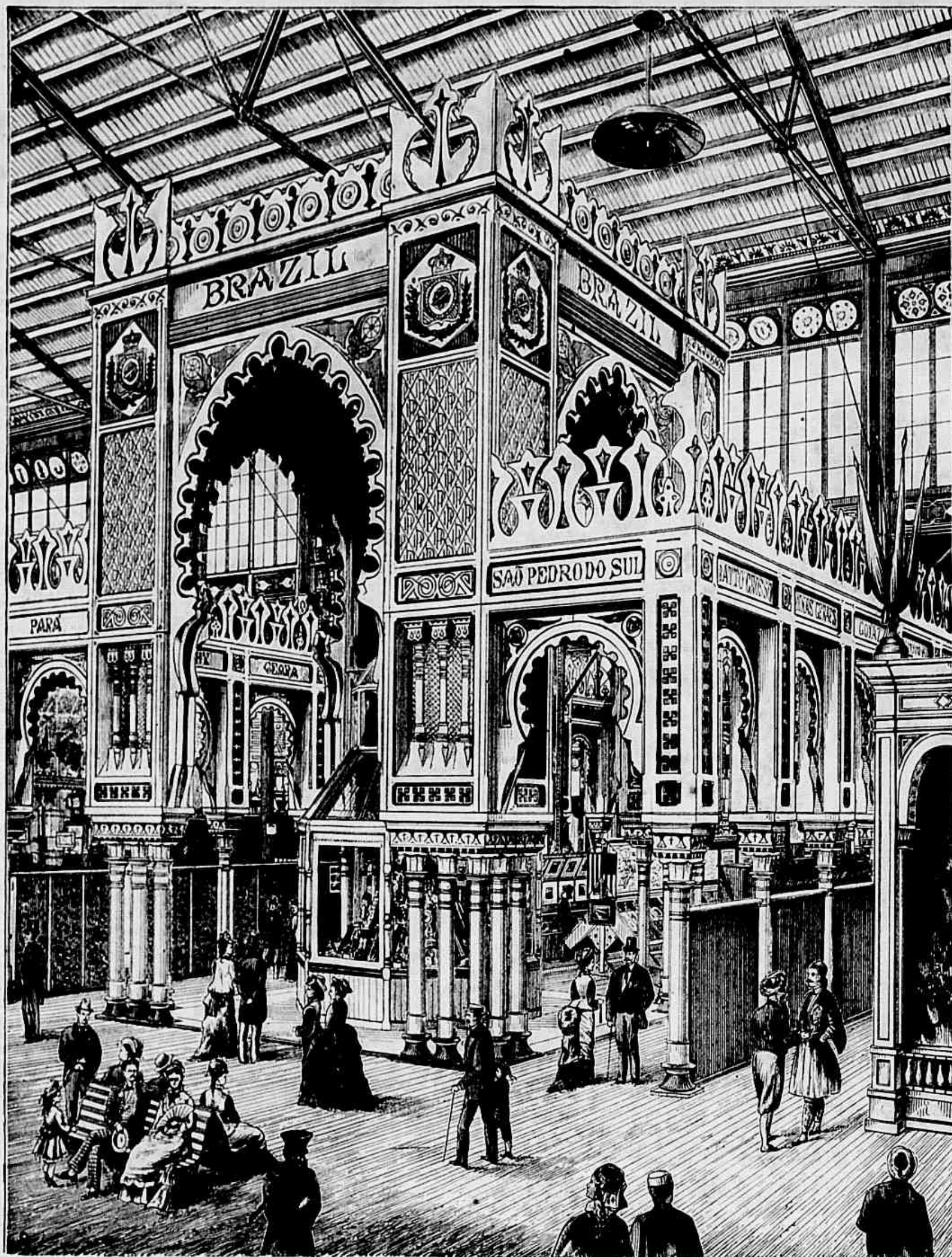
A *Reforma* ainda chama a attenção publica para o augmento da divida do Estado nesse periodo de oito annos. A divida externa era de 125,000 contos: agora excede de 174,000. A interna que era de 123,000 elevou-se a 293,000,—excluindo-se da comparação os bilhetes do thezouro e os depositos.—Em 1868 pagavamos de juros e amortização 14,800 contos: hoje estamos pagando 33,600 contos,—mais do duplo. Alem disto os deficits dos quatro ultimos exercicios subiram ácerca de 80,000 contos. Assim, pois, nesta divida de Estado experimentou nosso paiz o seguinte augmento:

Excesso na divida externa	49,000 contos.
“ “ interna	170,000 “
Excesso total da divida	219,000 “
Excesso dos juros	18,800 “
Ultimo deficit annual	20,000 “
Com o total consumido nas Provincias	257,800 “
	42,200 “
Grande total	300,000 “

Assim, a serem exactos os algarismos da *Reforma*, o Brazil está gastando por anno 57,500 contos mais do que gastava ha oito annos!

Ora nós pedimos a todos os nossos leitores que considerem bem no que é que tem ido e está indo esse dinheiro. Quaes são as grandes obras publicas que temos para justificarmos essa enorme despeza? Temos feito, é verdade, algumas estradas de ferro, mas só uma porção mui diminuta daquelles 300,000 contos foi destinada a esse fim. Entretanto, o que hão feito pela lavoura, a principal industria do paiz, que cada vez se vê mais carregada de impostos?

O *Novo Mundo*, como é bem sabido, não está filiado a nenhum dos partidos politicos do Brazil, e por isso mesmo é que aconselhamos a todos os nossos amigos das cidades e do interior que meditem sobre a imminente ruina de que estamos ameaçados si elles, deixando de lado a politica pessoal—que é a que temos,—e o desejo de serem commendadores, barões, e officiaes da guarda-nacional, não se applicarem a salvar o paiz e o porvir de seus filhos. O grande partido do futuro no Brazil é o da reforma da administração, da stricta economia e da moralidade no Governo.



A EXPOSIÇÃO DE PHILADELPHIA:—O PAVILHÃO BRAZILEIRO NO "MAIN BUILDING."

A EXPOSIÇÃO DE PHILADELPHIA.

A 10 de Novembro foi encerrada a Exposição de Philadelphia depois de ter estado aberta por cento e sessenta dias. Em todos os pontos essenciaes não foi excedida por nenhuma das exposições universaes anteriores, ao passo que no que toca á direcção geral, vastidão e exhibição de mecanismo útil á vida practica, excedeu á todas á todas as demais. Para os Estados Unidos foi ella da maior importancia, pois lembrou as scenas da sua gloriosa Independencia e açulou o sentimento patriotico do seu povo augmentando o amor da patria. Alem dessa irmanação moral dos Estados, que estreitou, deu ao seu proprio povo uma idéa mais elevada dos recursos naturaes e da pericia industrial do seu paiz, ali confrontado com os mais adiantados, e ao mesmo tempo mostrou-lhe o muito que ainda tem de progredir em algumas das manifestações do talento humano. Pondo de lado as grandes vantagens de todo o genero

que sempre retira dessas exposições o paiz em cujo seio se fazem, os Estados Unidos muito ganharam, cremos nós, mostrando ao mundo como uma companhia particular de cidadãos, sem intervenção official (excepto para correspondencia com os paizes da Europa que aqui não concorreriam a convite delles simplesmente) pôde dividir e executar um plano tão complicado como o de uma grande exposição. Para nós só esta grande habilidade era digna de ser admirada de perto pelos distinctos estrangeiros que aqui vieram representar seus respectivos paizes.

O numero de visitantes estrangeiros foi mui limitado. Na verdade pode-se dizer que a Exposição só dependeu dos 45,000,000 de habitantes dos Estados Unidos. E' tal, porém, a energia americana comparada á da antiquada Europa que esta Exposição foi, relativamente aos dias em que esteve aberta, a mais visitada de todas. Confrontaremos o numero de visitantes de Philadelphia com o das outras exposições, na seguinte tabella.

Anno	Logar.	Numero de visitantes.	No. de dias aberta.	Receita total.
1851	Londres	6,039,195	141	5,060,000\$
1855	Pariz	5,162,330	200	1,280,000\$
1862	Londres	6,211,103	171	4,600,000\$
1867	Pariz	10,000,000	210	5,645,863\$
1873	Vienna	7,254,687	186	4,000,000\$
1876	Philad ^a	9,787,151	158	7,523,200\$

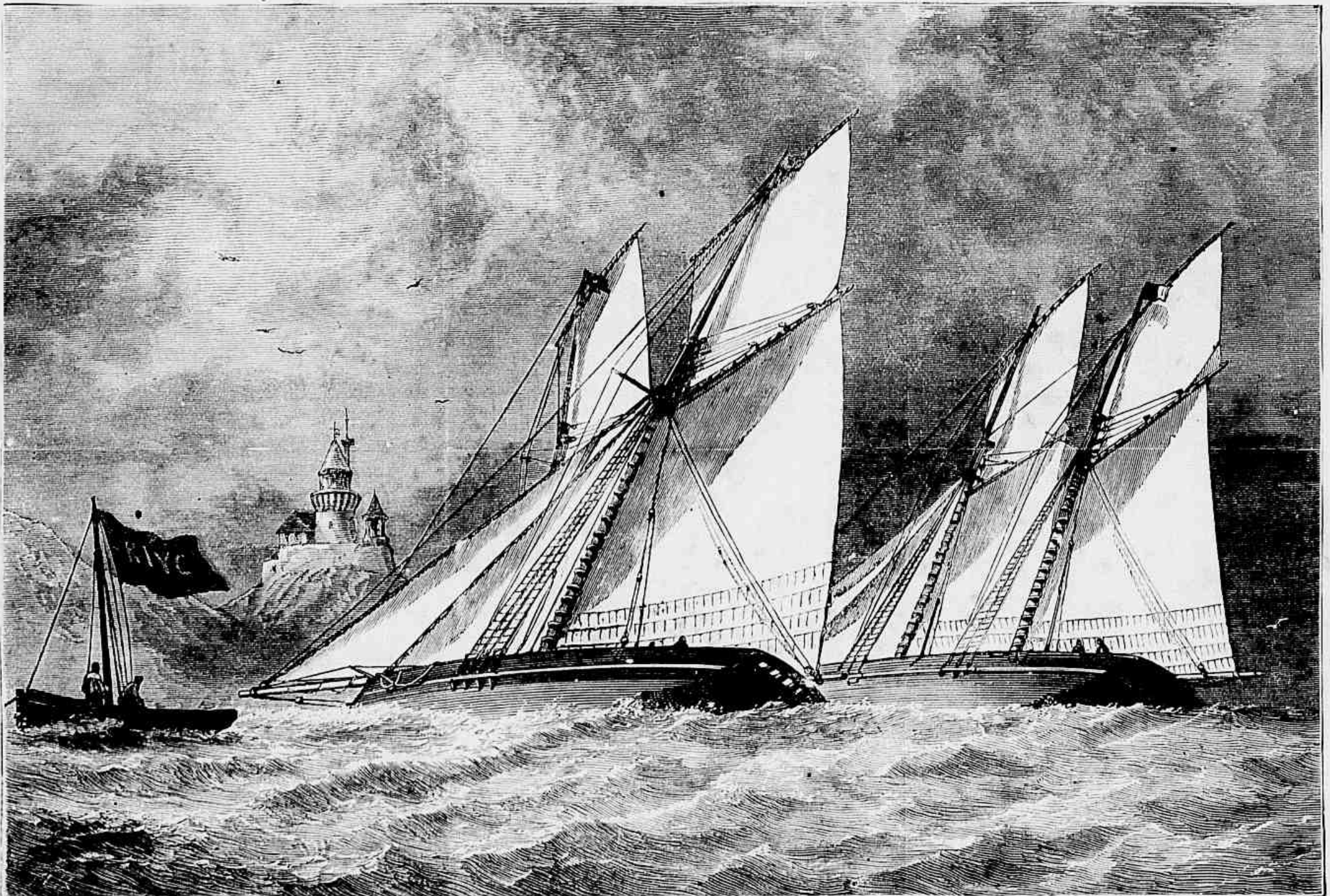
Vê-se, pois, que a frequencia média na Exposição de Philadelphia foi de 61,983 visitantes por dia, a na de Londres de 1851 foi apenas de 49,923, a da ultima de Pariz não excedeu de 47,619 ao passo que a de Vienna só foi de 39,003 visitantes. Notem agora nossos leitores que Pariz, Londres e Vienna estão á oito dias de viagem de regiões com mais de 200,000,000 de habitantes, ao passo que os Estados Unidos só contaram virtualmente com menos da quarta parte disso. Tal é a differença do Americano e do Europeu.

Do numero total de 9,786,151 visitantes 7,897,789 pagaram entrada, 1,888,362 tendo tido entrada livre. E' curioso examinar-se a tabella dos mezes e do numero de visitantes em cada um. Nos vinte dias de Maio só houve

378,000 visitantes que pagaram, em Junho 695,000 e em Julho 636,000. Os directores estavam desesperando então do resultado financeiro da exposição. De Agosto em diante, porém, as melhores e anteriores expectativas foram excedidas. Era que os grandes calores do verão p. p. e a má fama de Philadelphia como lugar quente e abafado e subjecto á molestias no verão, haviam arredado a grande onda que vinha encher o *Fairmount Park* nos mezes mais frescos de Agosto a Novembro. Com effeito, em Setembro e Outubro nada menos de 4,465,000 visitantes, alem de 638,000 de entrada livre, entraram no recinto da exposição, fazendo um termo medio de 100,000 pessoas por dia. A directoria reservou cada quinta feria desses dous mezes e de Outubro á honra de algum dos Estados, que mais sympathizaram com a Exposição, e isso attrahiu grande numero de filhos e amigos desses Estados, todos anciosos que elles fossem bem representados. O mais concorrido desses *State days* foi o de Pennsylvania, a 28 de Setembro, quando



A EXPOSIÇÃO DE PHILADELPHIA:
FACHADA DA SECCÃO BRAZILEIRA NA "AGRICULTURAL HALL".



O ULTIMO MOMENTO DE UMA REGATTA.

houve 274,919 visitantes que deixaram em cofre 237,000\$ de entradas. No dia de Maryland e Delaware, a 19 do Outubro, a exposição foi frequentada por 176,407, seguindo-se em frequência o *Ohio day* e o *New York day* em houve 135,600 e 134,600 visitantes.

Posto que os benefícios resultantes de uma Exposição universal não deviam ser medidos pelo seu bom exito financeiro, mesmo este segurou-o a Exposição centennaria. As primeiras despesas de quatorze mil contos foram cobertas com estes creditos: subscrições ao capital social, 5,000,000\$, concessões e privilegios, 1,000,000\$; subscrição da Pennsylvania, 2,000,000\$; subscrição de Philadelphia, 3,000,000\$; adiantamento pelo Governo, 3,000,000\$. A receita de entradas foi de 7,700,000\$ e as despesas correntes 3,660,000\$, ficando cerca de 4,000,000\$ de saldo a favor. Si o Governo não exigir a volta dos trez mil contos adiantados (e não exigirá) os accionistas receberão oitenta por cento do capital subscripto.

Dos edificios da Exposição, dous foram construídos para ficarem permanentemente, a saber, o *Memorial Hall* ou Galeria de Bellas Artes e o palacio de Horticultura, ambos construídos com a quota que Philadelphia e Pennsylvania subscreveram. Ultimamente, porém, a directoria resolveu deixar em pé o *Machinery Hall* para varias exposições a cargo do "Franklin Institute" de Philadelphia, e ao mesmo tempo formou-se uma companhia com o fim de comprar o *Main Building* para ali fazer uma exposição permanente, industrial e scientifica. Os Governos inglez e japonio ofertaram seus edificios á cidade de Philadelphia.

Neste numero publicamos varias gravuras da Exposição do Brazil nesse grande concurso de todas as nações. Nesta pagina vê-se mais uma vez a estrutura no *Main Building* fielmente representada. Na pagina seguinte figura a fachada da nossa secção na *Agricultural Hall*. Nas paginas 8 e 9 damos os dous unicos objectos de Bellas-Artes de nossa exposição, que foram premiados, a saber, a estatua do Sr. BERNARDELLI "A' Espreita," e o quadro, já muito conhecido, do Sr. V. M. DE LIMA, *A Primeira Missa no Brazil*.

A CRISE AMERICANA.

Para melhor comprehendermos a natureza da difficuldade eleitoral em que agora se acha o paiz precisamos estabelecer certos factos preliminares. Segundo a Constituição dos Estados Unidos, o Presidente é eleito por Eleitores, escolhidos pelos dous Estados segundo suas proprias leis. A recente eleição correu placidamente em todos os Estados. Entretanto pretendem os Republicanos que houve "intimidações" e "fraudes" em trez d'entre elles, a saber, a Florida, a Carolina do Sul e a Luiziana. Acontece que esses são justamente os trez Estados do Sul que os Republicanos esperavam que votassem por seu candidato; todos os demais concediam elles ao candidato democrata, prevendo que seria impossível sobrepujar a grande maioria em que esse partido se estriba ali. E na victoria nesses trez Estados punham os Republicanos todo o interesse porquanto, si elles perdessem a eleição nos trez Estados divididos de New York, Connecticut e New Jersey, precisariam dos outros trez para obterem no collegio eleitoral a maioria necessaria para a escolha de HAYES. Que elles perderam aquelles Estados não houve a menor duvida no dia 8 de Novembro, poucas horas depois da eleição. A apuração bastante completa para todos os fins practicos foi ultimada dous ou trez dias depois da eleição, excepto, porém naquelles trez Estados do Sul.—Florida, Carolina do Sul e Luiziana.—Ora acontece que Mr. TILDEN sem esses Estados tinha seguro 184 votos electores e Mr. HAYES 166. O numero total de votos sendo 369 e a maioria absoluta 185, TILDEN só precisava de um voto mais para vencer no passo que HAYES precisava de todos os 19 dos tres Estados, para ganhar a eleição. Demais a mais succedeu que dous dos 166 electores republicanos, eleitos além de toda a duvida, eram pela Constituição ineligiveis, pois occu-

pavam logares de agentes de correio, sob salario federal.

A' vista desta situação, e dos muitos despachos contradictorios dos tres Estados, ácerca do resultado provavel e real da eleição em cada um d'elles, nossos leitores farão ideia de que excitação se apoderou todo o paiz. Durante a primeira semana, cada dia de demora parecia augmentar o estado altamente nervoso da população. Mas a razão principal dessa exacerbação pacifica era o facto que dous dos tres Estados, a Carolina do Sul e a Luiziana, teem sido governadas ultimamente pelo peor typo de *carpet-baggers*, esses aventureiros do Norte que no fim da guerra, emigraram para o Sul para "ensinal-o" a governar-se. O Governador da Carolina do Sul é um CHAMBERLAIN, do Massachusetts, que tem pillado sem piedade o povo daquelle *Prostrate State*, unindo-se para isto com o peor elemento da população negra que elle mesmo começara combatendo. Parece que CHAMBERLAIN poucos dias antes da eleição começou a ter serios receios que o Estado não declarar-se-hia pelos Republicanos. Pelo menos elle usou do estratagemma de "inventar" que havia no Estado muitos "clubs de tiro" *rifle-clubs*, que estavam intimidando a população negra, e sob esse pretexto, sem convocar a legislatura do Estado, sem que o Estado fosse victima de violencia domestica, sem primeiro tentar supprimir a pretendida violencia com as forças da milicia do Estado, sem nenhum desses requisitos constitucionaes elle obteve de GRANT, o facil instrumento de todos os *carpet-baggers*, uma força de tropas federaes que si não ia influir muito pelo numero, emprestaria certa força moral de que os Republicanos da Carolina tanto precisavam.

Quanto á Luiziana, ainda era Governador ali outro *carpet-bagger*, um KELLOGG, que nossos leitores bem conhecem por suas proesas electoraes em 1872 e 1873, de que nesse tempo nos occupámos extensamente. KELLOGG desta vez não invocou tropas como quando se reelgeu a si mesmo em 1873, nomeando uma Junta revisora dos votos, que excluira quanto districto eleitoral quiz. Mas tambem KELLOGG não precisava de tropas; elle organizou toda a legislatura eleitoral de modo que, fosse qual fosse a vontade do povo, a *Junta central da apuração* creatura sua, affieçoaria o resultado a seu geito.

E é de um destes Estados, assim manietados ao dominio de *carpet-baggers*, de bayonetas federaes e do dinheiro extorquido do seu proprio povo por legislaturas de negros sem propriedade nem instrução alguma, é de um desses Estados que depende a queda de um grande partido, e a subida de outro. O que é de admirar é, como nesta circumstancia, o povo dos Estados Unidos se tenha havido com tamanha discrição, paciencia e dominio de si mesmo.

Dependendo a eleição de Mr. TILDEN, como já dissemos, de um só voto, veem nossos leitores que necessario que é que nesses dous Estados se proceda a uma contagem de votos que seja honesta. Como tambem já observámos as juntas centraes que apuram os votos d'elles são organizadas de modo inteiramente partidario, e não dão garantia alguma de honestidade. Na Carolina do Sul o voto é contado por um *Board of Managers* em cada "precinct" (que corresponde á nossa freguezia); depois os votos dos *precincts* de um districto (*county*) são contados por uma commissão de *County Canvassers*, e depois disto pelo *State Canvassers*, que apuram a votação de todo o Estado. Ora a organização desses *Boards* é esta: a junta local e a do districto são compostas de trez membros, dous Republicanos e um Democrata; a junta geral do *State Canvassers* compõe-se unanimemente de Republicanos, a saber o "Secretario do Estado," H. E. HAYNE, de cor negra e candidato á reeleição nesta mesma eleição que tem de apurar; o Thezoureiro do Estado, F. L. CARBOZO, tambem negro, tambem candidato á reeleição; THOMAS D. DUNN, Centador do Estado, branco e tambem candidato á reeleição; e mais o *Attorney-general*, o branco W. STONE e o *Ajudante-general*, H. W. PARVIS, negro,—todos Republicanos, trez negros e dous brancos, todos creaturas do Governador, candidato á reeleição, trez d'elles mesmos candidatos á reeleição. Tal é a junta apuradora que decidirá por ventura quem será o futuro Presidente dos Estados Unidos! Tal é a junta que lançaria certamente este povo em guerra civil tivesse menos calma e bom-senso!

Agora quanto á Luiziana: é esta a lei:—Cada parochia forma um *precinct* ou districto eleitoral, excepto na capital em que cada subdivisão ou *ward* forma districto separado. Para todos os districtos do Estado o Governador nomêa, dous mezes antes da eleição, um *Supervisor of Registration* que tem a seu cargo o registro ou qualificação dos votos. A recepção e

a contagem dos votos é feita em cada parochia ou districto por trez *Commissioners*, escolhidos pelos "jurados da policia" dos respectivos districtos, excepto na capital, onde são nomeados pelo *Supervisor of Registration*. Esses *Commissioners* de districtos depois de contarem os votos lavram actas do resultado, em duplicata, e dentro de 24 horas mandam uma d'elles ao *Supervisor of Registration* e a outra ao escrivão do tribunal do districto. Os *Supervisors* a seu turno apuram as listas e remetem o resultado a uma junta central, o *Returning Board* de New Orleans, composto de cinco membros, e cujo dever é reunir-se dez dias depois da eleição, apurar os votos recebidos dos *Commissioners* por meio dos *Supervisors*, examinar todos os protestos e queixas de fraude e violencia e transmittir sua decisão final ao Governador do Estado que então manda expedir os diplomas, dentro de trinta dias. Segundo a jurisprudencia do Estado, este *Returning Board* teem alçada em ultima instancia em todas as questões electoraes. Os proprios tribunales assigno teem decidido, de modo que a duplicata da acta da eleição que os *Commissioners* mandam aos escrivães dos tribunales de districto é uma formalidade insensata. E' a este systema grosseiro que está confiado o resultado da eleição do futuro Presidente dos Estados Unidos! O *Returning Board* de New Orleans é afamado por suas trapaças anteriores.

Na eleição geral de 1873 tres desordens houve na sua organização que declararam-se uma duplicata de *Boards*, o "Lynch" e o "War-moth" cada um d'elles pretendendo ser o unico genuino e ambos havendo confundido tanto a verdade que quando o Congresso teve de contar o voto eleitoral em 1873, excluiu a Luiziana, de modo que nem GREELEY nem GRANT obteve seus votos. O *Board* que substituiu esses não foi melhor que elles, e incitou o grande motim de 1873 que resultou na intervenção militar (ilegal) de GRANT e SHERIDAN. Mr. WHEELER, o actual candidato republicano á Vice-presidencia, accusou esse *Board* de ter defraudado muitos votantes de seus votos; e uma commissão do Congresso republicano, composta, entre outros, de Mr. G. HOAR e de Mr. W. W. PHILLIS, dous illustres republicanos relatou que seus actos eram "arbitrarios, injustos e sem fundamento algum nas leis,"—parecer esse que foi approvedo pela Camara republicana.

Todos estes precedentes sendo aqui notorios, concebe-se bem com quanta ancia os patrioticos cidadãos da Republica olharam para o futuro quando uma dessas juntas electoraes estava agora revestida do direito de excluir a Mr. TILDEN do alto cargo a que por ventura haja sido eleito,—ao qual, segundo todas as melhores indicações, foi com effeito eleito. Assim que se definiu uma situação tão difficil como esta, Mr. HEWITT, o habil presidente da commissão geral do partido democratico em New York, dirigiu um convite a um dos chefes mais importantes em cada um dos Estados pedindo a sua presença em New Orleans para assistir á contagem dos votos e ali influir como melhor lhe parecer para que se não transtorne a vontade popular expressa nas urnas.

Este convite augmentou a excitação publica; e o Presidente GRANT, a quem por muito tempo não houveramos fallar, tambem d'elle participou. Trez dias depois da eleição, elle expediu duas ordens ao General em chefe do exercito dizendo que como havia suspeitas de que o voto eleitoral não seria livre, elle mandasse para a Florida e a Luiziana tropas militares disponiveis "para verem" disse elle, "que o povo e os *Boards of canvassers* legaes não sejam molestados no desempenho de seus deveres," e acrescenta que "si houver fundamento de suspeita de contagem fraudulenta, de lado a lado, que se denuncie o facto logo e logo." Conclue o Presidente dizendo que "Nenhum cidadão, digno do cargo de Presidente, querera exercel o si o voto fór contado e elle posto ali, por fraude." E com effeito, o General SHERMAN concentrou tropas em Tallahassee e em New Orleans.

Quanto a esta ordem do Presidente que o sempre treslonado *New York Herald* tanto louvou por dous dias (e esta convicção durou-lhe mais que de ordinario lhe duram as opiniões), esta ordem é inconstitucional. O Presidente não pode intervir nestes negocios particulares dos Estados, a menos que haja levantamento tal que o Estado afflicto não possa por si só domal-o. Ora na Luiziana e na Florida tem havido desde a eleição o maior socego possivel. Demais, GRANT não foi sincero quando pronunciou as palavras bonitas com que concluiu sua ordem ao General do exercito. Ha bem pouco tempo elle pronunciou aquelle celebre dicto *Let no guilty man escape* em refe-

rencia aos réos que lesaram o thesouro evitando os impostos sobre o whiskey, e logo depois deixou-os escapar todos, começando pelo seu amigo intimo, BANCOCK. O paiz está cansado destas phrases de effeito e sabe perfeitamente que GRANT não mandaria para a Luiziana tropas cuja influencia se declarasse por outra causa sinão pela decisão que elle chama "legal" do *Board of Canvassers*. A presença da tropa ali é bastante para acoroçoar o *Board* a commetter illegalidades. Talvez seja este o ultimo acto importante da administração de GRANT: si o fór, é o remate apropriado da infeliz administração de um militar feliz, mas ignorante.

Tal é a situação na acta em que escrevemos estas linhas (15 de Novembro): dentro em poucos dias o grande problema será provavelmente decidido. O paiz está tão resolvido que haja justiça na apuração que será difficil aos amigos da administração commetter fraudes em nada menos que trez Estados, todos os quaes,—pelo menos dous d'elles,—tendo votado por TILDEN segundo a opinião mais fidedigna dos entendidos das cousas do Sul. Todavia, a morte de um grande partido como o Republicano é lenta. A victoria ha de estrebuchar violentamente e lutar com o desespero antes de admittir a verdade terrivel dos factos.

Suppondo que os *returning boards* dos Estados enviem ao Presidente do Senado, para serem contados, os nomes de electores que se saiba não foram eleitos, qual é a auctoridade, si ha alguma que deve decidir das objecções postas a esses votos?—Tal é a grande questão que ao escrevermos estas linhas esta inquietando o paiz.

Vejamus antes de tudo o que diz a Constituição. A sua emenda XII, Sec. 1, é assim concebida:

"Os Eleitores reunir-se-hão nos seus respectivos Estados e votarão por cedula em duas pessoas, uma das quaes pelo menos não será habitante do mesmo Estado em que elles mesmos residem. E farão uma lista de todas as pessoas que tiverem voto e do numero de votos que cada uma recebeu, a qual lista assignarão e depois de certificada, transmittirão sellada á sede do Governo dos Estados Unidos, dirigida ao Presidente do Senado. O Presidente do Senado, em presença do Senado e da Camara dos Representantes abrirá todas as certidões, e os votos serão então contados. A pessoa que tiver o maior numero de votos será o Presidente, si esse numero formar a maioria de todos os electores nomeados."

Prosegue a Constituição determinando que no caso de empate a Camara dos Representantes decidirá por escrutínio qual deva ser escolhido, e si nenhum candidato obteve a maioria, a mesma Camara escolherá do mesmo modo um Presidente d'entre os trez cidadãos mais votados, a eleição sendo, porém, por Estados, cada Estado só tendo um voto, sendo necessaria a presença de pelo menos dous terços dos Estados e a maioria de votos de todos os Estados da União.

Proseguindo, a juncta a Constituição que o Congresso pode determinar o tempo de escolher os Eleitores e o dia da eleição, que deve ser o mesmo em toda a União.

Anteriormente, no § 2, a Constituição diz que cada Estado nomeará, do modo por que a sua legislatura possa determinar certo numero de Eleitores, etc., etc.

Taes são as disposições constitucionaes relativas ao ponto de que tractamos.

Consultando o *Federalist* vemos que a idéa que os fundadores da Republica tinham do papel de electores do Presidente era inteiramente diversa da que agora representam estes intermediarios da eleição. Esse assumpto foi longamente ventilado na Convenção constitucional. Dos muitos modos propostos para a eleição,—pela legislatura nacional, pelas legislaturas dos Estados, pela massa dos votantes, pelos votantes em districtos e por electores— a Convenção preferiu este último, porque (diz STONY, *Commentaries* § 261) "este modo de eleição asseguraria a sabedoria em concerto de um corpo escolhido de cidadãos distinctos, e seria seguido de menos excitação e mais deliberação do que haveria em eleição popular directa.... Suppunha-se por estas circumstancias que a escolha seria mais livre e independente, mais sabia e acutelada, mais satisfactoria e menos embaída do espirito do partido."

Que contraste nos apresenta hoje o collegio eleitoral! Todas essas paixões populares que os fundadores da Republica queriam desviar da escolha do Presidente são excitadas. Os electores não fazem escolha livre e independente: mas dão os seus votos áquelle cidadão que é candidato official de seu partido, candidato feito em *convenção* em que os verdadeiros electores são os directores da machina politica, os que fazem profissão da politica. O ideal con-

stitucional desapareceu inteiramente, e poucos annos depois de organizado o Governo Pode-se dizer que o Presidente sempre foi eleito pela massa dos votantes dos Estados.

Ora, segundo o verdadeiro ideal da Constituição, a abertura e a contagem dos votos pelo Presidente do Senado era apenas uma formalidade solemne. O pacto fundamental não se demorou a prescrever regras para essa abertura e contagem por creal-a mui simples,—sendo a escolha feita pela livre vontade de poucos eleitores, cujo voto seria facilmente notado e contado. Com a profunda mudança desse regimen, porém, esta simples solemnidade tem aberto margem a muitas duvidas e actualmente é a causa das mais serias apprehensões. A questão é esta:—No caso de ser impugnada a eleição de algum eleitor por qualquer fraude ou disqualificação constitucional, qual a extensão das faculdades que para decidirem a recepção do voto tem o Congresso e o Presidente do Senado? A Constituição não previu os *returning-boards*, nem a intervenção armada de GRANT, nem essas fraudes eleitoraes que ora humilham este grande paiz a ponto de ficar a eleição do seu Presidente dependente de trez individuos, ha poucos annos escravos, sem cultura alguma talvez mal sabendo escrever. Nas actuaes circumstancias, pois, é da summa gravidade estabelecer-se bem si o Presidente do Senado deve contar *totas* as listas de eleitores que lhe são remetidas dos Estados ou si tem direito qualquer a este respeito; e si o Congresso pôde excluir os votos de eleitores evidentemente disqualificados pela Constituição.

Essa contingencia já fôra prevista por alguns estadistas. Ha dezesseis annos as duas Camaras adoptaram uma "Joint rule 221," um artigo do seu regimento interno commum, regulando o modo da contagem dos votos dos eleitores; e determinando, entre mais consas, que, si enquanto as duas Camaras estivessem em sessão mixta para presenciarem a contagem, algum membro dellas objectasse a recepção de algum voto eleitoral, as camaras retirar-se-hiam ás suas salas immediatamente e cada uma dellas, assim isolada, decidiria sem debate a objectção; e si não fosse rejeitada pelo voto de ambas as camaras então o voto ou votos disputados não seriam recebidos.

Vê-se claramente que esta *Joint rule* era muito arbitraria. Bastava a objectção mais immaterial e trivial, sustentada por uma das camaras, para excluir um Estado da União de uma de suas mais estimaveis prerogativas constitucionaes. Não é de admirar que esse artigo do regimento fosse revogado na sessão passada. O que é de admirar é que fosse posto em execução duas vezes sem grande opposição dos Estados excluidos.

Em Fevereiro de 1873, por occasião de se contarem os votos cuja maioria reelegem o Presidente GRANT, alguém objectou a recepção dos votos do Arkansas, porque a certidão assignada pelo Governador não estava appenso o grande sello do Estado! Posto que a Camara dos Representantes não tivesse sustentado a objectção, o Senado approvou-a e o Arkansas foi excluido da eleição. Nessa mesma occasião a Camara sustentou uma objectção contra a recepção do voto da Georgia porque votara em H. GREELEY, porque este havia fallecido, e a Georgia foi excluida da eleição.

Em 1874 o Senador MORTON crando que esta disposição regimental era muito perigosa, propoz-lhe uma emenda, determinando que nenhum voto eleitoral seria rejeitado sinão com o consentimento de ambas as casas do Congresso, e permittindo em cada camara uma curta discussão sobre a objectção. O Senado approvou esta emenda, mas ella nunca chegou á outra camara que aliás sabia-se que a rejeitaria. Presentemente não está em vigor o artigo regimental e a contagem dos votos da proxima eleição se fará segundo as escassas providencias da Constituição.

Divergem muito as opiniões sobre ella, como já dissemos. Os Republicanos, que tem maioria no Senado, estão sustentando geralmente que a Constituição não declarando expressamente por quem os votos devam ser contados (ella só exprime que o Presidente deve *abrir*), deve regular o precedente de 1857 quando o Presidente do Senado, MASON, não quiz ouvir as objectções, que alguns offerciam, ao recebimento do voto de Wisconsin e declarou que tudo estava fôra de ordem excepto a contagem dos votos.

Do outro lado os Democratras, cuja maioria na Camara é bem numerosa, sustentam que o Presidente do Senado nem conta os votos nem pode impedir que as camaras tomem nota e decidam das objectções que se levantarem contra votos illegaes. Ao precedente de MASON em

1857 elles contrapõem os precedentes mais frescos da *Joint-rule* 22d, que esteve em vigor por duas eleições do Presidente e segundo a qual se fizeram e aceitaram objectções que excluiram varios Estados da eleição.

Bons ou maus, estes precedentes devem servir de norma de conduncta na contagem dos votos do proximo Presidente. Além disto, dizem elles que a lei regulamentar que determina o modo da transmissão das certidões dos eleitores ao Presidente resa desta fórma:

"O Presidente do Senado... abrirá *totas* as certidões (contendo as listas dos votos que os eleitores remetteram-lhe) e os votos serão então contados."

Ora, allegam elles, não diz a lei que o Presidente do Senado conte *todos* os votos, quando logo antes disso declarou expressamente que lhe competia abrir *totas* as certidões. E' que essa contagem pôde não ser feita por elle; e com effeito, ainda aduzem os Democratras, desde a fundação do Governo a contagem é feita por escriptores nomeados por ambas as camaras.

Por tudo isto, concluem elles, a Camara dos Representantes pôde insistir, durante a proxima sessão (de Dezembro a Fevereiro) na passagem de algum artigo regimental semelhante ao 221. *Joint-Rule*, que regulou as duas ultimas eleições em 1869 e 1873.

Parece á primeira vista que os Democratras tomaram o lado mais defensivo da questão. Na verdade o seu lado, ou antes o lado em que actualmente se collocaram pela conveniencia politica da situação, pôde sustentar-se por muitas outras boas razões, algumas das quaes o mesmo escriptor destas linhas sob as iniciais J. C. R. expendeu a 15 de Novembro no *World*, o grande organo democratico do paiz. A Constituição não ha duvida, guarda silencio sobre o direito que o Congresso pôde ter ou não de, na contagem dos votos, excluir os que julgar illegaes. Pelo seu espirito geral parece-nos que o Presidente não tem sinão que contar os votos remetidos pelos eleitores e declarar o resultado perante as camaras, representantes do povo. Mas tambem nos parece que as proprias camaras não são autorizadas a verificar os poderes dos eleitores. A Constituição diz que "cada Estado elegerá, do modo marcado pela respectiva legislatura, certo numero de eleitores egual," etc. Ora si por exemplo a legislatura da Luiziana deu ultima alçada em questões eleitoraes ao seu *Returning-board*, por peor organo que seja, parece que o Congresso não pôde ir investigar a natureza desses votos assim escripturados pelo *Board*: isso pertence ao povo da Luiziana.

Demais, a Constituição deu a cada uma das Camaras o direito de julgar das eleições e qualificações de seus proprios membros: ora o collegio eleitoral é um corpo especial, de que a Constituição exclue os membros de qualquer das duas camaras e todos aquelles que occupam logar de confiança ou que são pagos pelos Estados Unidos, e esta incompatibilidade foi decretada (segundo o *Federalist*) para que se assegurasse ao eleitor aquella independencia ideal com que devia escolher o Presidente da União: como é, pois, que se vai dar á cada uma das camaras o direito de objectar a recepção e contagem desses eleitores, assim elitos segundo as leis dos Estados.

Tudo isto é logico e segundo o espirito da Constituição. A difficuldade, porém, não fica menos aspera. Com effeito, ha casos em que a eleição pôde vir perfeita do Estado e entre tanto estar viciada *constitucionalmente*. Supponhamos que os eleitores mundem, entre seus nomes, o de algum empregado publico,—hypothese que pode acontecer, pois ainda nesta eleição, como já dissemos, foram escolhidos eleitores dous agentes de correio: o que fará o Congresso: deverá permittir que se conte esse voto de um eleitor que pela letra expressa da Constituição não pode ser eleitor? Pelo menos, não contará o seu voto, mas isso não seria aparentemente uma usurpação do direito dos Estados?

Que deve haver alguma auctoridade que, por exemplo na hypothese figurada, decida não contar o voto, parece-nos indubitavel; e que a auctoridade deve residir não no Presidente do Senado ou na Camara, em separado, mas nas duas camaras mixtas parece-nos bem sustentavel. O corpo eleitoral, si se reunisse todo, como o Congresso, seria, a nosso ver o verdadeiro juiz da qualificação de seus membros. Não se reunindo, são por Estados, e sendo feito a imagem do Congresso, com tantos membros quantos são os do Congresso, é este, em nossa opinião, a melhor auctoridade para julgar desses questões relativas ao voto eleitoral.

Nesta proxima sessão o Congresso ha de adoptar algum meio expedito de solver a diffi-

culdade em Fevereiro p. f., e provavelmente haverá discussão muito animado e até apaixonada, sobre o assumpto. Mas, em nossa opinião é necessaria urgentemente uma lei geral que accentue o espirito da Constituição, arredando o mais possivel de Washington as questões de verificação de poderes, mas ao mesmo tempo prescrevendo remedio para duas ordens de abusos, 1ª vicioso organismo que nos Estados decide da validade das eleições e 2ª o silencio da Constituição acerca dos poderes do Congresso em certas emergencias em que o voto recebido possa ser illegal e não deva ser contado. Será para isso necessario, provavelmente, uma emenda constitucional; mas com ou sem ella a lei deve ser muito clara a este respeito, ao contrario será o paiz brevemente immerso n'alguma grande guerra civil.

Basta que uma emenda constitucional obrigue as auctoridades eleitoraes a liquidarem a votação dentro de certo prazo, e prohiba que qualquer junta ou comissão assuma definitivamente a decisão das reclamações dos cidadãos, mas decreto que só os tribunaes communs devam ouvir as summariamente. Deste modo garante-se a soberania do Estado e se põe um freio ao espirito de partido que sempre quer influenciar nesses *boards*. Do outro lado basta que a emenda declare expressamente em que casos o Congresso em sessão mixta possa negar-se a contar os votos dos eleitores.

Desse modo arredar-se ha o mais possivel de Washington qualquer motivo muito forte de amargos recriminações e de ulterior guerra civil.

A situação, como acabamos de ver, é perigosa ao presente. E' necessario muita prudencia, muito patriotismo de lado e lado para que as duas Camaras adoptem a norma que vai servir-lhes de conduncta no proximo contar dos votos em Fevereiro. Infelizmente a questão é tal que não ha logar a meio termo ou compromisso: ou Mr. TILDEN tem mais um voto e é eleito ou HAYES recebe todos os duvidosos e exclue o seu rival. Entretanto pode ser que, como dissemos ao começarmos este artigo, algum dos trez Estados indecisos se declare indubitavelmente por TILDEN, e deste modo não haja mais necessidade de uma regra temporaria para a contagem. Em todo o caso, porém, é essencial que o paiz não se veja novamente ao perigo em que tem estado e que se legislem as medidas necessarias para dar realidade e vida á idéa da Constituição.

A RESPONSABILIDADE MEDICA.

Não é raro ver-se na imprensa do Rio de Janeiro alguma publicação altamente offensiva da dignidade medica. Nenhuma porém nos parece mais grave do que uma analyse feita no *Journal do Commercio* com relação ao VISCONDE DE SANTA IZABEL, medico de S. A. L., a Sra. CONDESSA D'EU. Em qualquer paiz da Europa, menos a Turquia, o medico auctor dessa publicação seria immediatamente punido por sua classe, e se pertencesse a alguma Associação não vemos que pena mais suave ao que a de expulsão motivada podia ser-lhe imposta. Esse facultativo faz o publico juiz de uma questão em que entra com o Sr. VISCONDE DE SANTA IZABEL a proposito de um infeliz accidente, e não há talvez imaginario desgosto que elle por te nosseus juizes. Ouvimos porém que nem pela gravidade das conjecturas, nem pela ignorancia dos processos logicos, nem pelo sentimento de indignação que elle produz o seu artigo actual aproxima-se de outros a que deu lugar o nascimento do PRINCEPE DO GRÃO PARA. Não é a esse doutor que nos dirigimos, o qual não poderia renovar actualmente toda a sua educação medica; mas á mocidade que se forma nas nossas Faculdades de Medicina diremos com toda a franqueza: "Os actuaes costumes da vossa classe em nosso paiz são maus. Os medicos têm responsabilidades muito diversas, para comsig o mesmo, para com os seus clientes, e para com os seus colligas. Em toda a parte elles formam como uma maçonaria de honra e de lealdade entre si. E' preciso que os representantes officiaes da classe que não deixam a profissão tornar-se em especulação e a sciencia rebaixar-se á uma arte de annuncios e de cartazes, em que todos os meios são bons para aquilular o pelotiqueiro rival,—por outro lado protejam o facultativo á cabeceira do leito do doente e no transe de uma operação grave contra o receio de que seus proprios collegas tracem de perdê-lo por meio da imprensa. O medico pertence a uma classe, não é uma unidade. As disputas pessoais, as acenações apaixonadas, entre os que são responsaveis pela vida humana, só podem abalar o credito da profissão. A lealdade medica é uma boa tradição e

a dignidade da carreira no Brazil reclama que não fique moralmente impune quem faltar á sua responsabilidade."

NOTAS EM GERAL.

—A cantora JENNY LIND doou 40,000\$ á Academia das Artes Liberaes de Stockolmo para auxilio dos estudantes pobres.

—Corre na Inglaterra que Lord BEACONSFIELD vai retirar-se da presidencia do conselho, em que será sucedido por Lord NORTHGOTE.

—Os soldados espanhoes que chegam á Cuba ou morrem ou são obrigados a recolherem-se aos hospitaes dentro de um mez depois da chegada.

—O Consul francez em Shanghai escreve que a colheita da seda é pessima este anno, e que o preço dessa mercadoria teve grande subida.

—A celebre velha larangeira de Versalhes chamada *Le Grand Bourbon* morreu ultimamente com 455 annos de idade. Essa arvore proveiu de uma semente que a Rainha de Navarra fez o seu jardineiro plantar em 1421 no seu jardim de Pampeluna. Quando a planta cresceu era grande raridade e em 1532 FRANCISCO I confisecou-a e levou-a para Fontainebleau. Em 1681 LUIZ XIV transplantou-a para Versalhes. Foi, pois, uma arvore com grande arvore genealogica.

—A mortalidade média em Londres é agora 18, em Edimburgo 12 em Glasgow 21 e em Doblum 18, em cada mil habitantes.

—De um recente relatório do Governo francez consta que de 1865 a 1874 a emigração da França foi apenas de 60,245 pessoas, 71 por cento homens e 29 do sexo feminino. Durante o mesmo periodo á immigração de pessoas que pretendem estabelecer-se em França foi de 63,025, quasi todos da fronteira do léste.

—A força militar da Inglaterra, incluindo milicia e voluntarios é 470,766 pessoas, das quaes 191,834 são do exercito regular. A marinha compoe-se de 65,000 homens.—A Alemanha tem 1,687,000 soldados de todas as castes e uma força naval de 3,000 homens.—Austria conta, incluindo as reservas, cerca de 800,000 homens no exercito e 14,500 na marinha.—A Italia tem um exercito de 350,000 homens e uma marinha de 10,000.—A Turquia depende de 310,000 combatentes, a Rumania, de 58,000 e a Servia, 117,000.

—No territorio de Wyoming, Estados Unidos ha suffragio mulheril. Na ultima eleição votou ali dezoito mil e tantas senhoras.

—Diz-se que a população do Perú em vez de augmentar tem diminuido e que é de menos de trez milhões.

—N'um jantar publico recentemente dado pela Sociedade Anthropologica de Paris correu um abaixo-assinado de pessoas que doam seus cerebros á sociedade para exame *post-mortem*. Crê a sociedade que a analyse de cerebros de pessoas, cujos pensamentos e obras são conhecidos é de summa importancia scientifica.

—Os Ingleses estão plantando extensamente a chinchona na India, onde já existem trez milhões destas arvores preciosas, quasi todas da variedade de casca vermelha, que, posto que não produza tanta quinina como a da casca amarella, contém mais alealoide. Em Londres essa casca da chinchona india é vendida promptamente a 2\$ por libra.

—Um periodico allemão tem muito pezar em annunciar que a população da Prussia que de 1861 a 1864 augmentara-se por 8,409 pessoas, no decennio de 1862 a 1871 diminuiu por 52,100 pessoas e attribue isto principalmente á nova lei do casamento. Antiguamente a idade nubil era de 14 para as raparigas e 16 para os varões; agora é respectivamente 18 e 20. A diminuição é só nos districtos ruraes pois nas cidades a população tem augmentado. Em 1867 Berlin tinha 702,437 habitantes: em 1873 o numero destes excedia 826,000.

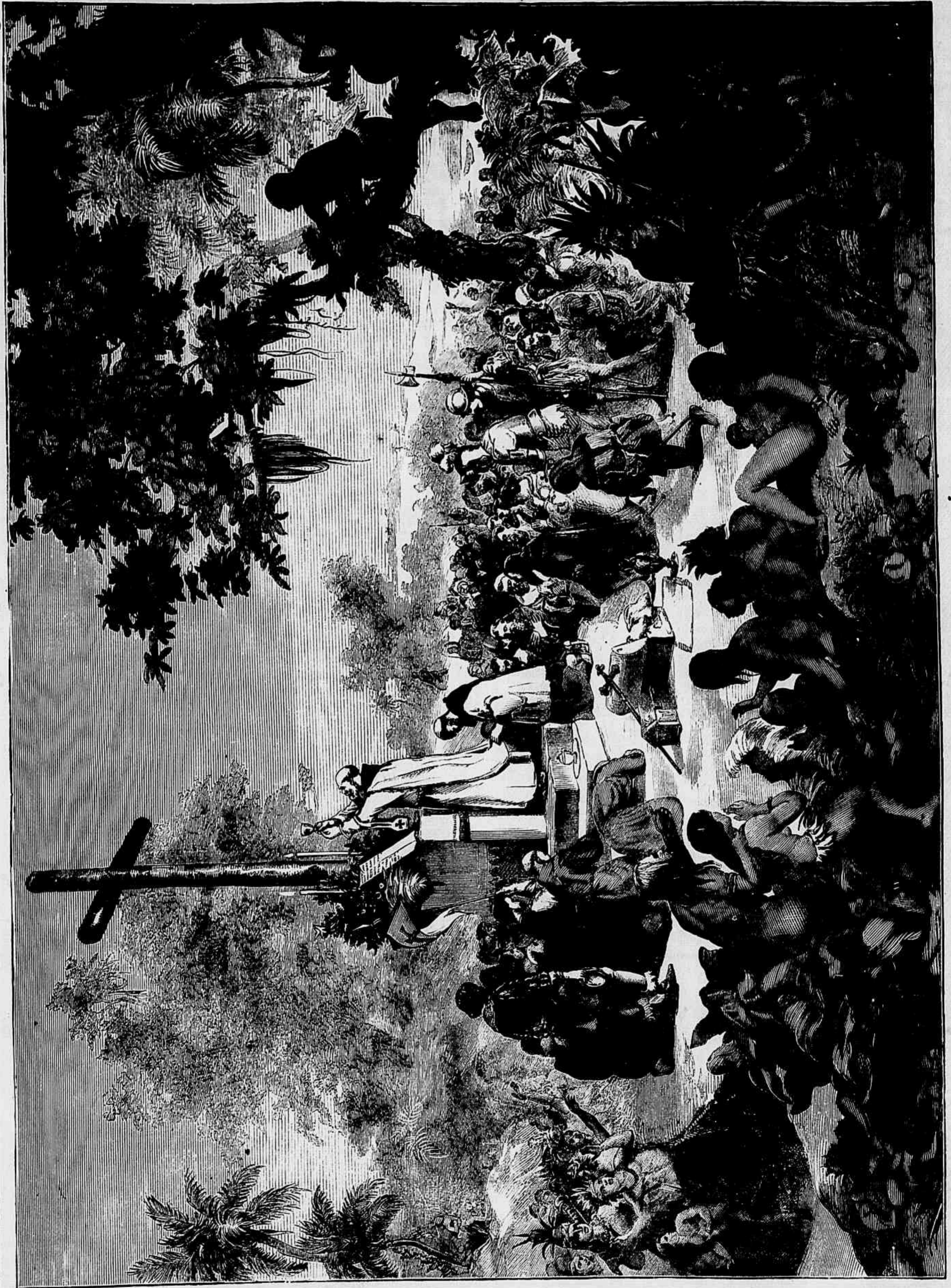
—Os nossos amigos, os Srs. R. H. ALLEN & Cª, que continuamente annunciam em nosso jornal os productos de sua afimada casa de *instrumentos aratorios* obtiveram nada menos de oito MEDALHAS na ultima Exposição universal de Philadelphia, a saber:

- 1 pelos Arados e Cultivadores da Canna;
- 1 pelas Moendas e Evaporador de Assucar;
- 1 pelos Arados de Aço para fins geraes;
- 1 por Instrumentos de Agricultura;
- 1 por Machinas a vapor transportaveis;
- 1 por Debullidores de vilho;
- 1 por Machinas de Semear, e
- 1 por Machinas de Tijollos.

Todos esses productos tem sido annuciados no *Novo Mundo*.



A EXPOSIÇÃO DE PHILADELPHIA:—"A' ESPREITA".—[ESTATUA DE BERNARDELLI, RIO DE JANEIRO.]



A EXPOSIÇÃO DE PHILADELPHIA:—"A PRIMEIRA MISSA NO BRAZIL."—[QUADRO DE VICTOR MEIRELLES DE LIMA.]

A FRANÇA DE 1876.

Disse outr'ora SHAKSPEARE:—A França, soldado de DEUS!—Si o sublime poeta visse hoje, diria melhor:—A França mestra da Humanidade!

Quem pôde reconhecer sem assombro, na França de 1876, pacífica e trabalhadora, a bellicosa e irrequieta França dos tempos dos NAPOLEÕES?

O espadachim e o botafogo da Europa convertido no paiz mais pacífico, mais economico, mais trabalhador, e mais prospere do velho mundo!

“La France a été éclairée à l'école du malheur. L'opinion publique s'est ddgagée de ce sentiment belliqueux, qui a, plus d'une fois, contribué aux complications de la politique européenne jus les gouvernements monarchiques.”

Sim, JOSEPH GARNIER, a França desilludiu se, enfim, na escola da desgraça. O bom BENJAMIN FRANKLIN já tinha dito:—A experiencia tem uma escola, onde as lições custam caro!

A lição da França foi carissima; em compensação, porém, foi do maximo proveito não só para ella como para toda a humanidade.

Não foi somente a França que se esclareceu; toda a familia humana aprendeu uma grande lição sobre paz e guerra; sobre republica e monarchia. Até aqui os politicos de profissão, os *politicians*, os arautos da monarchia e da theocracia, amedrontavam os povos dizendo:—A Republica é a guerra! O ultimo dos NAPOLEÕES ousou mentir:—*L'Empire c'est la Paix!*

Pois bem: a todos esses esplendores da humanidade a França de 1876 responde:—A Republica é a Paz e a Prosperidade; é a industria e o trabalho no maximo desenvolvimento; é a economia e a parcimonia; é a Justiça e o Bem-estar, assegurados a toda a familia franceza sem distincção alguma de raças ou de castas. A monarchia, essa sim, era a guerra civil e a religiosa, hedionda e atroz, nos nefandos tempos dos MEDICIS e dos GUISAS; louca e quixotesca nos ominosos tempos dos LUÍZ XIV e dos NAPOLEÕES; era a industria e o trabalho susgeitos a um sem numero de regulamentos, esmagados por um acervo de monopolios, sob o hypocrita rotulo *protecção*; era o esbanjamento e a delapidacão constituídos em systema financeiro; eram os faustos de Versalhes e a luxuria do Trianon e de Compiègne; era em fim, todos os requintes do luxo para os reis e seus asseclas e os mais iniquos impostos de suor e de sangue para o misero povo.

Eis ahí o que França, e com ella toda a familia humana, aprendeu na escola das misérias de 1870 e 1871!

* *

Os estadistas lá do Imperio só leem em livros francezes; só imitam instituições francezas. Temos por isso infundo prazer em registrar as boas lições que nos vem da França.

Na ultima sessão da Assembléa o ex-ministro DUBAURE disse sabiamente:

“Le Gouvernement n'a ni la mission, ni le pouvoir d'améliorer directement le sort des populations; mais il les aide dans cette tâche en maintenant l'ordre; en garantissant la justice à l'aide des quelles chaquem travaille à l'amélioration de sa condition.”

Foi a primeira vez que um Ministro da França teve a coragem de dizer a verdade aos seus compatriotas. Essas sinceras palavras de DUBAURE são a mortalha do charlatanismo governamental; do Governo-providencia, distribuindo maná a toda a população boquiaberta!

Na terra classica do governamentalismo é preciso ter sinceridade republicana para dizer em pleno parlamento: “O Governo não é providencia-divina; não tem a missão nem o poder de melhorar a sorte de cada um; sua missão é simplesmente manter a ordem; assegurar a imparcial distribuição da Justiça;

e deixar a cada individuo a liberdade de trabalhar para sua felicidade!”

Outr'ora os Governos da França supunham-se autorizados a regular tudo: não só a fazenda, com a qual devia ser feita a roupa de cada individuo, como até o numero dos botões, que devia haver nos seus calções.

Que boa lição para essa terra, onde se julga que ao Ministro do Imperio varrer as ruas e contractar carne barata; e e ao Ministro d'Agricultura illuminar as ruas, dar agoa e até tractar de esgotos!

* *

O ex-ministro MARCERE secundou brilhantemente ao collega DUBAURE; dice em uma reunião de seus eleitores:—“Do que mais precisamos é que haja a menor somma possível de Governo.”

Quantum mulatus ab illo!

Quem diria que um Ministro da França, da terra classica da centralisação e do monopolio governamental, declararia, um dia a seus eleitores:

“Ha governo de mais em França; necessitamos cortar as attribuições do Governo; precisamos abrir espaço à iniciativa individual e ao espirito de associação. Cumpre terminar com o regulamentarismo, acabar com a funesta intervenção do Governo em tudo e em todas as cousas!”

Desde GOURNAY e QUENAY que se diz em França: *Laissez faire! Laissez passer!*

Desde Sr. JUST que se prêga:—*Pas trop gouverner!*

Mas é a primeira vez que um Ministro da França tem a coragem de romper com as velhas tradições de centralisação, de regulamentarismo, e de monopolio governamental e vir repetir com a Escola Liberal:

“The world is governed too much.”
“O governamentalismo é um dos maiores flagellos da humanidade!”

* *

O que mais allegria aos philanthropos, no estudo da maravilhosa França de 1876, é reconhecer que as puras idéas democraticas de paz e de fraternidade internacional derramam-se abundantemente por toda a nação franceza.

Si, por desgraça da humanidade, em 1876, ainda reinasse em França um NAPOLEÃO estariam hoje os Francezes outra vez na Criméa, auxiliando os Turcos a opprimir seus desgraçados subditos.

Hoje a “Sociedade dos amigos da Paz,” de Pariz, envia aos Conselhos Geraes da França estas trez proposições:

- 1º—Adopção do principio da “Arbitragem Internacional” como uma das bases da politica republicana;
- 2º—O ensino da Economia Politica nas Escolas Normaes Primarias;
- 3º—O desenvolvimento das Caixas Economicas Escolares.

A primeira proposição tem evidentemente por fim matar o demonio da guerra; a segunda terminar com os absolutos prejuizos e preconceitos de monopolios individuais e nacionaes, sob o pretexto de protecção a industria; o terceiro, enfim, dar aos Francezes, desde os bancos da Escola, esse espirito de parcimonia e de economia, que produziu o milagre de poder a França pagar, em poucos annos, a maior contribuição de guerra, de que ha noticia, e accumular no seu Banco mais ouro do que no da propria Inglaterra!

Ao passo que NAPOLEÃO I prohibia o ensino da Economia Politica e fazia JEAN BAPTISTE SAY ir peregrinar na patria de ADAM SMITH, a rediviva Republica Franceza, por moção do Deputado WILSON, abre credito para as cadeiras de Economia Politica nas Escolas de Direito afim de ensinar a seus futuros governantes as boas doutrinas da Liberdade de Commercio!

* *

Não causam menos assombro os phenomenos economicos e financeiros, que ora se dão na prodigiosa Republica. Quando todo o mundo, inclusive a In-

laterra e os Estados Unidos, se acha em crise, a industria floresce em França admiravelmente.

Em todas as velhas monarchias da Europa estão afiando as espadas para uma guerra; a França republicana prepara-se entusiasticamente para sua 3ª Exposição Universal!

O emprestimo para essa exposição foi coberto 57 vezes! Não ha exemplo de tal superabundancia de capital nos annos financeiros do mundo! Ao mesmo tempo um emprestimo em Berlim ficava a descoberto por 25 p. c.

Já dissemos, nestas mesmas columnas do *Novo Mundo*: “*Vae Victoribus!*”

Ai d'aquelles que querem fazer retrogradar a humanidade para os nefandos tempos das conquistas a ferro e fogo; para o hediondo predominio da força bruta!

Ai d'aquelles que ainda duvidam que a humanidade tem a cumprir uma gloriosa missão de paz e de prosperidade; de Progresso e de Liberdade!

* *

Agora para os fanaticos da monarchia; para os supersticiosos que ainda creem que os reis são os representantes de DEUS na terra; que não se pôde ser feliz sem ser subdito de uma “*testa coroadada*,” de um primo do Sol ou de um neto da Lua; de algum “*sangue azul*,” descendente de CLOVIS, de CHILPERIC, ou de algum outro Ferrabraz dos tempos semi-barbaros; agora para esses “*cegos*” por que não querem vêr; “*surdos*” por que não querem ouvir; agora para todos os bonzos dos idolos reaes,—um olhar para a misera Hespanha.

Não lhe faltam reis!

Tem um rei-menino; uma rainha-mãe e uma rainha-avó!... “*Risum teneatis, Amici!*”

Tem trez Côrtes; em uma CANOVAS faz esforços herculeos para dar-lhe um verniz de progressismo; n'outra impéram os Jesuitas; n'outra, enfim, alguns fidalgos fosséis que preferem a avó à mãe!

A Hespanha está em plena bancarrota; põe em crise os banqueiros portuguezes que tiveram a simplicidade de acreditar que o menino AFFONSO faria a felicidade da malfadada patria do Cid! Pois bem; a rainha-mãe exige 40 milhões de indemnisação e a rainha-avó 30 milhões!

Renasce na misera Hespanha o fanatismo religioso; insultam os sacerdotes protestantes e o jesuitismo, depois de ter aquilado a feroz guerra civil de D CARLOS pôe esse desgraçado paiz em conflicto com as mais poderosas nações da Europa!

Escravos, em sua propria patria, os Hespanhóes partem aos 20,000 para irem suffocar a liberdade na heroica ilha de Cuba!

Eis ahí a bemaventurança, que dá a monarchia a Hespanha!

Guerra, bancarrota e trez côrtes e esbanjarem com Jesuitas, intrigantes e parasitas o suor do misero povo!

* *

Ah! Olhemos ainda uma vez para a gloriosa França de 1876!

DEUS te salve! Sublime patria de SULLY, de VAUBAN, de FENELON, de TURGOT e de CONDORCET! DEUS te salve rediviva Republica, tal qual idearam os patriarchas de 1789!

O que foi a Grecia nos tempos idos, generosa mãe da democracia e do bello, és tu, França, nos tempos hodiernos.

Fortaleces a fé nas instituições republicanas; asseguras a humanidade a promessa de um futuro melhor! DEUS te salve! Mestra da familia humana! Dás ao velho mundo o saucto exemplo de uma Republica mais pacífica, mais sabia, mais prudente, mais prospera do que as decrepitas monarchias?

Ah! Accelére o Omnipotente DEUS o dia, em que a Nação Brasileira, forte pela sua moralidade, pela sua sabedoria e pelo seu trabalho, possa dispensar a tutela dos reis, e vir tomar um lugar glorioso entre as Republicas da França e dos Estados Unidos!

O DR. FELIPPE DA MOTTA.

EM um numero anterior já tivemos occasião de referir os importantes serviços que em relação á instrucção publica de nosso paiz tem e está prestando em Philadelphia o Sr. Dr. FELIPPE DA MOTTA, Commissario especial do Governo.

Depois de concluida a Exposição, o Sr. Dr. MOTTA obteve trocas importantes de livros e trabalhos de escolas, que, junctamente com modelos de mobilia e obje tos de escolas, que tem comprado por conta do nosso Governo, remette agora para o Rio de Janeiro pelo paquete *Donat*. O Sr. Dr. MOTTA fez uma bella exposição escolar do Brazil em Philadelphia e a sua secção foi visitada por perto de cincoenta mil pessoas, que se interessam na educação publica e que registraram seus nomes em um livro para esse fim destinado por elle.

No dia 8 de Dezembro o Sr. Dr. MOTTA chegou a New York, cujas escolas visitou. Depois disto, vai visitar os diversos Estados e inspecionar os seus systemas de instrucção publica.

Ao terminar a Exposição o mesmo senhor distribuiu as colleções de livros escolares e os diversos trabalhos dos alumnos brasileiros pelas principais instituições d'instrucção publica dos Estados Unidos, cabendo maior partilha ao museu de educação em Washington e á repartição d'instrucção publica do Estado de Pennsylvania. recebendo porém, cada um dos Estados da União, uma lembrança do Brazil em livros, mappas, photographias de edificios escolares e trabalhos de alumnos das escolas brasileiras.

CRISE FINANCEIRA DO PERU.

Diz um velho rifão portuguez:—“Quando as barbas do teu visinho ardem põe as tuas de molho.”

Que nossos politicos estudando os males, que affligem ao Perú, aprendam a evitar males eguaes para nossa patria!

Lemos com a maior dôr o notavel artigo da *Reforma* de 7 de Setembro, resumindo o deploravel estado, em que se acham as finanças provinciales. E' necessario que nossos politicos deem treguas aos ardores eleitoraes, e cuidem seriamente na reforma dos innumerados abusos, que arruinam as finanças das provincias.

Merecem ainda maior solicitude as finanças geraes do Imperio. Felizmente pôz-se um ponto final na insensata occupação militar do Paraguay. E' uma economia de 2,000 a 3,000 contos por anno. Ainda bem!

A Republica Argentina, que nossos diplomatas constituiram inimigo perpetuo do Imperio, está de tal modo que, por muitos annos, perderá a sanha bellicosa. E' occasião, pois, de reduzir os orçamentos da Marinha e da Guerra de 6 a 7000 contos de réis, e de restituir á agricultura e á industria milhares de cidadãos.

E' com as sobras, assim obtidas, que o Brazil deve construir seus caminhos de ferro. Cumpre evitar cuidadosamente o ruinoso systema dos emprestimos no estrangeiro: tanto mais fataes quanto são quasi sempre distrabidos para despesas militares em lugar de se empregarem em obras de utilidade publica. Raro é o Governo, que tem a virtude de, achando-se na posse de milhões de libras esterlinas, guardal-as fielmente e só empregal-as em empresas uteis. Quasi sempre cedem á burocracia e o militarismo as sommas, que deviam ser escrupulosamente reservadas para empregos reproductivos e melhoramentos reaes do paiz.

Vamos dar no seguinte extracto de uma carta de TH. MANSQUIN ao illustre Mestre de Economia Politica JOSEPH GARNIER provas irrecusaveis do quanto acabamos de avançar.

“Parece que o Perú foi destinado ás experiencias economicas as mais dramaticas: sua economia accidentada como seu solo e seu clima, presta-se maravilhosamente a todos os excessos da ignorancia ou da temeridade. Já tive occasião de fallar-vos das desordens prodigiosas, que produziu no Perú a pratica inconsciente do duplo padrão monetario. Ides agora vêr que os males actuaes são ainda mais prodigiosos, si tal appellido merecem os effectos sobre o paiz da cegueira e da paixão dos governos, que não sabem ou não se querem inspirar nos principios salutareos do direito commum

Ha 25 annos, apenas, o Perú despendia 6 milhões de piastras, por anno, e sua divida não excedia de 40 milhões. De repente suas despesas cresceram a tal ponto que, ainda hoje, depois de reduções forçadas, excedem a 20 milhões de piastras por anno e que sua divida não é inferior a 200 milhões de piastras!

—Que se passou para produzir tão assolbroso desenvolvimento nas despesas publicas de um paiz, cujas finanças estiverem sempre em crise, e cujo credito era quasi nullo até 1848? —Descubrio-se o Guano.

Foi esta riqueza, que cabiu do céo, a origem de calamitosas loucuras e de ruina para o Perú, que parecia ter com ella seguro o seu porvir financeiro; poder transformar seu fisco, necessitado e oberado de dividas, em simples dispensador de uma renda perpetua superior, dupla ou tripla de seu orçamento; poder, enfim, supprimir todos os impostos, que pesavam sobre a população! Si o Perú se tivesse contentado em gastar sómente o seu orçamento ordinario e a renda do guano, já teria commettido grande erro; mas foi muito além porque sua dívida quintuplicou! Esbanjou simultaneamente seus recursos e seu credito: hoje falta-lhe tudo ao mesmo tempo!

Mas cumpre caracterisar os effeitos d'essa monstruosa desordem nas finanças do Perú: é ahí que se acha a lição, que desejo por agora em relevo.

Em todos os tempos os ordenados dos empregados publicos e os soldos dos militares do

o pagamento dos juros da dívida externa. A partir desse momento ficou o governo peruano sem recursos extraordinarios para as despesas internas; e, como seus encargos eram tão extraordinarios quanto os recursos, que tirava do guano, achou-se na impossibilidade de satisfazer os em a necessidade de suspender o pagamento dos juros da dívida interna e dos soldos e ordenados dos militares e empregados publicos. Graças a esse deploravel expediente poudo o Perú continuar a pagar os juros de sua dívida externa; mas a ruina, que tem suas causas reflexas como a prosperidade, lio tornou, em breve, impossivel dar mais essa prova da boa fé da administração actual.

Para poder comprehender essa catastrophe financeira basta estabelecer a antithese do que dissemos por occasião da superabundancia de renda do guano. Na verdade escasseando os recursos do Perú, e não sendo mais pagos os ordenados e os soldos dos militares e dos empregados publicos o consumo dos productos estrangeiros e dos productos em geral começaram a diminuir; o commercio estrangeiro parou; a renda da alfandega diminuiu e deu-se a crise! Não foi tudo. Quando o Governo peruano

Ensina ainda mais que os males, que procedem dos abusos dos politicos, são tanto mais odiosos quanto, quasi sempre, não alcançam seus autores e ate lhes aproveitam. Tudo isso sem contar com os effeitos desastrosos, que taes exemplos produzem sobre os governados.

Ensina, em fim, que na esphera economica da acção politica esses males são de assombrosa fecundidade. Muito se enganam aquellos que não veem na crise financeira do Perú mais do que o prejuizo causado aos seus credores pela suspensão do pagamento dos juros dos seus titulos!

São realmente incalculaveis os males que soffrem actualmente o commercio e toda a população do Perú, que delle depende mais ou menos directamente.

Toda essa lição é inteiramente applicavel ao Imperio. Lá reinam, como no Perú, a burocracia e o militarismo.

A burocracia é anterior ao proprio Imperio. Nasceu no dia em que D. João VI, então Principe Regente, entendeu ser melhor pôr a cargo directo da nação brasileira um semnumero de artoeratas portuguezes, que viviam a suas so-

zouro de Portugal, um interessante livrinho intitulado *Notes on Portugal*, a que não appôz o seu titulo, mas apenas as iniciais do seu nome, sem mais declaração. Foi um serviço particular, feito como particular á sua patria. Os jornaes americanos appreciaram e elogiaram o opusculo, e entre elles vimos extensas e honrosas noticias em folhas como o *New York Times* e a *Nation*, esta ultima sendo a melhor auctoridade litteraria do paiz.

Pois bem. O livro foi pessimamente recebido na propria patria do auctor, e no *Jornal do Commercio* de Lisboa, de 22 de Setembro ultimo, encontramos um "Folhetim" (nossa gente é grande para folhetins e para a satyra) intitulado *O livro de um diplomata*. Ahí o escriptor insulta o livro e o auctor de um modo indecente. Além dos defeitos reaes de uma obra escripta ás carreiras, sem prévia preparação e em lingua estrangeira, o critico aponta outras faltas imaginarias, de factos e de Inglez, — acontecendo que, quando tracta do Inglez, cae em erros risiveis. Concluindo, o critico accusa o Governo portuguez dessa obra que, diz elle, é recebida com uma gargalhada de escárneo.

Ha pouco mais de um mez, o Governo portuguez, com effeito, demittiu peremptoriamente o Sr. Barão de SANT'ANNA, dizem uns por referencias do livro pouco lisongeiras ao Duque de SÁLBANIA e dizem outros por intrigas dos



AS MEDALHAS DOS PREMIADOS NA EXPOSIÇÃO DE PHILADELPHIA.—[TAMANHO NATURAL.]

Perú entraram em parte consideravel para o pagamento dos artigos, importados dos paizes estrangeiros. Quando se suspendia seu pagamento diminuia o consumo; augmentava com a volta dos pagamentos. Tendo o guano permittido ao Governo Peruano augmentar o numero e os vencimentos dos militares e dos empregados publicos, o consumo das mercadorias estrangeiras augmentou proporcionalmente; augmentou ainda em mais forte razão por effeito de causas reflexas, havendo, como é sabido, solidariedade entre as diferentes forças, que actuam na economia social. Uma dessas ultimas causas foi o augmento da renda das alfandegas do Perú devido ao acrescimo do commercio estrangeiro.

Mas tudo isso dependia do guano; da renda extraordinaria que elle dava ao Perú; como seu emprego foi ruinoso não ponde durar muito. Os credores estrangeiros tinham hypotheca sobre o guano; sua renda, era antes de tudo, consagrada ao pagamento dos juros da dívida externa: a medida, pois, que essa dívida foi crescendo menor foi ficando a parte que tocava ao Perú da renda do guano. Este phenomeno desarranjava as combinações dos governantes; para remediar contrahiam emprestimos; mas quanto mais tomavam emprestado maiores eram os embaraços, e, em lugar de pararem nesse fatal plano inclinado, ainda recorriam a novos emprestimos!

Quem vier atraz que feche a porta! Ou, como dizem os Francezes: *Après moi le deluge!* Tal parecia ser a divisa dos financeiros do Perú.

O emprestimo de 1872 foi o "*Nec plus ultra*" desses erros, que tão justamente se lhes lança em face. Foi depois dessa suprema temeridade que D. MANUEL PARDO subiu á presidencia.

Nesse mesmo tempo, por motivos que não cumpre examinar aqui, diminuia quasi por toda a parte o consumo do guano: sua renda baixou a ponto de ser apenas sufficiente para

dispunha de recursos externos dispunha delles por meio de letras sobre a Europa, as quaes serviam ao commercio para suas remessas de dinheiro. Tendo vindo a faltar essas letras o commercio recorreu a moeda metallica e esgotou por tal modo o paiz que o Governo do Perú viu-se obrigado a decretar o curso forçado das notas do banco. Esta medida, tomada a principio provisoriamente foi prorogada.

—Quanto tempo pesará sobre o Perú?—Ignóro. No entanto as notas do banco estão depreciadas; o cambio para a Europa subiu tanto quanto ellas baixaram; e o commercio acha-se no maior apuro para fazer remessas metallicas, que lhe custam cerca de 30 p. c.

Paro aqui. Nada quero avançar sobre o futuro financeiro do Perú, que dependerá muito do modo pelo qual os seus politicos estudarem as causas da desordem economica, em que seus predecessores lançaram o paiz. Cumpre lamentar que tivessem recebido tão desgraçada herança e animal-os a supportar-a, como o Presidente PARDO, corajosamente no firme desejo de salvar tudo, a principiar pela honra. O guano, causa de tantas loucuras, ainda ahí está para remediar-as tanto quanto possivel; mas indispensavel é que parte de sua renda fique ao Perú para alimentar o seu consumo.

A lição, que resulta de todos esses factos é, como sempre na historia, a moral; a boa moral filha da experiencia; unica fecunda; infelizmente ás mais das vezes desprezada pelos politicos.

Essa lição nos ensina que, na politica, como na vida privada, todo desvio das regras da sciencia e da justicia, termina no mal, e, por si mesmo um mal. Ensina ainda que o mal, no qual termina esse desvio, é tanto maior, tanto mais profundo, tanto mais duravel quanto mais insanos, mais apaixonados, mais contrarios ao direito commun, são os meios empregados, como acontece geralmente com os meios politicos, postos a disposição de governos pouco escrupulosos.

pas, elevando a milhares de contos de réis as despesas das ucharias reaes.

Assim foi formada a primeira povoação das secretarias com esses fidalgos-parasitas, que haviam acompanhado a casa real ao Brazil no celebre exodo real de 1808.

O militarismo teve grande voga no primeiro Imperio; desapareceu por muito tempo; fez uma primeira apparição na quixotesca expulsão de Rosas, e uma segunda no delirio belicoso, que conseqeu em Paysandú e terminou no Aquidaban.

Mas, o que a monomania do dominio no Prata produziu de mais insensato, foi essa paz armada de 1870 a 1874, cujo ultimo producto: *Nec plus ultra* dos abusos governamentais—foi esse malhadado *encouraçado-tranca*, que ainda não sahio de Londres e já custa para mais de 6,000 contos de réis!

Ainda mais: pôde bem ser que o caso do Perú se repita *ipsis verbis* no Imperio.

Pôde, no prodigioso sólo brasileiro, apparecer uma mina de ouro, de prata, ou diamantes, de extracção prompta e facil, como os de guano do Perú. Com as idéas ora dominantes de intervenção governamental em tudo; com os abusos de burocracia e militarismo, ainda recentes, é provavel que as rendas extraordinarias, provenientes dessas minas, só servissem para estimular nossos politicos a commetter os mesmos erros que os do Perú, e a lançarem o Imperio no infame abysmo da bancarota.

Caveant consules!

INGRATIDÃO PORTUGUEZA.

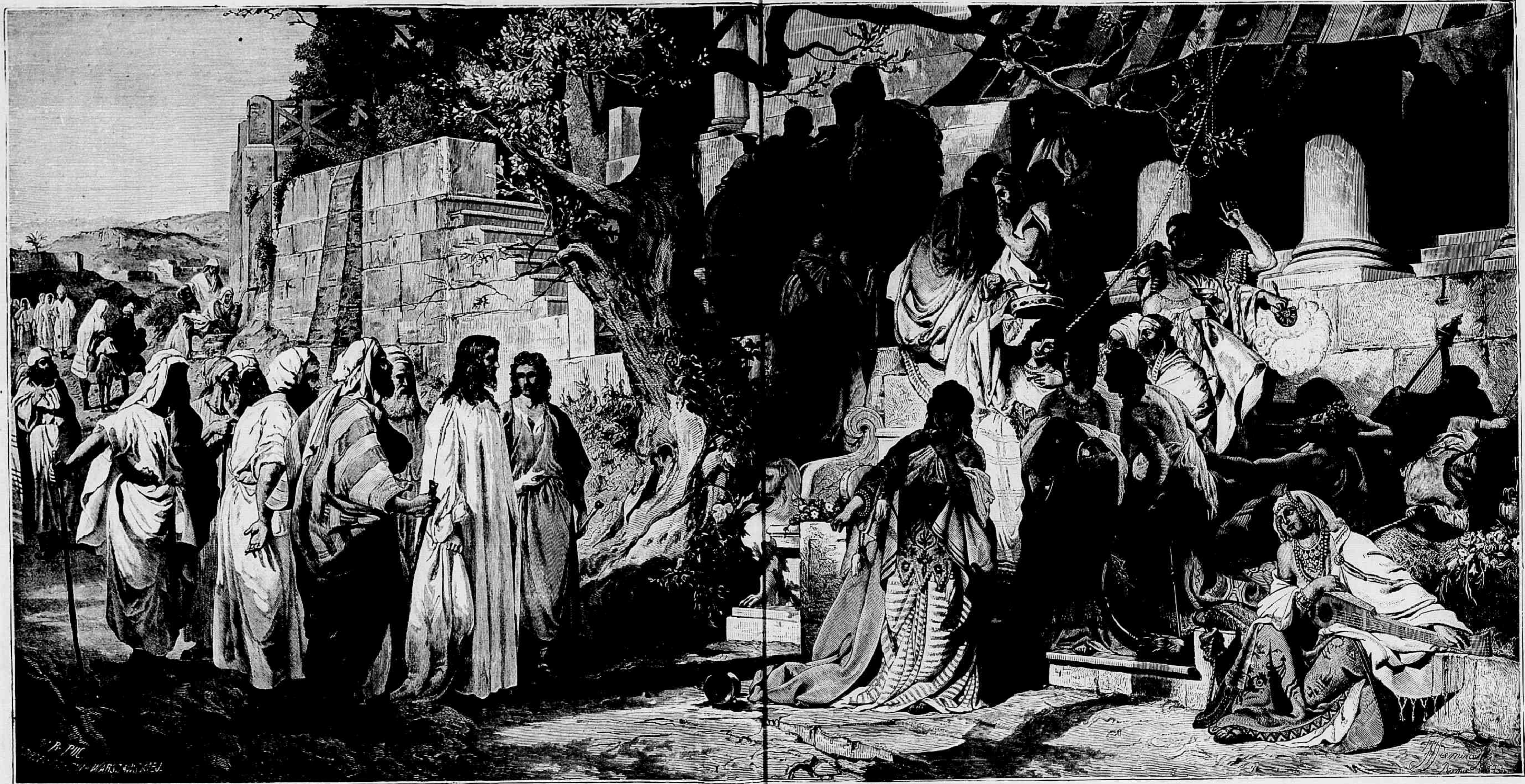
A INVEJA e a intriga são infelizmente caracteristicos da nossa gente,—quer a do Sal quer a portugueza. Ao abrir-se a Exposição Universal de Philadelphia, o Sr. Barão de SANT'ANNA, Ministro residente de Portugal em Washington, querendo servir á patria disseminando aqui alguns dados historicos, descriptivos e estatisticos sobre sua patria, publicou Á SUA CUSTA, sem o menor encargo para o the-

Commissarios portuguezes de Philadelphia, baseadas no livro. Pouco nos importa a nós o motivo,—mas a retirada do Barão, nas circunstancias em que foi feita, envergonha o Governo de Portugal mais ainda do que deve envergonhou o Barão com a grosseria do seu Governo.



Um grupo interessante.

PUBLICAMOS aqui uma gravura que forma um grupo interessante,—a da Sra. D. MARIA A. M. DE REZENDE e de seus dous filhos, CARLOS, de 12 annos, e AMELIA, um anno mais moça, esposa e filhos do Sr. Capitão LUIZ DE REZENDE, e que tanto o ajudaram na Exposição de Philadelphia, como já uma vez tivemos occasião de dizer no artigo que acompanhou o tracto daquelle senhor.



CHRISTO E A MULHER DE SAMARIA.—[Quadro premiado em Roma, 1873.]

A PROXIMA FEBRE AMARELLA.

Quando este nosso numero chegar ao Brazil provavelmente a febre amarella estará pensando em sahir do seu entorpecimento invernal e em dar algum signal de vida. Essa cruel epidemia acha na bella bahia do Rio de Janeiro um nicho tão adequado ao seu desenvolvimento, e na Camara Municipal e na Junta de Hygiene uma protecção tão decidida, e está já em tão intimas relações com os empreiteiros de miasmas, com os manipuladores do lixo, que não é provavel que antes de alguns golpes vigorosos em seus auxiliares ella deixe a Capital do Brazil, onde foi domiciliar-se. A imprensa fluminense compete conduzir a cruzada da saúde publica. Os nossos principaes periodicos podem, e devem, matar a febre amarella—ainda que d'essa morte resultem inconvenientes para os que vivem do vomito negro. Para isso a primeira cousa a fazer é terem os diferentes jornaes um plano commum e insistirem nas mesmas medidas.—E' preciso sem duvida que antes de combinarem em uma acção simultanea e analoga elles esgotem a materia. Mas todo o jornal deve estar seguro dos conselhos e do auxilio de um medico eminente. Por mais que o jornalista pessoalmente possa receber da medicina em sua casa e em seu corpo, o jornal tendo que attender sobretudo aos mais vitaes interesses do publico, e entre os mais vitaes parece que deve estar a vida, deve possuir a sciencia ou a arte que se occupa da saúde geral. Hoje realmente a hygiene publica tem feito progressos, está de posse de processos simples e effectivos, que podem abafar muitas vezes a epidemia no germen. Si a imprensa fluminense estudar entre si as primeiras medidas a tomar no caso que a febre amarella mostre tendencias de desenvolver-se de novo no proximo verão, e com o auxilio dos numerosos trabalhos publicados no estrangeiro e de certos de nossos facultativos que merecem por seu estudo e sufficiencia a confiança publica, a imprensa fluminense poderá evitar a cidade uma outra epidemia. Nós confiamos que ella não deixará de cumprir esse dever patriótico. Por mais que os liberaes estejam convencidos da má influencia do dominio conservador, e por mais que os conservadores detestem o dominio liberal, o dominio da febre amarella é peor que qualquer dos dois. Liberaes e Conservadores podem, pois reunir-se contra uma epidemia que não distingue partidos em sua carreira, mas os concilia no cemiterio commum. A cidade do Rio de Janeiro tem hoje uma má reputação. Todos os estrangeiros suppoem que ir ao Rio só é desejavel para os que têm grande curiosidade de conhecer a febre amarella. Si esta definitivamente instalar-se entre o Pão de Assucar e a Tijuca a prosperidade da capital diminuirá cada dia mais, e o nosso proprio commercio sofrerá como ambiente empestado. Os negociantes do Rio devem levantar-se de sua profunda indifferença, e tomar a iniciativa a que lhes dão direito sua fortuna, a honestidade de suas transacções, o seu credito e o seu nome. Não confiem mais tempo na Camara Municipal, nem na Junta de Hygiene. Um commercio que se deixa morrer de febre amarella sem fazer o menor sacrificio de dinheiro, de trabalho e de actividade para destruir o mal em torno de si, em sua propria cidade, ainda não comprehende a extensão de seus deveres e de sua responsabilidade. A imprensa e o commercio podem tudo entre si, tudo. Nós que nos achamos longe do foco de infecção não podemos por isso inquietar-nos menos com a epidemia, e o nosso concurso está d'antemão hypothecado aos que tentarem expellir para sempre de nossa Capital e primeira cidade o hospede que tantas victimas arrebatou todos os annos. Nós podemos auxiliar os nossos collegas com a experiencia dos Estados do Sul em que a febre amarella foi combatida com perfeito successo, e mais ou menos aponectar certas medidas—tanto de hygiene como de senso commum—que podem obstar ao desenvolvimento do mal uma vez manifestado. O que nós não podemos, pela distancia em que nos achamos do Rio de Janeiro, é concorrer na parte mais efficiente da obra patriótica de que elles se encarregarão. A febre amarella vive de si e desenvolve-se por sua força; o que porém dá-lhe todo esse luxo de casos fataes, essa pompa de interminaveis obituarios, essa realza epidemica, é a infame sede de ouro. Ha Brazileiros que são complices do flagello. Ha homens que tem um pacto com a epidemia. Ha emprezas que se alimentam de miasmas. Os urubús que levantam o vôo á tardinha das arvores do S. Christovam para as alturas do Corcovado, as aves sagradas da religião municipal, não vivem só n'esse campo de infecção que as marinas do Imperador devem sentir das janellas do seu palacio. Esses urubús são a metempsychose de

uma classe de individuos que vivem como elles da morte. Só a imprensa e o commercio podem com um esforço herculeo extinguir essa infame casta de abutres, e no dia em que a Municipalidade, os seus empregados, e os que tem qualquer especie de contractos relativos á limpeza e salubridade publicas, seja com o Municipio seja com o Governo, forem homens moralmente responsaveis; e por outro lado a Junta de Hygiene e a Policia tiverem um pessoal intelligente,—a febre amarella não se deleitará no seu actual domicilio. O Governo não deixará de auxiliar a imprensa e o commercio, si junctos, esses dous poderes de opinião, quizerem tornar a vida possivel no Rio de Janeiro durante o nosso verão semi-annual.

A Popularidade na Inglaterra e o Sr. Gladstone.

No ultimo numero tivemos occasião de referir-nos ao Sr. DISRAELI, que estava então no auge da impopularidade, ao passo que o Sr. GLADSTONE era o homem mais popular do paiz. Em pouco tempo tudo parece ter mudado. Hoje o Sr. DISRAELI sobe e o Sr. GLADSTONE desce. O Times reflecte bem as oscillações da onda popular, e segundo elle o ex-PREMIER está fora de combate. Nós analysamos o que nos parecia ser uma das causas da subita decadencia do CONDE DE BEACONSFIELD; agora não nos parece difficil comprehender a reacção que o está erguendo de novo e afundando o seu eterno rival. A Inglaterra é o paiz mais excêntrico, mas tambem é o mais logico do mundo, e a sua logica consiste em que sua politica está sempre de accordo com a sua excêntrica. Não há espirito mais inconstante do que o d'esse povo que nunca se vê mudar, e é essa volubildade que o faz ser a nação mais conservadora da Europa. Não há nenhuma contradicção n'essas idéas: o povo inglez muda duas vezes por dia, cresce e vasa como a maré, mas por mudar assim é que elle tem a prudencia de não seguir os seus impulsos. GLADSTONE e DISRAELI são o fluxo e o refluxo. Na questão dos ultrages da Bulgaria, o Ministerio só tinha um poneto de vista: salvar a Turquia do seu unico inimigo—a Russia; por outro lado os liberaes só tinham um poneto de vista: reivindicar a *humanidade* ingleza. Como era natural quando a Russia ainda encobria o jogo, o povo inglez, que não via perigo da parte do seu velho pesadelo moscovita, pensou que a occasião não podia ser melhor para manifestar essa sympathia que a Inglaterra tem pelos oprimidos, e que só serve para comprometter-os. Havia circumstancias mais que tornavam a Turquia odiosa, alem da lembrança do Sultão suicidado,—e entre ellas nenhuma parecia mais turca do que a voracidade com que o Divan ponde devorar os milhões de libras esterlinas que os capitalistas inglezes, em companhia dos Jesuitas de Roma, haviam tido a intelligencia de emprestar á Sublime Porta. A bancarrota tornou os Bashi-Bazouks, que sempre foram perfeitamente "anti-humanos," como os chamou o Sr. GLADSTONE, ainda mais—*anti-inglezes*. D'ahi veio a agitação de que nós fallamos, durante a qual o Sr. GLADSTONE viu-se quasi levado ao *Foreign Office* em triumpho para expulsar o Turco, "com sacco e bagagem." Infelizmente esse poneto de vista era muito exclusivo, e a Russia não tardou em aproveitar-se da popularidade anti-ottomana do chefe dos *whigs*, e moveu o seu primeiro peão. Como era natural a apparição do Cossaco offuscou o Bashi-Bazouk, e o Sr. DISRAELI voltou a tona com a antipathia que a Inglaterra tem a todos os que podem disputar-lhe a India ou o caminho para ellas, o que importa em muitas leguas de terra e mais ainda de mar,—ainda que a verdade mande dizer que a Russia antes de chegar ao Indostão ha de cansar no caminho. Hoje as condições da paz da Europa parecem ter mudado de novo e a Russia quer cooperar com a Inglaterra. Em todo o caso a popularidade dos dois principaes homens de Estado inglezes depende da fluctuação do poneto de vista, e dos factos consummados. Si a Russia declarar a guerra á Turquia, a popularidade do Sr. DISRAELI subirá; si a Inglaterra tomar parte na lucta, elle dependerá do resultado para ser um grande homem ou um charlatão. Em todo o caso o povo espera os acontecimentos para atirar da Rocha Tarpéa um dos dois rivaes implacaveis—senão ambos. A lucta entre elles tem provocado muita accusação contra ambos. A que mais impressiona um espirito sem prevenção contra o Sr. GLADSTONE é a de que elle não aspira, e antes renunciou, ao poder, que não tem a chefia do partido, que está sem vinculos alguns para com o parlamento e o paiz, e que n'essas condições excepcionaes é um phenomeno sem exemplo na historia

constitucional da Inglaterra, um tribuno perigoso, um "leader" sem responsabilidade que usurpa o lugar que abdicou, o que os inglezes chamam com toda a sua circumspecção, um "demagogo."

DO ESTADO PRESENTE DE PORTUGAL.

[TERCEIRO ARTIGO.]

Para apreciar com exacção e imparcialidade a situação moral e economica de um paiz e o lugar que lhe compete na hierarchia da civilização universal, não basta pô-lo em paralelo com as nações, que estancam nos diferentes graus daquela immensa escala. E' necessario que antes de confrontarmos com os povos melhor quinhoados na riqueza e na cultura, comparemos as presentes condições da sua existencia com as phases antecedentes da sua evolução. Não é pelo estado absoluto da sua civilização, que havemos de avaliar as suas energias creadoras, mas antes pela intensão dos progressos operados em breves intervallos da sua vida nacional.

Não sentenciemos como incapaz de melhoria e de fomento a nação, que apoz alguns annos de esforços e de trabalhos, ainda não alcançou equiparar-se aos paizes mais notaveis pela efficaçia do trabalho, pelo valor da produção, pela boa ordem administrativa, pelo cultivo da intelligencia e pela concertada e harmonica satisfacção das necessidades physicas e das exigencias moraes.

Comparemos a nação de agora e a nação de epochas ainda não remotas, e aquilatando os progressos effectuados nas diversas relações da vida nacional, concluamos, em presenca dos factos e das tendencias, se o paiz estacionou, progrediu, ou retrogradou.

Mais digna é certamente de louvores a nação que, dispendendo de sua barbaria centenaria, se empenhou em resgatar com esforços e trabalhos a sua indolencia primitiva de que o povo, que vivendo já n'uma adiantada civilização, se se desceudou em apromoral-a mais e mais.

Ora o Portugal anterior á severa, mas fructuosa administração do Marquez de POMBALE, ainda mesmo o Portugal que antecedeu ás guerras da liberdade e á consequente revolução no seu viver politico, moral, economico e litterario, era—para que havemos de negal-o?—um dos estados europeus mais affastados da civilização contemporanea. A monarchia absoluta, quer dizer, a supressão habitual e systematica de todas as faculdades creadoras do homem e do cidadão, havia surtido os seus effectos ineluctaveis e fataes. Se alguma responsabilidade cabia na geral degradação ás turbas populares, seria a paciencia com que toleravam a tutela ignominiosa de um governo esterilizador. Mas os povos desallumiados quasi inteiramente da luz intellectual, tendo por unica fonte de illustração a suspicacia do Sancto-officio e as arrogancias do poder real, mal poderiam com justiça merecer a imputação de não acudirem ao jugo affrontosissimo dos seus improvidentes dominadores.

Com as reformas incompletas, e em grande parte inefficazes de POMBALE, algo se foi mudando o aspecto do paiz. Mas é condão e destino das melhores e mais sensatas reformações que partem de um poder irresponsavel, como puras manifestações de munificencia e generosidade, o serem recebidas com frieza, senão com desamor, pela voz da opinião, e representarem quasi sempre uma calculada transacção entre o abuso e a justiça entre o erro e a verdade, entre o supersticioso acatamento do passado e as nebulosas anticipações sobre as conquistas do futuro.

Não pôde haver civilização fecunda, efficaç, duradoura, progressiva, senão quando respira na salubre atmosphera da liberdade. Não é nas estufas estreitas do poder descrecionario, aos bafejos improfícuos da sua legislação, e no calor artificial dos seus expedientes, que ha de florir e vicejar, acclimatada e luxuriante, a planta que requer o ar livre do consenso universal, e o sol vivificante da completa liberdade.

Ora a liberdade,—é dura, mas necessaria condição da natureza humana,—não pôde levantar-se sobre os escombros do poder absoluto, senão tirando a espada e batallhando rijamente contra o senhorio tradicional. Do seio das monarchias absolutas não se conhecer, nem resou até hoje outro processo para evocar a fazer nascer a liberdade, senão a revolução.

Quando a revolução teve por fructo a liberdade, e a monarchia velha viu cair umas apoz outras as suas anachronicas instituições, quando a igualdade, ao menos em principio constitucional, foi inscripta solemnemente na lei, quando, perdidos os privilegios, a nobreza e a

cleresia cessaram de ser duas poderosas corporações, que assoberbavam sem respiro o *terceiro estado*, era tempo e occasião de que o povo pensasse em trabalhar efficaçmente e em expiar com o seu esforço a indolencia criminosa da antiga dominação.

Apoz largos annos de regimen absoluto, dispendidos em vaidosas ostentações os thezouros do Brazil, esterilizando a seiva nacional sob um Governo infesto a toda a especie de progresso e de energia individual ou collectiva, Portugal ao findar as guerras da liberdade e depois de lançadas no seu torrão as primeiras sementes da moderna democracia, achava-se mais de um seculo atrasado em relação as potencias principaes da Europa civilizada. A maioria das suas terras jaziam desamparadas e incultas, porque tendo constituido immensas latifundios immobilizados pelo clero, pelas ordens cavalleirescas e pela nobreza principal e secundaria, nem podiam encontrar nos seus negligentes donatarios e senhores a actividade e a intelligencia, que fecundam a grande cultura, nem convidavam a plebe campesina a consagrar um trabalho deligente e fructuoso aos milagres da pequena culturação, quando o interesse proprio dos seus arroteadores accrescenta á virtude natural da gleba com o instincto e o amor da propriedade e da familia, um novo e inestimavel elemento de produção e uberidade. A terra produzia escasamente o de que haviam mister as povoações para acudir ás precisões de uma vida apenas remotamente iniciada nos primeiros graus de civilização. O deficit de subsistencias era em verdade lastimoso, e apesar da reduzida a infimo limite a povoação, ainda, na presenca da penuria habitual, havia fundamento para accusar a desproporção entre os fructos da terra e os seus consumidores.

A industria fabril quasi apenas se resumia nos misteres do trabalho quasi domestico. Fabricas raras havia no paiz. Ao norte de Portugal, no Minho principalmente, onde os habitantes sempre se haviam distinguido da restante população, pela sua maior e mais industriosa actividade, o trabalho fabril não passou dos processos elementares. A maior parte das manufacturas existentes haviam sido instituidas ou fomentadas pelos do Governo e é sabido quão poucos e taxados beneficios se podem recolher do poder, que se faz manufactor e similha, sem a substituir, a acção individual, operando segundo as leis imprescriptiveis da economia politica.

As estradas e os outros meios de communicação attestavam, como opprobrios monumentos, a incuria do Governo e davam a medida rigorosa do nosso estado de cultura economica e social. E de feito, nenhum testemunho se nos pode por ventura deparar mais evidente e mais palpavel para que exactamente avalieemos a civilização de cada povo e de cada epocha especial, do que a extensão e o systema das suas vias de transporte. As estradas ordinarias e de ferro, os canaes e os rios navegaveis, são como que o aparelho vascular destes grandes e complexos organismos, que appellidamos povos e nações. A vida é forçosamente mais activa e mais energica nos poctos onde é mais ampla e mais perfeita a vascularidade com que improvisam a povoação, o trabalho, a riqueza, a actividade nacional. Um paiz sem copiosos meios de transporte é irrevogavelmente condemnado a pobreza e incultura.

Se os caminhos transportam, communicam, escambam e mutuum a materia, nas suas multiformes transformações, as escholas são os canaes do espirito e o vehiculo prodigioso das idéas. Ora toda a civilização, que mereça este nome, é nas idéas, que tem o seu fundamento e a sua razão. Dae-me um paiz retalhado por estradas, e uma nação repartida por escholas, e eu vos restituirei uma solida e fecunda civilização. Tereis a União Americana, essa esplendida nação, cujos defeitos moraes contrapassados pela grandesa dos seus intuitos, pela belleza das suas instituições, pelo cultivo da sua intelligencia, pela miraculosa acção do seu trabalho, valem bem mais aos olhos do pensador imparcial de que as supostas virtudes e galhardias dessas nossas monarchias tradicionais na Europa envelhecida.

Portugal não tinha escholas populares. O ensino era como a terra, o privilegio das classes aristocraticas. Como na China, era Portugal a instrução não era destinada a aperfeiçoar o homem, senão a illustrar o funcionario não a crear o cidadão, mas a habilitar o mandarim. Supunha-se naturalmente repartida, por um principio de justiça social, a inteira população em duas fracções, uma deputada para concentrar n'um estreito circulo de adoptos officiaes todas as luzes do entendimento; a outra, constituindo a immensa maioria, condemnada á ignorancia e a brutesa a que durante largos seculos a tinha reduzido a governo absoluto em Portugal.

Em Coimbra uma grande universidade, com seus privilegios aristocraticos e as suas feições ainda hoje não de todo obliteradas de uma eschola medievá e clerical. Em Lisboa a ausencia quasi inteira do ensino scientifico. Esboços de ensino mediano na capital e no Porto, além da faculdade conimbricense, que exclusivamente se arrogava o privilegio dos doutores. Algumas cadeiras de latim, de grego, de philosophia pseudo-aristotelica, de pedante oratoria formalista; aqui e ali disseminadas pelo territorio portuguez; rarisimas escholas de lér e escrever, sem nenhum outro ensino util e real; eis ali em que estava cifrado o systema da publica educação n'um paiz, que em edades antecedentes enlaçara com discreta predilecção as glorias bellicosas e os loiros litterarios.

Tal era ao derrocar-se a velha monarchia o estado da instrucção, da cultura, dos instrumentos sociaes de todo o genero, que aprimoram a intelligencia, fecundam o trabalho, e dão como producto colectivo a commun civilisação.

Desde 1820 até 1833 a dominante preocupação de Portugal fôra a conquista dos seus fóros e liberdades. A guerra civil, longamente perpetuada, não deixa ás nações debilitadas pelo poder absoluto, lazer e occasião para que desde logo se empenhem em promover e adiantar as varias condições da civilisação intellectual e economica. Sómente os povos acostumados á liberdade pédem fructiferamente aprender, trabalhar, desenvolver-se, melhorar-se, prosperar. Os maiores progressos da Gran-Bretanha só despontam depois da sua grande revolução. A França realisa as suas grandes empresas espirituales e economicas, depois que a democracia, vive no seu espirito, quando se não escreve nas suas instituições, se trasladou ás idéas e aos factos da sua existencia nacional. A Italia, que tendo sido a mestra da Europa renascida, baixara na gamma das nações ao derradeiro abatimento, repartida entre príncipes ignaros, e ciosos, reliquias affrontosas da dominação feudal e theocratica, sómente se reabilita nos olhos do mundo policiado e retorna a seu logar com alma mater da intelligencia e da civilisação, depois que a unificação lhe restituiu com a liberdade o brio e o vigor.

A novissima civilisação de Portugal data apenas de quarenta annos. Interrogue-mos neste lapso a historia e a estatística e com os seus depoimentos e os seus numeros, veremos, que Portugal quanto lh' o consentia a sua forma de governo, e a sua incompleta liberdade, se resgatou da nota de barbaria e incultura.

J. M. LATINO-COELHO.

LITTERATURA.

DANIEL DERONDA.*

[PRIMEIRO ARTIGO.]

A' proposito do novo romance de GEORGE ELLIOT não podemos deixar de dar alguns conselhos aos nossos romancistas, fazendo ao mesmo tempo uma curta analyse da obra. Não deixa de ser uma coincidência do nosso tempo que os seus dous maiores vultos litterarios sejam duas mulheres do mesmo prenome: a semelhança porém entre ellas resume-se só em uma superioridade incontestavel sobre os seus rivales. Nenhum genio pôde ser mais diferente do de GEORGE SAND do que o de GEORGE ELLIOT, e a razão por que possuindo tão diversas faculdades esses dois escriptores foram os primeiros,— e um delles continúa ainda a não ter igual no seu paiz, dos seus contemporaneos, é que ambos tiveram essas faculdades diversas em um grau incomparavel. Ainda que entre nós poucos dos nossos litteratos tenham lido *Middlemarch*, esse romance não deixa por isso de ser uma obra de rara força mental, nem o seu auctor perde nada de sua posição litteraria pela ignorancia dos que fazem profissão de homens de letras, á respeito de tudo o que não é francez. Para esses seria inutil escrever mesmo uma linha sobre um livro que elles nunca hão de ler. O critico desprezaria a sua missão se a revista conscienciosa de uma obra notavel só tivesse por fim gratificar a indolencia de espirito dos seus leitores e habilitar-os a ter uma idéa do livro sem o trabalho de lê-lo. Em regra geral só se deve ler a revista de uma obra depois de ter-se conhecido desta, para ver-se até que ponto as nossas impressões concordam com as do critico. Se porém nós hoje fazemos um estudo sobre o novo romance é que temos a esperanza de que alguns dos nossos leitores terão a curiosidade de ler uma obra que tanta sensação tem causado em todos os paizes em que se lê inglez. Com os methodos

imperfeitos de ensino, com a supina ignorancia dos professores, com a imbecillidade classica dos compendios cortados á thesoura á um tanto de gratificação, com todos os inconvenientes da nossa educação secundaria e a superficialidade do curso de letras, não é possível, ou pelo menos é muito difficil, haver em nosso paiz uma classe de estudantes que possam julgar uma obra qualquer, um grupo do que se chama na Inglaterra — scholars — senhores de qualquer ramo da litteratura. E' certo que só nos vinte e dois ou vinte e tres annos os mais intelligentes dos nossos compatriotas de aspirações litterarias começam a ver que não sabem nada. Não se chega sem difficuldade a essa dolorosa consciencia, mas ella prova ainda a superioridade dos que a têm sobre os que se deleitam na sua propria ignorancia. Há porém uma grave objecção que impede muitas vezes os nossos litteratos de fazerem justiça ao seu pequeno conhecimento de todas as coisas, é que entre nós o estudo serio, o trabalho paciente, o cuidado constante, a exactidão minuciosa não têm muita animação. O que triumpho e se faz applaudir é a insufficiencia inconsciente, o improviso, a declamação, a rhetorica fôfa dos lugares communs da geração passada; todo esse combustível deteriorado, que faz arder a fornalha do enthusiasmo. Nós sentimos usar desse rigor; mas como despertar entre nós uma seria cultura dos altos estudos, si a popularidade e a reputação que podem dar os orgãos da imprensa continuarem a ser adquiridas sem o menor esforço, pela expansão de qualidades incultas, pelo desperdicio de forças aproveitaveis? A imprensa devia ser a primeira a reformar-se, e sem duvida ha dentro della intelligencias bastante perspicazes para verem que o voto dos tribunales litterarios, constituídos como hoje estão, não pôde satisfazer a ambição de um auctor que deseje saber a verdade sobre a sua obra, assim como a sentença de certos juizes, por sua ignorancia do direito, não satisfaz ninguém sobre a justiça de sua causa. Na disposição commum dos escriptores nacionaes que em um mez fazem um livro de sciencia, nos quinze dias um poema, e na semana um romance, todas as palavras amaveis e todas as hyperboles admirativas adaptam-se tão bem á sua propria satisfação que elles não se lembram de perguntar que responsabilidade há por traz dessas revistas, si são anonymas; ou que auctoridade nos nomes que as assignam. Um auctor serio porém contenta se pouco, ou offende-se mesmo, com essas liberdades da critica incompetente, e fica sem saber que impressão seu livro produzirá em algum espirito sobrio e culto, apto para pronunciar sobre elle um juizo que se possa sustentar a todo o tempo. Os que fazem entre nós papel de criticos não sabem o que deve custar aos escriptores estrangeiros uma curta revista de uma obra qualquer digna de ser analysada em um periodico de credito. Lêam porém um desses periodicos e verão pelo menos o estylo em que essas analyses devem ser feitas:— não lhes será facil adquirir por essa leitura os conhecimentos necessarios, o gosto litterario indispensavel, e a educação todo precisa, para poderem por sua vez esgotar um livro por uma analyse igual; mas há alguma coisa que elles lucrarão, é a reserva, o tacto, a medida, tudo o que resulta da desconfiança quasi certa, de que a nossa admiração muitas vezes não é senão a forma mais humilhante de nossa ignorancia.

Esses conselhos aos criticos deviam preceder os conselhos aos romancistas, ou em geral aos auctores. Tomemos *Daniel Deronda*. Ahi está um romance que produziu a mais profunda impressão; que, publicado em oito livros, dos quaes cada um apparecia com dois mezes de intervallo do outro, durante todo o tempo de sua publicação teve a Inglaterra, a America ingleza, e provavelmente a India e a Australia, na maior anciedade que a sorte de entes imaginarios como GWENDOLEN e DERONDA podem despertar. Pois bem, esse romance tem sido severamente criticado, mesmo depois da reserva feita por todos de que é uma obra de genio. O que se tem dicto contra depende em grande parte dos pontos de vista diversos em que cada um se colloca e é porisso que é muito difficil reconhecer quem tem verdadeiramente razão, si GEORGE ELLIOT si os seus criticos. A nossa opinião nós a daremos no numero seguinte, não sobre toda a obra que não pôde ser analysada por alto, mas sobre algumas questões que se prendem ao caracter dos dois principaes personagens. Antes porém que os leitores do *Novo Mundo* tenham occasião de lér a nossa curta revista, nós esperamos que alguns d'entre elles pelo menos terão o cuidado de procurar um exemplar do romance. Não é possível que os litteratos do nosso paiz desdenhem de ler uma obra de imaginação que tanta popularidade já tem no resto do mundo. Se porém elles não se quizerem dar ao que lhes parece talvez

d'antemão um trabalho sem recompensa provavel, os romancistas não têm permissão de acompanhar a indifferença dos outros. Esses devem receber o beneficio da leitura que lhes aconselhamos. *Daniel Deronda* é ao principio a fim uma obra de perseverança, de observação, de esforço e de trabalho. Cada pagina está cheia de idéas novas, de analyses inesperadas, de estados desconhecidos tanto de sentimento como de consciencia. A phrase é no primeiro livro tão rica, tão profunda como no ultimo. Não ha uma vulgaridade. Sente-se que o espirito do escriptor é uma luz que esclarece os pontos mais escondidos do labyrintho do coração humano. Os nossos romancistas aprenderão ao meditar cada pagina que um romance não se improvisa da noite para o dia, que não se dá uma vitalidade poderosa a uma criação ideal sem a observação minuciosa da realidade, que é preciso muito trabalho, mesmo do genio, para produzir uma obra notavel. Esse estudo não os desanimará: sem duvida elles verão depois delle como suas criações distam de um GWENDOLEN ou de um DERONDA, e isso far-lhes-ha sentir que uma posição litteraria em um paiz, onde ainda não ha critica, differe muito da que se conquista na Inglaterra, na Alemanha ou na França. Mas por outro lado, si as suas aspirações de gloria ficarem reduzidas a um minimo, isto é a justa ambição de quererem valer entre nós o que valeriam nos paizes em que o escriptor tem outra responsabilidade e outro sentimento della, o horizonte que se ha da abridiante delles não será senão mais largo. O ponto a que nós desejamos attrahir os jovens escriptores nacionaes é este, que é tempo de abandonarem o que entre nós se chama—o estylo, e que não corresponde a merito litterario algum, e de procurarem, pelo estudo systematico, pelo trabalho, pela observação, por uma cultura intelligente de suas aptidões individuais, produzir alguma obra que possa ser vertida em outra lingua conservando as suas qualidades.

NOTAS LITTERARIAS.

—Breve apparecerá o 20º e ultimo volume de uma edição completa e illustrada das obras de JOHN RUSKIN.

—Em Londres está sendo publicado um "Manual de Anthropologia," acompanhado de mappas e illustrações. Constará de dous volumes. Seu auctor é o bem conhecido Dr. CARTER BLAKE.

—A Bibliotheca de Boston contém 235,000 volumes, afóra 63,600 que se acham espalhados por outras bibliothecas filiaes a esta.

—Está sendo publicado na Inglaterra um trabalho cujo fim é negar a auctoridade admittida dos celebres *Annaes de Tacito*, apresentando-os como verdadeira producção de POGGIO BRACCIOLINI, sabio do XV seculo.

—*Souvenirs d'un ancien chef de chantier*, constitue o titulo do ultimo romance de ERCKMAN CHATRIAN, o qual compõe-se de contos diversos sobre as aventuras de um capataz de obras por occasião dos trabalhos do Canal de Suez.

—Sob o titulo: *La Légende de Saint Pierre, premier évêque de Rome*, publicou-se recentemente uma traducção do amphleto do Prof. EDUARD ZELLER, de Berlim, cuja primeira aparição, em Alemão, causou grande sensação.

—Espera-se com impaciencia a publicação de uma versão, em Inglez, da celebre "Historia da Antiguidade," pelo Prof. MAX DUNCKER. Aguarda-se ao mesmo tempo uma edição da "English Thought in the 18th. Century," por LESLIE STEPHEN, e uma igualmente proxima publicação da "History of the Crime," por M. PIKE.

—Publicar-se-ha dentro em pouco tempo a *Litterarische Denkwürdigkeiten* (Memorias Litterarias), obras do distincto STRAUSS, auctor da *Vida de Jesus*. Seria esta collecção de memorias uma quasi autobiographia do sabio auctor.

—Falleceu ha poucos mezes, na Austria, um dos mais distinctos litteratos desse paiz, o qual apezar do seu titulo de Conde era mais conhecido por *Anastasinus Grün*, pseudonymo seu. Deixou entre outras produções litterarias duas obras, uma intitulada, — *Der Letzte Ritter*, e a outra — *Spaziergänge eines Wiener Poeten*, cujo maior merito consiste no estylo correcto e moderno em que foram escriptas. Contava cerca de 70 annos de idade.

—Em lingua allemã appareceu mais um interessante livro o qual se intitula "Tell e Gessler na Legenda e na Historia." Esta obra tem por fim confirmar a opinião dos que negam a existencia do heróe suizo, e é, no seu todo, um resumo de investigações e estudos que sobre essa legenda de Tell tem feito o auctor, Herr E. L. ROCHOLZ.

—A. DE GUBERNATIS, distincto philologo e orientalista italiano, está preparando uma obra cujo titulo será — *Materiaux pour servir à l'histoire des études orientales en Italie*. — Além desta obra dedica seus estudos e cuidados á publicação do *Bolletino Italiano degli Studi Orientali*, Revista cujos dous primeiros numeros tiveram muita acceitação.

—A imprensa ingleza annuncia o apparecimento de uma nova obra sobre os mysteriosos Etruscos (*The Etruscan Numerals*). Seu auctor é Mr. ROBERT ELLIS.

—Durante o anno findo em Junho ultimo, virão a luz, no Japão, nada menos de 76 periodicos, dos quaes 55 publicaram-se em Yaddo.

—O novo livro de poesias que pretende publicar Victor Hugo será obra de character puramente litterario e no qual não se notará assumpto algum politico. Seu titulo será — *Les Justes Colères*.

—Publicou-se em Paris o primeiro volume de uma *Histoire Générale des Hongrois*, por M. SAYON. O segundo volume, que breve virá a luz, a completará.

—A obra de ERWIN RHODE sobre o romance grego, intitulada: *Der Griechische Roman*, recentemente publicada em Leipzig, é uma valiosa contribuição para a historia do desenvolvimento da cultura da antiguidade.

—A Bibliotheca Nacional de França tracta de imprimir um catalogo de todos os livros que possui, abandonando, afim de dar cabo quanto antes, toda tentativa de classificação systematica, conservando apenas a ordem alphabetica.

—Publicou-se recentemente o quinto volume da *Histoire des trois premiers siècles de l'Eglise Chrétienne*, por M. DE PRESSENSÉ. Neste volume occupa-se o auctor do culto, da organização ecclesiastica e da vida privada dos christãos do seculo III. E' em extremo interessante e instructiva.

—Uma traducção completa, em Inglez, das tragedias de ALFREDI vae dentro em pouco ser publicada.

—A casa LÉVY, de Paris, acaba de publicar um excellent livro sobre a historia da Servia e o Montenegro, compilada por M. REINACH.

—Annuncia-se a proxima publicação de um novo poema de ALFREDO TENNYSON.

—Já appareceu o tomo primeiro da celebre Correspondencia de HONORATO DE BALZAC.

—O Prof. MONIER WILLIAMS, um dos primeiros orientalistas da Inglaterra, occupa-se em escrever uma obra sobre os systemas religiosos da India.

—Sob o titulo — *Portraits Littéraires* — appareceu em França uma collecção impressa dos melhores artigos publicados por M. C. BROT em diversas revistas do paiz.

—E. DE GONCOURT está preste a dar á luz da publicidade um romance, primeiro trabalho litterario que empreendeu apoz o fallecimento de seu prestimoso irmão JULIO.

—A casa MAISONNEUVE, de Paris, está publicando um *Dictionnaire Analogique et Etimologique des Idioms Méridionaux*, por L. BOURCOURIAN.

—Falleceu recentemente o escriptor allemão, ADOLPH STAHN, auctor de uma excellent *Vida de Lessing*, e de muitas outras obras critico litterarias e historicas.

—Acham-se em vias de publicação os volumes 4º e 5º da notavel obra do Prof. MASSON, intitulada: *Milton and his Time*. Estes volumes abrangem a historia da Republica e a dos Protectorados de OLIVENIO e CROMWELL, e da subsequente anarchia até a Restauração.

—Publicou-se em Leipzig um "Dictionario Technologico" em Francez, Inglez e Allemão. Esta obra é o fructo de vinte annos de assiduo trabalho de ALEX. TALHAUSEN, e contém nada menos de 90,000 termos technicos. E' já e provavelmente ficará sendo por muitos annos a melhor fonte de consulta para os traductores de obras tecnicas em qualquer desses tres idiomas.

—O manuscripto da obra sobre a Babilonia que estava preparando Mr. G. SMITH, o illustre assiriologista ha pouco fallecido, achou-se completo e prompto para ser impresso. Apoz esta virão a luz dous novos volumes da série da *Ancient History from the Monuments*, sendo um escripto por Mr. PALMER (*Sinai*), e o outro (*The Greek Cities and Islands of Asia-Minor*), por W. S. VAUX.

—Diz-se que o Sr. D. PEDRO II vai publicar um livro com o titulo de *Recordações da minha Viagem*, cujo assumpto principal versará sobre as suas observações durante as viagens que fez por ambos os continentes. Publicar-se-ha ao mesmo tempo em Inglez, Francez e Allemão.

[*] "Daniel Deronda" by George Elliot: Harper & Brothers, New York, 1876.



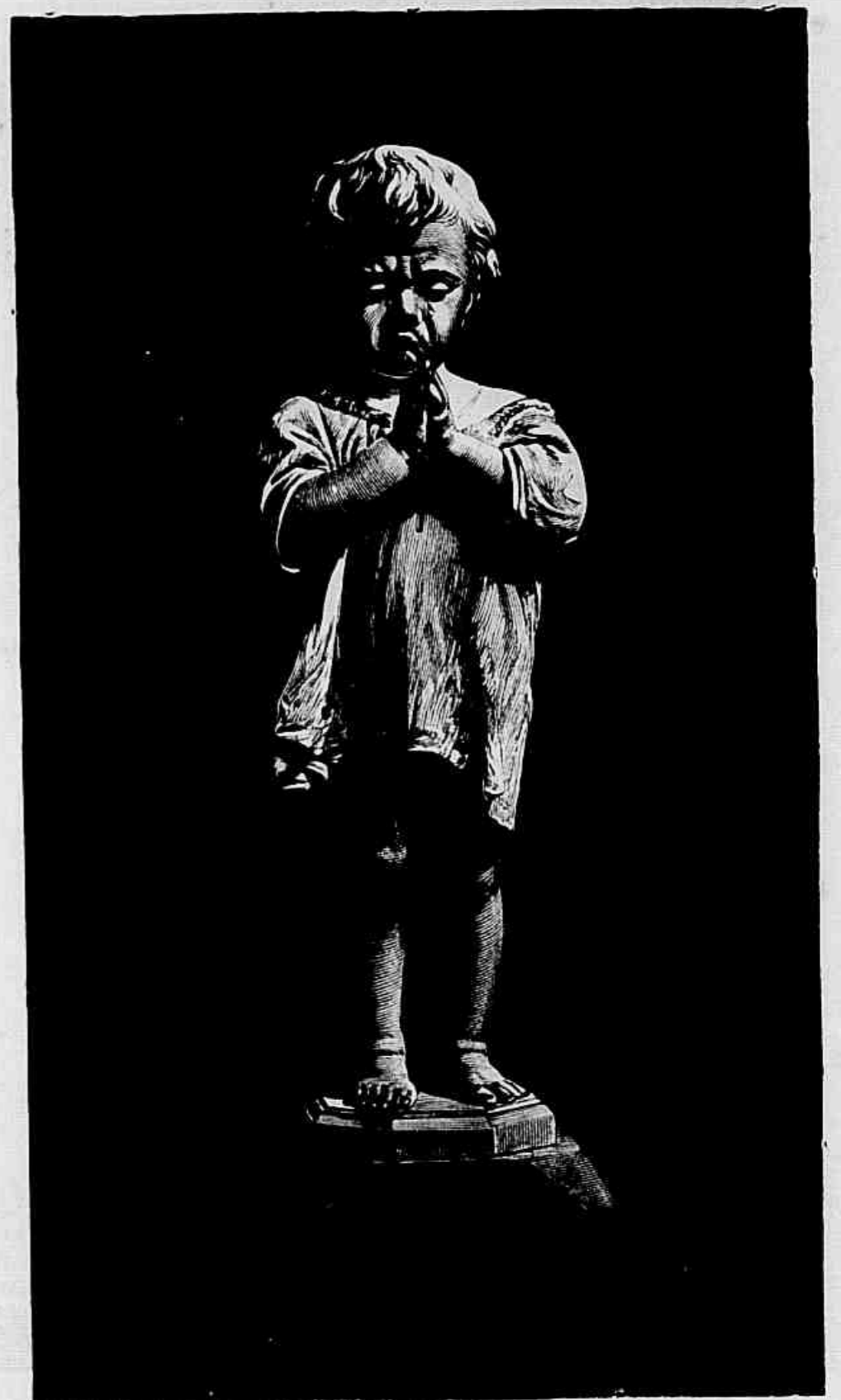
"A CABRA CEGA."



"O PRIMEIRO PASSO."



"AS ORPHANS."



"A RESA FORÇADA."



"DESPINDO-SE PARA DEITAR-SE."



"À ESPERA DO CASTIGO."



UM HOSPEDE INESPERADO.

UM BRAZILEIRO NO OESTE AMERICANO

A maior fazenda de milho no mundo.—O que fazem a Estrada de ferro e o Arado.—Uma grande fabrica de 60,000 Arados p'r anno.—Uma Exposição no Oeste.

Philadelphia, 13 de Novembro, 1876.

Meu charo RODRIGUES:

Vou começar a descrever a nossa viagem agricola e industrial ao Oeste deste paiz; talvez estas notas lhe possam servir algum dia.

No dia 16 de Setembro partimos de New York e fomos directamente a Chicago, onde visitamos os pontos mais interessantes da cidade, sendo um dos ultimos o *Stock yard* onde vimos reunidos 16,000 bois, em pequenos curraes, esperando a venda que se faz nesse lugar diariamente. Todos esses cercados reunidos podem conter 60,000 rezes!

As negociações que se realisam ali são tão importantes que exigiram o estabelecimento de um Banco junto aos curraes, e todas as commodidades necessarias aos homens que passam a muitas horas do dia.

Na mesma localidade se faz a venda de cavallos, carneiros e porcos. Estes passam da balança a uma grande fabrica de carnes salgadas e presuntos. Vimos sangrar, pellar e abrir, e separar em quatro partes, cinco porcos por minuto, decorrendo apenas dez minutos entre o momento em que o porco é preso e chega as mezas de salga. Todo o serviço é feito com extrema limpeza e rapidez, e o transporte por trilhos aereos. Em dez horas sacrificam-se 3,500 porcos. A salga se faz no andar subterraneo e o toucinho e carne ali ficam vinte tantos dias. O processo é muito simples, e a industria lucrativa, e me parece será de grande vantagem si for estabelecida em nosso paiz.

Eu sei que alguém tem tentado a fabricação de presuntos em Minas Geraes mas collocando-se em condições de não poder obter resultado vantajoso. Além d'isto não me parece bem escolhida a localidade attendendo a carestia de transportes. A localidade mais propria é a vizinhança do centro e consumidor, o Rio de Janeiro, estabelecendo-se artificialmente as condições necessarias a boa preparação dos productos.

Para mim a grande difficuldade é achar capital que se embarque nesta empresa, aliás muito lucrativa.

Indo a Chicago não podia deixar de visitar Burr Oaks. No Rio de Janeiro quando li o *Novo Mundo*, fiquei maravilhado, mas não duvidei sequer um instante da veracidade do facto, primeiro porque conhecia o cuidado e honestidade com que era escripto o jornal; segundo, porque tinha noticia do aproveitamento e actividade deste povo. Confesso-lhe, meu amigo, parecia-me um sonho ver Mr. SULLIVANT, um homem de perto 70 annos levar ao cabo tão grande empresa, e isto apenas em oito annos!

Como appendice a sua interessante noticia acrescentarei o que vi em Burr Oaks nos dias 21 e 22 de Setembro.

Sem uma recommendação sequer, em companhia do Dr. NETTO FEIXEIRA e do Sr. BUENO DE MIRANDA, tomei o trem de Chicago a S. Luiz: em *Paduca Junction*, tomamos a nova linha que atravessa a propriedade de Mr. SULLIVANT. Chegando a Burr Oaks apenas vi uma grande machina de debulhar milho, e o pequeno escriptorio onde se faz a venda de bilhetes. De um e outro lado—um oceano de milho!—Eu e meus amigos preparamo-nos para passar o resto do dia, e a noite, no pequeno escriptorio, ignorando ainda a hospitalidade e cavalheirismo dos habitantes deste paiz.

Nesse interim vi um homem simplesmente vestido, de alta estatura e muito semelhante ás gravuras que tinha visto no *Novo Mundo* que mostra a scena que se passa entre o proprietario e seus feitores. Para elle me dirigiu e disse-lhe que eu na qualidade de commissario e fazendeiro vinha prestar homenagem e complimentar Mr. SULLIVANT, cujo nome

era conhecido nas regiões mais adiantadas do Brazil. O comprimento foi correspondido com delicadeza, e ordens foram dadas para que viessem carros que nos conduzissem á fazenda. Enquanto esperavamos, travamos conversa com um moço americano, nosso companheiro de trem, e que vinha fazer grande compras de milho. Durante essa tarde foi este cavalheiro, Mr. ROBERT BRUCE, quem nos entreteve, e acompanhou-nos a ver a machina de debulhar milho e a de enfardar o feno.

Chegando a modesta casa da fazenda fomos apresentados á familia do proprietario, que começou a fazer as honras da casa com uma delicadeza e bondade inexcedíveis. Ahí passamos ainda o dia seguinte e foi nos difficil obter permissão para a retirada.

Durante esses dois dias percorremos a grande, talvez a maior fazenda do mundo onde se cultiva o milho, e pelo diminuto preço de 15 centavos o bushel (alqueire). Tal é o preço pelo qual chega um bushel de milho aos carros da estrada de ferro que chegam junto ás calhas de madeira que recebem mil alqueires por hora, preparados pelo grande debulhador.

Como disse o *Novo Mundo*, Mr. SULLIVANT estabeleceu-se em 1868, em uma grande planície do Illinois, de 60,000 acres de extensão. Todo esse terreno era um vasto campo sem bosques, existindo apenas alguns *caveiros*, poucos, que ainda vivem ao lado da casa.

Possuidor d'essa grande tira de terras, necessitava Mr. SULLIVANT de meios para cultivá-las. Tomou o melhor partido; vendendo 20,000 acres no lugar denominado *Broadlands*, por $\frac{1}{3}$ de milhão de dollar. (Hoje valem 600 mil dollars).

Dispondo dos dois elementos principais, terra e capital, começou suas operações agricolas em grande escala.

Dividiu os 40,000 acres restantes em campos de 50 acres, por meio de cercas vivas, que medem 250 milhas, e construiu oito pações, cavallarias e pequenas e sas onde se accommodam de 30 a 40 trabalhadores. Assim, tendo 8 turmas em outras tantas pequenas fazendas vigiadas por um feitor. A administração geral é feita em pessoa por Mr. SULLIVANT, apesar de seus 67 annos.

Ha um escriptorio onde se encontra a perfeito e clara escripturação das despesas e todo o serviço, e ao lado diversas officinas de reparação.

Conhecendo a uberidade do solo, a facilidade de communicações e a venda certa de seus productos, Mr. SULLIVANT semeou em mil acres, milho amarelo e vermelho. No segundo anno foi maior a sementeira—5,000; em 1870—9,000 e finalmente em 1876 vemos 20,000 acres, fazendo aproximadamente duas leguas quadradas! E de outra parte ha igual superficie coberta de relva e forragens! São pois quatro leguas submettidas a cultura extensiva e de um modo excessivamente economico, se bem que tal methodo não possa manter-se por largo tempo sem estragar muito os terrenos.

Para cultivar esse immenso campo ha hoje 200 arados, 150 cultivadores, 45 semeadores de milho, 25 grades e grande numero de carroças.

Para todo o serviço tem Mr. SULLIVANT 500 mulas de tiro, tractadas com todo o cuidado. Duas destas mulas são bastantes para lavrar a terra leve de Burr Oaks, capinar o milho e transportal-o em carroças para a machina de debulhar. Cada parrelha de mulas e um arado cultiva pois a grande porção de terreno igual a 100 acres e faz outros serviços. Seria isso impossivel em outros terrenos onde pollullamervas máis.

Mr. SULLIVANT tem a seu serviço de 250 a 300 trabalhadores brancos e negros, aos quaes dá 15 dollars por mez e comida variada e sa, como tivemos occasião de ver. É inutil dizer que a base da alimentação é o milho debaixo de todas as formas. Custa-lhe 26 centavos a comida diaria para um homem.

O capital empregado nesta grande propriedade é muito resumido e distribuido do modo seguinte:

40,000 acres a \$1 25,	50,000
500 mulas,	75,000
Material e pações,	25,000

Dollars, \$150,000

Aos nossos fazendeiros deve admirar que uma propriedade desta natureza tenha empregado sómente 25,000 dollars em casas e no grande material agricola. Isto quer dizer que os Americanos comprehendem o que é a vida rural. Tão deslocado fica um palacio na aldeia, como uma choupana em uma cidade. Em todo este paiz, e especialmente em Burr Oaks, as casas são excessivamente leves, e todas de madeira. Só querem um abrigo para as pessoas e generos.

Como disse acima, não me agradou o systema de cultura, que apesar de expoliador ainda obtém 20 bushels por acre, mas admiro a especulação mercantil que teve por grandes auxiliares as duas poderosas alavancas—*estrada de ferro e o arado*. Sem estes dois elementos Mr. SULLIVANT não poderia ter feito uma fortuna em oito annos.

Além da renda elevada que annualmente percebe, Burr Oaks vale hoje 2 milhões, si for vendido em grandes lotes e 4 milhões si for subdividido em pequenos. Este anno a colheita devia ser de 400 mil bushels, vendidos de 35 a 40 centavos, deixando um lucro liquido, minimo, de 20 centavos. Assim, o capital de 150 mil dollars produziu uma renda de 80 mil. Esta renda de 50 p.c. foi constante, e não impediu que a propriedade adquirisse o valor que hoje tem.

Toda a propriedade é cortada por uma linha ferrea construída a americana: pontes de madeira, estacas, e os trilhos acompanhando as sinuosidades do terreno. Tudo é leve e barato, e desse modo vai um bushel de milho a qualquer porto do Atlantico por 12 centavos, tendo percorrido 1,000 ou 1,100 milhas.

Burr Oaks está a venda, dizendo Mr. SULLIVANT não poder continuar porque reconhece que está monopolizando muitos terrenos e estar velho.

De volta a Chicago descemos a ver os annos onde se esconde o vicio e todas as curiosidades que se podem encontrar em uma cidade rica e populosa, como é a capital do Oeste.

Até fizemos um passeio excellente em um yacht de regatas de Mr. BRUCE que nos obsequiou com um lunch a bordo.

De Chicago seguimos para Moline. Esquecia-me dizer que visitamos com interesse a bella exposição annual que se faz em Chicago, de productos do Illinois. A bella collecção de productos agricolas e industriaes, ao lado das machinas de todo o genero mostram a grandeza daquelle Estado tão novo e tão prospero. Parece impossivel que, ha 35 annos, não houvesse uma casa em Chicago!

Em Moline visitamos a grande fabrica de instrumentos agricolas de JONX DEERE, que exporta annualmente 60 mil arados e cultivadores! Veja, meu amigo, que profusão de mansos e pacificos colonos vão revolver e fecundar as terras do Illinois! Mais se admirara de saber que juncto a esta ha a Moline Plough Company que fabrica 40 mil, e do outro lado do Mississipi, em Davenport ha uma terceira tão importante como a segunda! São, pois, 140 mil instrumentos preciosos que sahem do caninho de um Estado, onde ha apenas 8,000 habitantes.

Juncto de Mr. DEERE tivemos uma recepção esplendida em sua linda casa de morada onde jantamos. A tarde fomos para o campo ver lavrar os arados duplos, (*gang plough*), de rodas altas. O trabalho é excelente e feito com economia de tempo e trabalho, e a machina obedece com facilidade aos movimentos do lavrador, como observei por mim mesmo tomando a direcção do

instrumento. Tanto o apreciei que fiz immediata aquisição de um.

D'ahi tomamos a linha do Pacifico e começamos a atravessar o Estado de Nebraska. Em Omaha encontrei um pequeno escriptorio onde estão reunidos todos os esclarecimentos sobre preços, qualidade das terras e ao lado os productos d'essas localidades. Mappas em profusão, e tudo que possa servir a esclarecer os colonos. Tudo modesto, claro e facil. N'este Estado a cultura começa a desenvolver-se rapidamente, e em 10 annos apparecem villas e cidades que vão sempre em augmento.

Atravessamos o grande deserto americano, que é enfadonho, e em Ogden afastamo-nos para ir ver *Salt Lake*. Ahí visitamos os Mormons, e fomos recebidos por BIGHAM YOUNG que nos fez algumas perguntas sobre o Brazil.

Pouco de parte sua doutrina, é uma população muito laboriosa e amiga do progresso. Todo o valle, aliás muito pobre, está transformado, graças á irrigação, em verdes prados.

Passamos pelas montanhas da Nevada, e no dia 19 de Setembro passamos por Sacramento, na California, ás 11 da manhã. D'ahi a S. Francisco (Oakland), onde chegamos ás 5 da tarde, e ha um campo de trigo! São leguas a direita e a esquerda cobertas do precioso cereal, apenas interrompidas pelas pequenas casais cercadas de eucaliptus, irrigados por bombas movidas pelos molinos de vento. É uma linda paisagem. Nos dias seguintes procuramos ver as curiosidades d'esse paiz de fadas, e atravessando seus campos não cessavamos de admirar a somma de trabalho e o cuidado extremo com a cultura das preciosas fructas do meio dia da Europa. A cultura da vinha progride espantosamente em todos os condados, e a fabricação do vinho é uma industria importantissima da California.

Descendo para o Sul, pelo valle de Sancta Clara, que mede 100 milhas de extensão, e que é, segundo os guias mais autorisados, o mais lindo dos Estados Unidos, fomos ter a New-Almaden rica mina de mercúrio, donde se extrahem mil garrafas por mez, e de volta ficamos na pequena cidade de S. José.

Esperava-nos, sem o sabermos, a mais linda exposição que tenho visto, attendendo a pequena cidade onde era feita. Tinha por titulo—Exposição do Valle de Sancta Clara. Mas apresentava as diversas industriaes d'essa pequena parte do paiz, tão desenvolvidas como em outros Estados mais adiantados, uma rica collecção de mineraes e marmores polidos, e a melhor exposição de fructos e legumes que hei visto nos Estados Unidos.

ISAAC DIXON expoz uvas e peras lindas: um caixo de uvas de 26 centímetros de longo. Vi uma abobora de 80 libras, um gira-sol de 40 centímetros de diametro, e um semnumero de raizes enormes. O clima secco da California e o terreno profundo e rico, são muito proprios para semelhante cultura, que seria improductiva si não tivesse a linha ferrea para transportar as fructas e legumes para os mercados de New York e outras cidades.

Veja a barateza de transportes como modifica o aspecto de um paiz!

Admirei uma cousa na California, — os Mexicanos não tem mais um palmo de terra em sua antiga Provincia.—A California é toda Americana! Eu vejo n'este facto a actividade e o trabalho exotando a preguiça.

De S. Francisco viemos a Nevada visitar a grande mina de prata *Great Bonanza*, que hoje tem poços de 1550 pés, e uma temperatura de 120 graos Fahrenheit nas galerias. Acompanhamos todo o processo, que se viu no annexo da Machinery Hall.

Em Nevada tieve occasião de ver campos irrigados com extrema simplicidade e economia.

Sem parar fomos a S. Luiz onde por meio das recommendações do Dr. NETTO

percorremos casas de correção, de trabalho, de refugio e outras instituições importantes.

Em Cincinnati visitamos as grandes salgas de porco. De Cincinnati desce-mos para o Kentucky afim de visitar a Caverna de Mammoth, onde estivemos.

De toda esta excursão trouxemos gra-tas recordações, e ficamos extremamente penhorados pelo franco e benévolo acolhimento com que nos receberam neste paiz admiravel, mas meu patri-cio e amigo, confesso-lhe, senti muitas vezes meu coração triste por ver que nós, possuindo uma terra mais rica, um clima mais ameno, estejamos tão afasta-dos do grao de desenvolvimento em que está este povo.

In-me esquecendo dizer-lhe que, em S. Francisco, visitamos minuciosamen-te o barrio onde se alojam 20,000 Chins. Vivem aglomerados em pequenos quar-tos, que constituem o cortiço do Rio de Janeiro.

O Chim é o instrumento de trabalho na California, e os ha bastante intelli-gentes e robustos.

São estas as mal alinhavadas notas de nossa viagem.

P. D. G. PAES LEME.

A VINHA.

QUAES SÃO NO BRAZIL OS DISTRICTOS MAIS FAVORAVEIS PARA PRODUZIR BEM A VINHA?

Como entre nós se tracta de desenvol-ver e propagar a cultura da vinha, pos-suindo eu a esse respeito algumas idéas que não estão em livros, fructo das ob-servações por mim feitas durante va-rios annos em varios paizes da Ameri-ca, julguei dever consignar por escripto essas observações, e procurarei dar-lhes a maior publicidade.

Tenho a intima convicção de que as terras, em que para o futuro ha de ser, com mais vantagem cultivada a vinha no Brazil, são justamente aquellas em que até agora essa cultura não tem sido ensaiada. Refiro-me especialmen-te aos terrenos mais ingratos e pedregosos (não graníticos nem impregnados de salitre) dos sertões das capitãlias do norte, sujeitos a frequentes secas natu-raes; mas onde, por meio de açudes, se poderão reservar pequenos tanques de rega, ao menos para de vez em quan-do humedecer a planta nos dous ou trez primeiros annos; pois mais tarde, si o bacello foi mettido bem profundo (em covas de quasi a altura de uma pessoa,) quando já a planta tenha adquirido fortes raizes, não houvera seca que lhe faça danno; especialmente si depois de pos-to o bacello se tiver tido o cuidado de cobrir toda a superficie da terra em der-redor com alguns seixos, os quaes ser-virão a conservar debaixo de si, (e por consequente em favor das raizes da plan-ta) a humidade, evitando que ella toda se exhale pelo dardejar dos raios so-lares.

A boa qualidade da terra faz, sim, a vide carregar mais de uvas; mas sem sempre são estas as melhores, nas terras de passapé, negras ou róxas.

O que a planta especialmente exige, para que os bagos do cacho madurem por igual e sejam mais doces, é que, no tempo em que a uva deve madurar, não haja muita humidade na atmosphe-ra, nem grandes relentos durante a noite. Esta humidade, em toda a costa oriental da America, começando dos Estados Unidos até o Rio Grande do Sul, é grande inimiga da bondade das vinhas; e embora, em um ou outro lo-gar, como v. gr. na ilha de Itamaracá, se produzam boas uvas, serão sempre de parreiras, mas não uvas de vinha. Nos Estados Unidos, do lado oriental, ainda mesmo em latitudes analogas ás de Portugal, Hespanha e Italia ou de S. Francisco da California, as uvas de vinha mais doce e saccharinas são pro-duzidas, sinão em estufas, pelo menos debaixo de vidraças que as reguardam da humidade e relentos da noite.

Foi durante a minha residencia em

Lima que tive occasião de adquerir, a respeito da cultura da vinha, com ap-plicação ao Brazil, as convicções que hoje tenho, e que depois conseguí veri-ficar, indo aos Estados Unidos.

Nos arredores de Lima, que está na mesma latitude da Bahia, mas em eu-as terras de clima secco nunca, chove, e mo é sabido, cultivava-se de regadio muitas vinhas; os bagos amadurecem por egual e são tão saccharinas que ho-jie fornece o Peru, vinhos que no mer-cado europeu suprem o Madeira e o Moscatel, tão bom como o melhor Setu-bal e Lunel.

A planta da vinha leva sobre a da canna a vantagem de poder durar até um seculo ou mais, sendo melhores até as plantas que já contam 20 ou 30 annos do que as novas. E todo o amanho que se reduz cada anno a poda, a empio, e a uma cara e a colheita da uvas, é me-nos arduo e proprio para o trabalho livre do que o corte das cannas. Mas a ventagem maior da vinha é que, para ella, servem os terrenos aridos, pedre-gosos e até arcentos, onde nunca daria a canna.

Não ha da minha parte nenhuma sympathia especial pelas vinhas, nem prevenção contra a cultura da canna; embora reconheço que com a carestia dos braços não poderemos no fabrico do assucar competir com a India, nem com a propria beterraba na Europa. E tanto não sou eu dos que mais se dei-xam levar pelas idéas da novidade, que não me conto no numero dos maiores advogados da propagação a todo custo da cultura do trigo no Brazil, cultura dezenas de vezes mais ingrata para os lavradores do que a do arroz, a do milho e especialmente a da mandioca, — e infinitamente mais do que a da banana e da fructa de pão, — ambas tão alimen-ticias.

Longe de mim o pretender que os nossos lavradores, só fiades nas asser-ções que acima consignei, se mettam a empregar capitães, ensaiando a oito al-guma grande plantação de vinhas, a qual por alguma causa imprevisita, po-desse vir a não medrar. Porém, nada mais facil do que fazer primeiro cada qual um pequeno ensaio, plantando em suas terras alguns bacellos, espalha-dos em diferentes logares, para obser-varem os que, ao cabo de dois ou trez annos prosperem melhor; e só então metter outros bacellos mais, nas im-mediações, isto é, fazer a vinha em regra com identica exposição do sol, etc.

Para os logares mais húmidos e inclu-sivamente para S. Paulo, onde com o maior empenho se dedicam alguns pa-trícios a essa cultura, limito-me a lem-brar a conveniencia de se obterem bacellos das duas espécies *terranes* do Alto Douro e *verdelho de carapuceo*, da chada do Judeu da villa de S. Vicente na ilha da Madeira; já ha mais de meio seculo recommendadas pelo illus-trado paulista e conselheiro ANTONIO RODRIGUES VELLOSO DE OLIVEIRA, na sua *Memoria sobre o melhoramento da Pro-vincia de S. Paulo*, que por ordem do Governo se imprimiu no Rio de Janeiro na epocha da independencia.

Não faltarão entre nós incredulos nesta theoria, e que della se riam como do monomaniaco do *mal dos vinhas*. Façam-se porém experiencias, embora a principio em muy pequena escala, e temos a convicção que o tempo nos jus-tificara.

Vienna, Outubro, 1876.

VISCONDE DE PORTO SEGURO.

Experimentos recentes tem demons-trado que do mandubi commum (*Arachis hypogea*) se pode extrahir 16 por cento de excellento oleo, que para fins alimenticios, mechanicos e de illumina-ção, é quasi tão excellento como o da amendoa, linhaça ou oliveira. A massa do mandubi depois de extrahido o oleo serve para alimentação de gado e para estrume, e como tal é empregada na India com muita vantagem.

CARVÃO DE PEDRA DO BRAZIL.

TIVEMOS ultimamente occasião de analysar trez amostras do carvão brasileiro, das Pro-vincias de S. Catharina, Paraná e Rio Grande do Sul. O resultado que obtivemos foi tão li-sonjeiro que anima-nos a dal-o á publicidade.

E sem duvida alguma conhecido que o com-bustivel mineral é de origem vegetal, que du-rante a mudança foi comprimido e soffreu alte-ração em suas propriedades chimicas. As plan-tas fósseis Sigillands, Calamites, Stigmuria, Cordaites etc., acham-se quasi sempre estampa-das nas laminas de carvão, vindo assim mais provar que elle não é sinão uma materia vege-tal mineralisada.

O carvão ocorre em camadas separadas umas das outras por espessos stratos ou leitos de argilla, pedras arenosas e calcareas. As camadas variam muito em espessura, chegando as vezes á medir dez metros como acontece com a veia Menameth de Pennsylvania. Observaremos porém, que as camadas mais espessas não são as de mais valor, porquanto a extracção em uma veia de um metro á metro e meio, effectua-se em condições muito mais economicas que naquellas.

O combustivel mineral ou carvão fossil, di-videse em trez classes, Lignito, Betuminoso e Anthracito. As trez amostras que analysámos pertencem á classe do carvão betuminoso, e por isso só della trataremos.

O termo carvão betuminoso é algum tanto fallaz, porquanto não existe n'elle betume al-gum. E recebeu este nome pelo facto de conter grande quantidade dos gases hydrogenio, oxí-geno e nitrogenio, que entram na sua composi-ção em maior escala do que no anthracito, dando-lhe assim um character mais inflamma-vel. E' geralmente conhecido no mercado co-mo carvão de Newcastle ou Channel. Distin-guem-se duas especies, uma contendo muito carbono e produzindo uma chamma curta, ou-trá semelhante ao carvão de Westphalia, porém de chamma longa. A primeira dessas especies é quasi sem uso nos trabalhos de forja, a se-gunda presta-se admiravelmente as caldeiras, uso domestico, á produção do coque, etc. Não se adapta muito aos trabalhos metallurgicos em razão da grande abundancia de materias hydrocarbonicas. Subjeitando-se-o a uma tem-perature alta, ellas fazem com que elle se de-sintégre e se reduza a uma pasta viscosa donde se desenvolvem bolhas de gaz. Esta proprie-dade torna impossivel o accesso do ar sufficien-te nas fornalhas, impedindo d'essa forma, ele-vada temperatura. A parte viscosa depois de fria torna-se solida, sonrosa e quebradiça, ella é attribuida á substancias gordurosas que con-tém o carvão. Em Penclaird perto de Siran-sca observou-se que o carvão betuminoso perde grande parte d'essa materia, depois de exposto alguns dias ao ar atmosferico. Talvez que esse facto ache explicação na perda do gaz ou oxidação pelo ar. O carvão betuminoso é o que se presta mais á combustão, em vista da grande quantidade do hydrogenio que contém, e empregado na fabricação do gaz não encon-tra outro rival; a sua radiação de calor é maior do que a do anthracito, tomando-se portanto bastante util as fornalhas reverberatorias.

O ferro associa-se algumas vezes ao carvão em forma de pyrites ou bisulphido de ferro.

Em operações metallurgicas e manufactu-rias, o carvão contendo pyrites é muito nocivo, porque com o calor o enxofre separa-se e une-se ao oxigenio do ar formando o acido sulphu-roso que vai complicar as reacções chimicas no interior das fornalhas. O mesmo acontece na fabricação do gaz, na distillação do carvão parte do enxofre apodera-se do hydrogenio formando o acido hydrosulphurico e outras partes pela união do carbono produzem o bi-sulphido de carvão, ambos os quaes diminuem o poder illuminante do gaz. A espontanea combustão que frequentemente dá-se nas mi-nas de carvão, acredita-se que dependa em grande parte da decomposição do pyrites de ferro, porque si a humidade estiver presente o bisulphido converte-se em bisulphato e duran-te essa transição opera-se uma evolução de ca-lorico que inflamma o carbono debaixo de muy favoraveis circunstancias.

Geralmente são o enxofre e a cinza que de-terminam a boa ou má qualidade do carvão.

A analyse tem por objecto principal determi-nar a agua hygroscopica, materias volateis e combustiveis, quantidade fixa de carbono, cin-za e enxofre. Comquanto na composição do carvão entrem os elementos hydrogenio, oxí-genio, nitrogenio e etc. o conhecimento de suas percentagens não influencia alguma no mercado. No analyses que fizemos achamos os seguintes resultados.

Carvão de S. Catharina, propriedade do Vis-conde BARRACENA:

Humidade.....	1.02
Materia volateis e combustiveis.....	38.56
Carvão fixo.....	47.32
Cinza.....	12.05
Enxofre.....	6.15

Carvão do Paraná, propriedade do Sr. A. R. L. ANDRADE.

Humidade.....	1.83
Materia volatei e combustivel.....	33.35
Carvão fixo.....	57.69
Cinza.....	4.04
Enxofre.....	2.20

Carvão do Rio Grande, Rio Candiota.

Humidade.....	1.03
Materia volatei e combustivel.....	34.21
Carvão fixo.....	58.12
Cinza.....	1.28
Enxofre.....	1.01

O carvão de S. Catharina não parece ser de boa qualidade, segundo o analyse, porém incli-namo-nos a erer que as camadas inferiores sejam melhores. A amostra que nos foi dada pelo nosso amigo o Dr. PAES LEME (Commis-sario do Brazil) foi provavelmente tomada a esmo e perto da superficie, como se vê de sua impureza apparente. Para que a analyse tenha valor representativo é preciso que o carvão seja tirado de diferentes logares e misturados previ-amente antes de tirar a mostra que vai ser analysada. Os carvões do Paraná e Rio Gran-de são de primeira qualidade. Com o fim de comparar o nosso carvão com o estrangeiro, damos abaixo algumas analyses, de carvões que são tidos, como bons na Inglaterra e Estados Unidos.

INGLATERRA.

Newcastle.	Northumberland.	Galles do Sul.
Humidade.....	1.30	1.35
Mat. vol. e comb.	28.31	32.56
Carbono fixo.....	64.21	48.41
Cinza.....	3.75	1.36
Enxofre.....	1.01	1.51

ESTADOS UNIDOS.

Kentucky.	Pennsylvania.	Ohio.
Humidade.....	7.06	1.31
Mat. vol. e comb.	30.81	34.43
Carbono fixo.....	58.70	57.89
Cinza.....	3.40	4.73
Enxofre.....	0.98	1.24

Como vemos o carvão de Sancta Catharina e Paraná contém mais cinza e enxofre do que o inglez e americano. A lucta é desigual, por que o carvão inglez e americano que apresen-tamos são perfeitamente conhecidos como de primeira qualidade, suas minas estão profun-das e bastante desbastadas, e não é pois de admirar que as amostras tiradas das camadas in-friores, apresentem resultados mais favoraveis do que aquellas que foram apunhadas na su-perficie d'uma mina que ainda não foi traba-lhada. Si, porém, lançarmos os olhos sobre o carvão do rio Candiota que se acha em mine-ração e compararmos com o inglez e america-no a superioridade achar-se-ha do nosso lado, Mr. W. G. GINTY, antigo engenheiro do gaz no Rio de Janeiro, obteve coque do carvão do rio Candiota, superior ao de Newcastle.

A mina Candiota foi concedida a uma com-panhia inglesa, que nella tem trabalhado mo-destamente, porém com notavel successo. A falta de meios para o transporte do carvão tem retardado o seu desenvolvimento, mas é de esperar que com a conclusão da projectada es-tra-da de ferre, que a companhia tem em vista, abram-se novos horizontes á nascente industria do continente sul americano.

Poderá então supprir todo o mercado do Rio e das republicas do Prata, em circunstancias mais favoraveis e economicas, do que aquellas que o estrangeiro offerece-nos.

Sou informado que o preço do carvão Can-diota é de 21\$000 rs. a tonelada, o que não deixa de ser bastante elevado. O Rio de Ja-neiro que importa anualmente perto de trezentas mil toneladas ao preço mais ou menos de 22\$000 rs., virá sem duvida alguma a ser um grande consumidor do carvão candiota, logo que este possa concorrer em preços com o carvão estrangeiro.

E' de lustimar-se que existindo poucas minas em eguaes circunstancias ás da de Candiota, deixe-se escapar a riqueza que ella encerra. Possui ella os principais elementos para afi-nementar uma officina metallurgica, o minereo, o fundente e o combustivel ali se acham todas a mão e da melhor qualidade. O ferro que ella tem é conhecido como bom e de mineração lucrativa, a pedra de cal serve não só para fun-dente como tambem para a manufactura do proprio cal. Seu futuro é grande, ella irá re-presentar na America do Sul o mesmo papel que a Scranton tem feito na America do Norte.

J. NABOR PACHECO JORDÃO.

EXPOSITORES BRAZILEIROS
na Exposição de Philadelphia que
receberam medalhas.

Em seu N.º 72, o *Novo Mundo* publicou uma lista parcial de expositores brasileiros a quem a Comissão directora conferiu o unico premio de merito, isto é, a medalha de honra. Agora publicamos em seguida outra lista mais completa contendo 334 premios. A esses ainda teremos de ajuntar depois os nomes de 87 expositores que tambem receberão a medalha e que infelizmente ainda não foram publicados pela Comissão directora. Assim, vê-se que tendo o Brazil tido 1,104 expositores, obteve 421 premios, —brilhante successo na verdade, sobretudo si considerarmos que a Republica Argentina não tocarão mais de 80 medalhas e o Chile mais de 40.

Dr. Ubatuba, Rio Grande do Sul, extracto de carne.
Joaquim Ventura d'Almeida Torres, Paraná, mate.
J. R. Xavier, São Paulo, chá.
Jr. Paulo Cordeiro, Rio de Janeiro, rapé.
Domingo Gomes Jardim, Rio de Janeiro, café.
Manoel da Rocha Leão, Rio de Janeiro, café.
José Pinto Tavares, Rio de Janeiro, café.
Pedro Ramos Nogueira, São Paulo, café.
Augusto J. de M. Jordão, Rio de Janeiro, café.
José Manuel Freire, Rio de Janeiro, café.
José Assis Alves, Minas Geraes, café.
Barão da Bella Vista, São Paulo, café.
Manoel A. Ayrose, Rio de Janeiro, café.
Visconde de Jaguary, Rio de Janeiro, café.
Antonio Cornelio dos Santos, Rio de Janeiro, café.
Leopoldina R. da S. Canova, Pará, conservas.
Santos & Ferreira, Rio de Janeiro, conservas de palmito.
Prof. H. Gorceix, Minas Geraes, collecção geologica.
Domingos de Almeida, Pará, cola de peixe.
T. T. Anspicio Guimarães, Rio de Janeiro, selim de senhoras.
Nicolau Schmitt & Co., Santa Catharina, selins.
Theotonio Guimarães, Rio de Janeiro, selins.
José Antonio Antunes, Rio de Janeiro, machina de café.
Antonio José Rodrigues d'Araujo, Rio de Janeiro, preparações pharmaceuticas.
José Duarte Dias, Amazonas, drogas e oleos.
Merino & C.º, Rio de Janeiro, instrumentos chirurgicos.
Leão & Alves, Porto Alegre, preparação pharmaceutica.
Ferreira Maia & C.º, Pernambuco, preparação pharmaceutica.
Trajano A. de Carvalho, Rio de Janeiro, modelo de corvetas e lanchas a vapor.
Commissão da Carta Geral, Rio de Janeiro, mappas do Imperio do Brazil.
Dr. André Rebouças, Rio de Janeiro, docas do Rio de Janeiro.
Dr. Borja Castro, Rio de Janeiro, doca d'alfandega.
J. dos Santos Conceiro, Rio de Janeiro, rebecas e violões.
Moraes Ancora, Rio de Janeiro, carabinas de carregar pela culatra.
Barão de Villa Franca, Rio de Janeiro, madeiras.
Elias José Nunes, Pará, borracha.
Ernest Krull, Bahia, café.
D. Frederica Krull, Bahia, café.
Visconde do Rio Novo, Rio de Janeiro, café.
Antonio Pompeu de Camargo, São Paulo, café.
Antonio da Costa Pereira, Rio de Janeiro, café.
Freire & Irmão, Rio de Janeiro, café.
D. Maria Constança de Jesus e Silva & Filhos, Rio de Janeiro, café.
Lazzarini, Rio de Janeiro, café.
Manoel de Freitas Lemos, Rio de Janeiro, café.
Luiz Bornaud, Bahia, café.
José Teixeira da Nobrega Sobrinho, Rio de Janeiro, café.
Joaquim F. d'Almeida Nogueira, S. Paulo, café.
Rodolpho Richter, Santa Catharina, café.
Francisco Marcendes Machado, Rio de Janeiro, café.
Francisco Pompeu do Amaral, S. Paulo, café.
Silverio Rodrigues Jordão, S. Paulo, café.
Barão de Araruama, São Paulo, café.
Pedro Maria da Costa, Minas Geraes, café.
Raphael Tobias de Aguiar, São Paulo, café.
Antonio José de Carvalho, Minas Geraes, café.
Visconde de Prados, Minas Geraes, café.
E. F. Assis Fonseca, Minas Geraes, café.
Conselheiro João da Silva Carrão, S. Paulo, café.

J. Francisco de Paula e Souza, São Paulo, café.
Barão de Souza Queiroz, São Paulo, café.
Dr. B. Gavião, São Paulo, café.
Luiz de Souza Breves, Minas Geraes, café.
D. Maria Miró, Paraná, cera.
I. F. Simas, Bahia, charutos.
Barão de Villa Franca, Rio de Janeiro, mandioca, tapioca e polvilho.
M. A. Guimarães, Paraná, farinha de mandioca.
S. A. Vieira, Maranhão, tapioca granular.
Dr. H. R. d'Alvarenga, Rio de Janeiro, polvilho, farinha e bijú.
D. Maria C. de Jesus e Silva & Filhos, Rio de Janeiro, tapioca perola.
Barão de Piratininga, Rio de Janeiro, preparações de tapioca.
M. F. A. Jorge, Alagoas, goma de araruta.
José A. do Rego, Pernambuco, goma de araruta.
José C. Furtado, Pará, tapioca granular.
C. F. Hartt, Brazil, photographia geologica.
Colegio de Meninas Immaculada Conceição, Ceará, bordados e outros trab. de alumnas.
Academia de Bellas Artes, Rio de Janeiro, collecção de differente estilo de desenho.
Instituto de Artes, Rio de Janeiro, chromo-lithographia, etc. etc.
Instituto Commercial, Rio de Janeiro, collecção de desenhos, escriptas, etc.
Faculdade de Medicina, Rio de Janeiro, theses e obras de medicina e cirurgia.
Imperial Instituto dos Cegos, Rio de Janeiro, apperhos que se usam no ensino.
Laemmert, Rio de Janeiro, obras para a educação.
Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, livros.
Dr. Nicolau J. Moreira, Rio de Janeiro, tractado de colonização.
Instituto dos Surdos-Mudos, Rio de Janeiro, livros de educação, etc.
1.ª Eschola Publica do Freguezia da Gloria, Rio de Janeiro, collecção de livros de educação.
Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, publicações.
Eschola da Marinha, Rio de Janeiro, collecção de livros de educação.
Instituto Pharmaceutico do Brazil, Rio de Janeiro, publicações.
Collegio de Meninas São Sebastião, Rio de Janeiro, trabalho das alumnas.
Collegio de Meninas São José, Rio de Janeiro, trabalho das alumnas.
Sociedade Amante da Instrução, Rio de Janeiro, trabalho das alumnas.
Instrução Publica, Ministerio do Imperio, Rio de Janeiro, exhibição do systema de educação no Imperio.
Lyceu de Artes e Officios, Rio de Janeiro, publicações.
Typographia Nacional, Rio de Janeiro, varios trabalhos publicos.
Academia de Medicina, Rio de Janeiro, publicações.
M. G. Valentim, Rio de Janeiro, brincos de novo systema.
Victor Meirelles de Lima, Rio de Janeiro, pintura a oleo (Primeira Missa).
Severino Leite, Rio de Janeiro, erina vegetal.
Fabrica de Ferro do Ipanema, S. Paulo, specimen de mineras de ferro.
Museu Nacional, Rio de Janeiro, collecção de mineras.
Visconde de Barbacena, Rio de Janeiro, amostras de carvão de Pedra.
E. Stereaux, S. Paulo, collecção de marmore.
J. Severo Correa, Paraná, specimen de lousa.
Dr. F. Teixeira de Freitas, Paraná, cal de pedra.
J. S. da Silva Nhozinho, Paraná, specimen de cal.
J. Francisco Supply, Paraná, pyrites marcial.
Dr. J. C. da Silva Muricy, Paraná, sulphur extrahido do quartz.
Dr. Agostinho E. Leão, Paraná, sulphureto de chumbo.
A. G. de Araujo Penna, Rio de Janeiro, opodeldoo.
Ferreira Maia & C.º, Pernambuco, preparações pharmaceuticas.
F. J. Lepage, Minas Geraes, preparações pharmaceuticas.
Hospital Militar do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, preparações pharmaceuticas.
Commissão da Provincia de Pernambuco, Pernambuco, phosphoros de segurança.
J. Safarana, Paraná, velas de cera.
E. A. M. Esberard, Rio de Janeiro, potes de barro.
Colonia de D. Francisca, Santa Catharina, tijolos e tubos de barro.
Commissão da Provincia de São Pedro do Sul, Rio Grande do Sul, tijolos de pedra.
Commissão Geral da Exposição Nacional, Rio de Janeiro, mobilia.
R. J. Gerth, Rio de Janeiro, mobilia de junco.
Keppler & Irmão, Rio Grande do Sul, cadeiras de páu.
Caza de Correção, Rio de Janeiro, mobilia.

Johannes Borddal, Paraná, mozas e caixinhas de costura.
Polybio da Rocha, Bahia, multiforme peças de mobilia.
Commissão da Provincia de Amazonas, Amazonas, vassouras e cordonha de junco.
Brazil Industrial, Rio de Janeiro, fazendas de algodão e lona.
Arsenal da Bahia, Bahia, amostra de tambor.
Arsenal de Marinha, Rio de Janeiro, baldes de couro.
Arsenal de Guerra, Rio de Janeiro, espadas para cavallaria.
Bierrenback & Irmãos, S. Paulo, trabalhos de ferro fundido.
Couto dos Santos, Rio de Janeiro, trabalhos de ferro fundido.
Hargreaves & Irmão, Rio de Janeiro, ornamentos de ferro.
J. Seckler, São Paulo, livros em brancos e impressão.
Geo. Leuzinger e Sons, Rio de Janeiro, livros em brancos e albums.
Francisco de P. Gomes Barroso, Campos, Rio de Janeiro, assucar.
Dr. Antonio Gomes de Carvalho Barrozo, Campos, Rio de Janeiro, alcohol.
Julião R. de Castro e Filho, Campos, Rio de Janeiro, assucar.
Commendador José Ribeiro de Castro, Campos, Rio de Janeiro, assucar.
Dr. Paulo Francisco da Costa Vianna, Campos, Rio de Janeiro, assucar.
Affonso Mogens Desincourt, Maranhão, assucar.
Manoel de Souza Leão, Pernambuco, assucar.
Leão & Alves, Porto Alegre, oleos e perfumaria.
Mansell, Carré & C.º, Rio de Janeiro, assucar.
Silva Martins & C.º, Pará, oleo vegetal.
Visconde de Mauá, Rio de Janeiro, assucar.
José Thomaz Pires Machado Portella, Pernambuco, assucar.
C. Schumann & C.º, Rio de Janeiro, vinagre.
Sergio & C.º, Bahia, assucar.
F. A. Steekel, Rio de Janeiro, oleo vegetal.
Barão de Villa Franca, Rio de Janeiro, oleo vegetal.
J. Francisco Supply, Paraná, medalhas de bronze.
Raynundo José Rabello, Pará, borracha.
Dr. J. C. da Silva Muricy, Paraná, nozes.
José Joaquim A. da Silva, Rio de Janeiro madeiras.
Dr. Agostinho Ermelindo de Leão, Paraná, madeiras.
J. M. C. Cavaleante, Alagoas, madeiras.
Dr. Borja Castro, Bahia, madeiras.
Dr. Rufino de Almeida, Pernambuco, madeira de tinturaria.
Manoel F. de A. Jorge, Alagoas, material para costume.
Capitão Luiz R. de Souza Rezende, Rio de Janeiro, seda em rama e casulos.
Antonio Luiz dos Santos Reis, Rio de Janeiro, seda em rama.
Dr. Nicolau Joaquim Moreira, Rio de Janeiro, casulos do bicho da seda.
Silva Leal & Santos, Rio de Janeiro, macarrão e maças.
Commendador Luiz Antonio de Souza Barros, São Paulo, café.
Raphael Aguiar Paes de Barros, S. Paulo, café.
Commendador José Vergueiro, S. Paulo, café.
Augusto Francisco de Lacerda, Bahia, café.
Caetano J. Munhoz, Minas Geraes, café.
Crysotom J. Fernandes, Bahia, café.
Umbelino Tosta, Bahia, café.
Pinto & Irmãos, Bahia, tabaco em folha e em rolo.
Dr. J. C. da Silva Muricy, Paraná fumo em rolo e cigarros.
José Espindola da Veiga, Rio de Janeiro, fumo em rolo e picado.
José C. Furtado, Pará, fumo de borba.
Francisco A. Colares Moreira, Maranhão, fumo de borba.
Daniel Rocha Ferreira, Minas Geraes fumo em rolo.
M. J. de Castro, Rio de Janeiro, frutas em conserva.
Santos & Ferreira, Rio de Janeiro, frutas em conserva.
Dr. J. V. Perdigão, Maranhão, frutas em conserva.
Otto Freygang, Colonia Blumenau, xarope de frutas.
Francis Isidore Duos, Rio de Janeiro, xarope.
Braga, Irmãos & C.º, Rio de Janeiro xarope de frutas.
Bernardino R. de Carvalho, São Paulo, arroz.
Raymundo J. T. Valle, Maranhão, arroz.
General I. J. A. Brant, Minas Geraes, Baunilha.
M. Antonio Guimarães, Paraná, arroz.
Directoria da Colonia do Mucury, Minas Geraes, fumo em rolo.
F. J. Moreira & C.º, Rio de Janeiro, mobilia.
Casa de Correção da Bahia, Bahia, mobilia.

A. Esprita, Rio de Janeiro, Estatua.
Samuel G. da Silva, Rio de Janeiro, tintas.
Monteiro & C.º, Rio de Janeiro, tintas.
Ferreira Maia & C.º, Pernambuco, tintas.
Companhia Imperial Luz Sterica, Rio de Janeiro, velas esterinas e sabão.
João Ferreira Villela, Rio de Janeiro tintas.
Ferreira de Carvalho & Irmão, Rio de Janeiro, velas sterinas.
Rebello & C.º, Rio de Janeiro, manufactura de algodão grosso.
Provincia da Bahia, Bahia, fibras vegetaes.
Commissão da Provincia do Amazonas, Amazonas, fibras vegetaes.
Dr. Agostinho Ermelino Leão, Paraná, fibras vegetaes.
Severino da Costa Leite, Minas Geraes, fibras vegetaes.
Baroneza de Sarahy, Rio de Janeiro, trabalhos de crochet.
D. Silveira de Souza, Santa Catharina, flores de escama.
Madmoiselles M. & E. Natté, Rio de Janeiro, flores de pena.
Fernandes Braga & C.º, Rio de Janeiro, chapéos.
Francisco Fisher, Rio de Janeiro, chapéos.
Bierrenback & Irmão, São Paulo, chapéos.
Floro P. Requião, Bahia, chapéos.
F. Pereira Correia, Antonina, Paraná, mate.
Caetano José Munhoz, Paraná, mate.
Fr. V. de Vasconcellos, Bahia, conservas.
Luiz Manoel Agnez, Paraná, mate.
Liborio Linb & Ferreira, S. Paulo, chocoláte.
Rocha Leão & C.º, S. Paula, chá.
Camara Municipal da Bahia, fibras vegetaes.
Fazenda do Thezoureiro, Minas Geraes, chá.
Vicente Ferreira da Luz, Paraná, mate.
Arouche, S. Paulo, chá.
Conselheiro João da Souza Carrão, S. Paulo, chá verde.
José Luz Martins, Rio de Janeiro, chá.
Luiz F. de Pinho, Rio de Janeiro, chocoláte.
Francisco L. de M. Russo, S. Paulo, chá.
D. Maria C. de Jesus Silva & Filhos, Rio de Janeiro, cacão.
Cergueira & C.º, Bahia, cigarros, charrutos e fumo.
G. A. Schnorbusch, Bahia, charutos.
Souza Novas & C.º, Rio de Janeiro, cigarros.
Souza Novas & C.º, Rio de Janeiro, fumo de rolo e picado.
R. Cortina, Bahia, charutos.
Insley Pacheco, Rio de Janeiro, Photographia.
M. G. Assumpção, Paraná, farinha de milho.
A. L. S. Ribas, Paraná, araruta.
Ponta d'Area, Rio de Janeiro, trabalhos de ferro fundido.
Arsenal da Bahia, Bahia, feichaduras para burras.
F. Candido da Costa, Rio de Janeiro, bombas para agua.
Gen. J. F. Andrade Brant, Minas Geraes, amostras de rezinas.
Visconde de Jaguary, Rio de Janeiro, feijão-rosa.
J. Lourenço Correa, S. Paulo, plantas medicinaes.
A. J. Rodrigues de Araujo, Rio de Janeiro, plantas medicinaes.
J. P. de Souza Araujo, Paraná, plantas medicinaes.
Z. M. Foggio, Goyaz, plantas medicinaes.
A. Philippe, Paraná, lagrimas da virgem.
Gen. J. F. Andrade Brant, Minas Geraes, raizes medicinaes.
Dr. Heredia de Sá Campos, Rio de Janeiro, raizes de heredia.
Commissão da Provincia do Sergipe, Sergipe, café.
Presidencia da Provincia de Santa Catharina, Santa Catharina, café.
J. J. de Souza Breves, Rio de Janeiro, café.
Barão de Camargos, Minas Geraes, café.
Barão de Atibaia, S. Paulo, café.
P. J. Monteiro, Rio de Janeiro, café.
F. L. d'Almeida Magalhães, Rio de Janeiro, café.
J. L. Belens, Rio de Janeiro, café.
Friburgo & Filhos, Rio de Janeiro, café.
Baroneza do Porto Novo do Cunha, Rio de Janeiro, café.
J. C. Carvalho, São Paulo, café.
F. N. Carneiro Nogueira da Gama, Rio de Janeiro, café.
Pereira & Braga, Rio de Janeiro, charutos.
Souza Queiroz & Filhos, São Paulo, fumo.
Guilherme Rosenstock, Santa Catharina, fumo.
Candido José Ferreira, Bahia, charutos.
F. Viotti, Minas Geraes, fumo.
Vasconcellos & Filhos, Ceará, rapé imperial.
Ildphonso J. G. d'Andrade, Paraná, mate.
Companhia Exploração Central, Paraná, mate.
Tibareio de Macedo, Paraná, mate.
Klippel & Irmão, São Pedro do Sul, couros e solas.
D.ª Maria Miró, Paraná, cera amarella.

- Macedo & Azevedo, São Pedro do Sul, cern amarella e branca.
 J. Sawerbee, Santa Catharina, amruta.
 Instituto Fluminense d'Agricultura, Rio de Janeiro, fariuha.
 Barão de Pirapitinga, Rio de Janeiro, farinha e amruta.
 Costa & C^o, Rio de Janeiro, assucar.
 Director da Colonia Jatahy, Rio de Janeiro, caxaca.
 Belache, Paraná, licores.
 A. P. C. Mamede, Ceará, vinho de cajú.
 F. Viotti, Minas Gernes, licores.
 F. L. Correa, Paraná, vinho de genipapo.
 Instituto Fluminense d'Agricultura, Rio de Janeiro, chapéos de fibras de bambuceca.
 Rheingantz & Vater, Rio Grande do Sul, fazendas de lã.
 M. A. Machado, Paraná, objectos de cabello animal.
 Adolpho Dol & C^o, Rio de Janeiro, linhos e roupas brancas.
 Chastel & C^o, Rio de Janeiro, chapéos.
 J. Bithencourt, Rio de Janeiro, formas para sapatos.
 Berthon, Rio de Janeiro, botinas de senhora.
 M. M. Rodrigues Gomes, Bahia, botinas e sapatos.
 H. Viguiet, Rio de Janeiro, sapatos.
 F. Freischlag, Rio Grande do Sul, couro de verniz.
 Costa Eymael & C^o, Rio Grande do Sul, couro curtido.
 M. F. da Silva Costa Junior, Rio de Janeiro, dentes artificiaes.
 Aimé Coullant, Rio de Janeiro, collares para cavallos.
 Casa de Correção de São Paulo, São Paulo, cabeçadas, redeas e arrieos.
 Archivo Militar, Rio de Janeiro, mapas e cartas.
 J. Villeneuve & C^o, Rio de Janeiro, industria do Jornal do Commercio.
 Tenente Coronel J. Ferreira de A. Brant, Minas Gernes, colleção de insectos.
 J. dos Santos Couceiro, Rio de Janeiro, rabeça e arco.
 Comissão Geral da Exposição Nacional, Rio de Janeiro, um piano.
 Dr. Ewbank da Camara, Rio de Janeiro, estradas de ferro de São Paulo.
 Engenheiro Fox, São Paulo, bna gerencia de estrada de ferro.
 Casa da Moeda, Rio de Janeiro, colleção de moedas brazileiras.
 M. Alves Marques Junior, Rio de Janeiro, banheiro de chuva.
 Dr. Fausto de Sousa, Rio de Janeiro, obuzes de metal.
 Arsenal de Guerra, Rio de Janeiro, uniformes e equipagens.
 E. P. M. Silveira, Santa Catharina, brandy.
 J. S. C. Castro, Paraná, licor de absyntho.
 Dr. Rufino de Almeida, Pernambuco, fibras vegetaes.
 D. Maria Pinto Netto, Rio de Janeiro, bordados.
 M. Antonio Chaves, Rio de Janeiro, bordados.
 Baroneza de Pirapitinga, Rio de Janeiro, bordados.
 Sua Alteza Imperial a Princesa D. Isabel, Rio de Janeiro, bordados.
 Sua Alteza Imperial a Princesa D. Isabel, Rio de Janeiro, flores de milho.
 Pereira Alves & C^o, Paraná, sabão e velas.
 Comissão Geral da Exposição Nacional, Rio de Janeiro, manteiga de tartaruga.
 Comissão da Provincia de Pernambuco, Pernambuco, algodão.
 Comissão da Provincia de São Paulo, São Paulo, algodão.
 Comissão da Provincia do Parahyba, Parahyba do Norte, algodão.
 Comissão da Provincia do Ceará, Ceará, algodão.
 Alexandre C. Moreira, Maranhão, algodão.
 Eugenia Herbst, Sta. Catharina, algodão.
 D. Rosalina Paes Leme, Sta. Catharina, algodão.
 F. J. Xavier da Silva, Paraná, algodão.
 Luiz Maylasky & C^o, S. Paulo, algodão.
 Luiz A. de Souza Barros, S. Paulo, algodão.
 Diogo A. de Barros, S. Paulo, algodão.
 Barão de Villa Franca, Rio de Janeiro, paina.
 Felix F. Portella, Pernambuco, cabelo vegetal.
 Lang & C^o, Paraná, linhaça e lintagem.
 Domingos V. Paraizo, São Paulo, fumo.
 Manoel F. de Araujo Jorge, Alagoas, oleo de coco.
 Comissão da Provincia do Pará, peixe boi.
 D. Emilia de Paiva, Alagoas, bordados.
 José P. Barboza de Miranda, Rio de Janeiro, cigarros.
 1^o. Eschola Publica da Freguezia da Lagôa, Rio de Janeiro, trabalhos das alumnas.
 Camara Municipal de Santarem, Bahia, fibras vegetaes.

O INSTITUTO DO NOVO MUNDO EM YTU.

E-NOS escusado dizer que folgamos de muito com a crescente prosperidade deste Instituto, que fundámos em memoria do bom acolhimento que esta publicação tem tido na Provincia de S. Paulo. O Sr. Barão de PIRACICABA, ha pouco fallecido ali, deixou em testamento 200 accções da C. E. F. Ytuana ao Instituto do Novo Mundo, essas accções vencendo o juro de 7 por cento garantido pelo Governo. Com a renda de cerca de 4,500\$ e com o bello convento de que agora dispõe, a directoria do Instituto pôde fazer muito bem á educação publica de Ytú, e só desejamos que applicuem aquella renda sábiamente.

A Tribuna Liberal (S. Paulo) de 13 de Outubro ultimo traz o seguinte artigo ácerca do benemerito

BARÃO DE PIRACICABA.

Descansa hoje na paz do tumulo um paulista que viveu cercado do respeito e veneração de todos que o conheceram; paulista cuja passagem pela terra foi assignalada pela pratica da virtude e do trabalho; varão forte que reunia em si, desde os mais verdes annos, a prudencia do velho á actividade do mancebo.

Chamava-se ANTONIO PAES DE BARROS. Cobre-se a Provincia de luto vendo tombar um de seus mais imponentes vultos, um daquelles que mais a honraram, e que já se habituára a vér sempre á frente dos mais ousados e uteis commettimentos.

Hoje, repousa o veneravel ancião, que uma fecunda vida de perto de oitenta e seis annos, tornára credor do conceito e admiração de todos aquelles que prezam o caracter sem mancha, a vida illibada e a reputação immaculada.

Quem deste modo viveu, ainda soube encerrar com chave de ouro a peregrinação terrestre, abrilhantando-a ainda por actos de alta valia.

O testamento de ANTONIO PAES DE BARROS, Barão de Piracicaba, datado de alguns dias antes de sua morte, é uma peça digna de attenção. No rapido resumo que daremos della no fim deste artigo, vê-se o christão de fé pura que tomou a caridade por norma de seu viver, e o cidadão patriota que se interessa ainda nos seus ultimos instantes pelo futuro do paiz.

ANTONIO PAES DE BARROS nasceu em Ytú a 4 de Março de 1791. Era filho de ANTONIO PAES DE BARROS, e de D^o MARIA PAULA MACHADO, ventre abençoado do qual sahiram varões como BENTO PAES DE BARROS, Barão de Ytú, FRANCISCO XAVIER DE BARROS, e matronas que em verdade fazem honra á Provincia e aos filhos que hoje se orgulham de taes mães.

Casou se em 1819 com D^o GERTRUDES DE AGUIAR, irman do Brigadeiro RAPHAEL TOBIAS DE AGUIAR; deste matrimonio teve varios filhos, dos quaes seis lhe sobrevivem.

Desde a sua mocidade, deu provas de alta prudencia, de um bom senso, admiraveis alliados a uma intelligencia lucida e constantemente calma.

Instruiu-se á custa de proprios esforços, e chegou a adquirir illustração pouco vulgar para aquelles passados tempos.

Reconhecendo seu merecimento, seus concidadãos o enviaram como deputado ás côrtes portuguezas, junctamente com aquella pleiade brilhante de paulistas chamados FELJÓ, PAULA SOUZA, ANDRADAS, ALVARES MACHADO, nomes estes até hoje gravados em caracteres indeleveis no coração da patria agradecida.

Em Portugal fez publicar um folheto de FELJÓ, intitulado "As duas côrtes," no qual se tractava da emancipação da colonia brazileira.

Varias vezes honrado com diversos mandatos populares, soube desempenhal-os sempre de maneira a adquirir novos titulos á consideração publica.

Quando a politica entrou na quadra de marasmo, que todos os bons brazileiros lamentam. ANTONIO PAES DE BARROS, com a actividade pertinaz e corajosa que o distinguia, entregou-se todo ao trabalho agricola e commercial.

Com o seu bom senso indefectivel, foi um dos primeiros a iniciar entre nós a cultura do café, em terras por elle compradas no municipio de S. João do Rio Claro, quasi despoovado então.

A risonha e florescente povoação, que hoje alli ostenta-se, foi alinhada e, pôde se dizer, fundada por este distincto paulista.

Eoi um dos que mais esforçaram-se por introduzir entre nós aiação aperfeçoada, por ter comprehendido a immensa influencia que ella exerce sobre a produção. Já em 1853 apresentava na presidencia do Sr. Senador SARAIVA um projecto de estrada de rodagem, projecto que não teve realização, e que foi mais tarde substituido pela estrada de ferro actual.

Iniciando-se em S. Paulo a construeção de estradas de ferro, o nome do Barão de PIRACICABA figurou sempre á frente dos maiores accionistas das companhias nascentes, quando ainda se pensava tractar de subscrição, e não de empreza.

Conhecia profundamente a Provincia, seus recursos e riqueza, e confiava no futuro.

Fui, pensamos, nós, o primeiro paulista que embarcou capitaes em emprezas destas, sem estarem esses capitaes garantidos quer pelo Estado, quer pela Provincia.

Pensava prestar um serviço ao paiz concorrendo com dinheiro e esforços para estas obras. A companhia Ytuana é em parte devida á sua injiciativa e auxilio de capitaes.

Foi tambem um dos fomentadores da industria textil entre nós. Concorreu grandemente para fundarem-se na Provincia as duas primeiras fabricas de tecidos que nella estabeleceram-se.

Emfim, toda sua vida foi uma série constante de actos de actividade e merecimentos.

Encarnava em si o typo que representa o paulista no exterior, llano, chão, dedicado, activo e honrado.

Eis algumas verbas mais salientes do testamento que deixou o illustre finado, eloquentissimo testemunho da elevação daquelle espirito, e da nobreza daquelle coração. Deixa 200 accções da companhia Ytuana para o estabelecimento de instrucção de D. ANNA ROSA.

Igual quantia para o Instituto do Novo Mundo em Ytú.

Deixa livres 30 escravos, quasi todos que possuia; 20 accções da companhia Ytuana a Misericordia de Ytú e egual quantia á daqui.

Além disso, varias deixas a netas e bisnetas. Quanto ao remanescente da terça, institue herdeiros seus filhos com a condição de distribuirem annualmente em escolas a renda de 5 p. c. desta parte.

E' impossivel achar-se mais eloquente testemunho dos solidas e christãs qualidades de tão conspicuo varão.

Repousa agora no tumulo, que abriu-se, o valente lidador! Dorme hoje em paz, aquelle que deixa como melhor herança á seus filhos um nome immaculado e respeitado, nome de um dos ultimos representantes da valente geração, honra do Brazil, gloria da patria.

Na vida foi um rasto luminoso da virtude, o apostolo da caridade; hoje, sua alma, arca sagrada que guardava todas as mais bellas qualidades, deixa de vagar nas ondas tempestuosas deste mundo incerto, e vai pairar nos céos. Aiarat de luz prometido aos filhos dilectos do SENHOR.

ANNUNCIOS.

The Devoe Manufacturing Co.

No. 80 Beaver Street, New York.

Proprietarios e Fabricantes do celebre

Oleo Brilhante de Devoe.

O melhor kerosene em uso.

OTIS IRON & STEEL COMPANY,"

Cleveland, Ohio, Estados Unidos,

Fabricantes de

Chapas de aço para caldeiras e fornalhas,

Eixos de aço de toda a casta

Aço para molas e machinismo delicado;

Aço fundido de toda a casta

Especialidade de peças necessarias

para obras de vias ferreas e navios.

O MAIOR PREMIO

NA

EXPOSIÇÃO UNI-

VERSAL

DE

PHILADELPHIA



NA

EXPOSIÇÃO UNI-

VERSAL

D

PHILADELPHIA

nos ha sido conferido com diplomas lisonjeiros por nossos

INSTRUMENTOS ARATORIOS

ESPECIALMENTE

Arados e Cultivadores de Cannaviaes,

Machinas de Assucar,

Machinas á vapor, transportaveis.

Dirijam-se em qualquer lingua a

R. H. Allen & Co.,

189 & 191 Water St.,

NEW YORK.

CULMER SPRING COMPANY

Fabricantes de

MOLAS

PARA

Carros de Vias

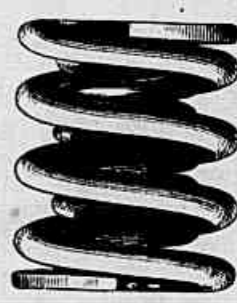
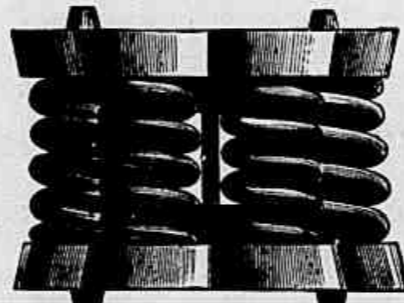
férreas.

Fabrica e Escriptorio,

Liberty & 26th

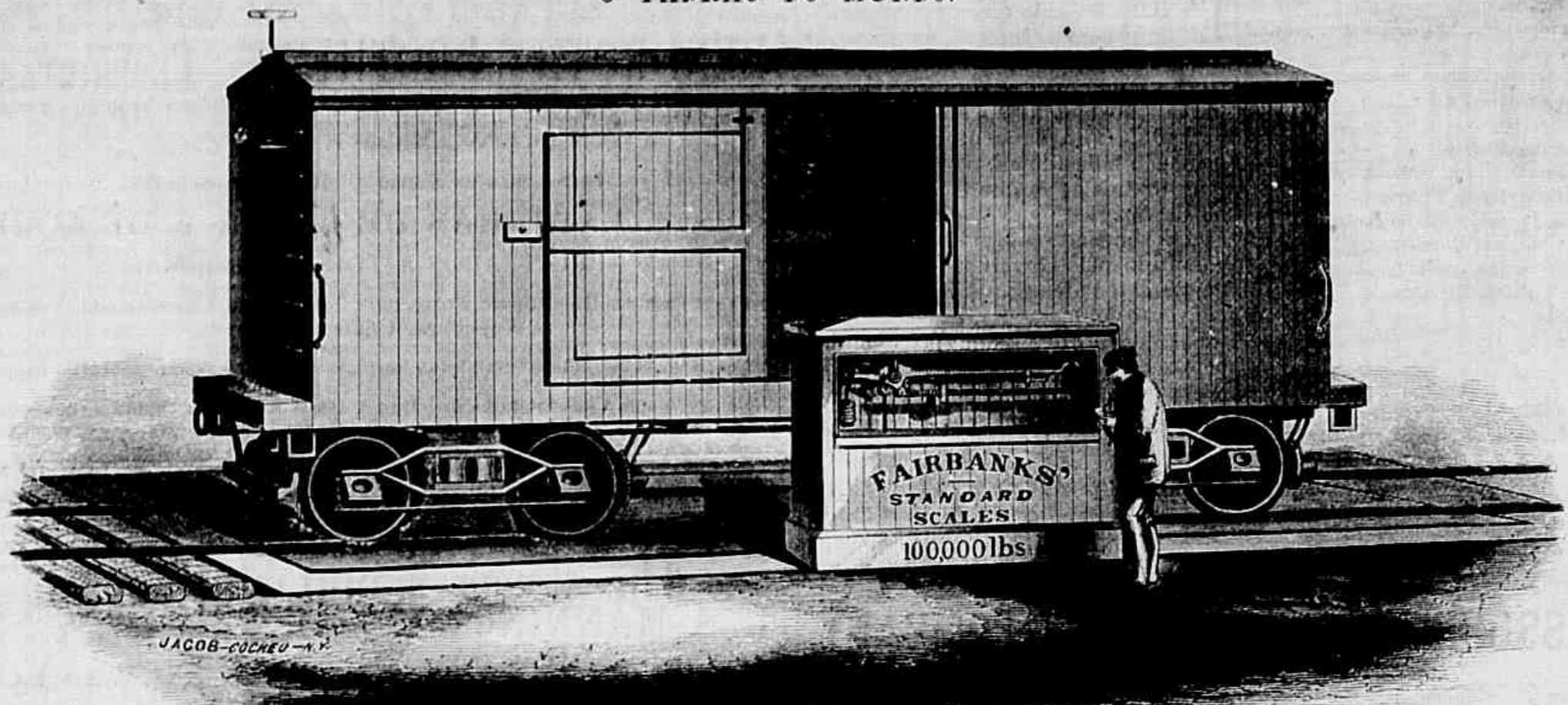
Streets,

PITTSBURGH, Penn.

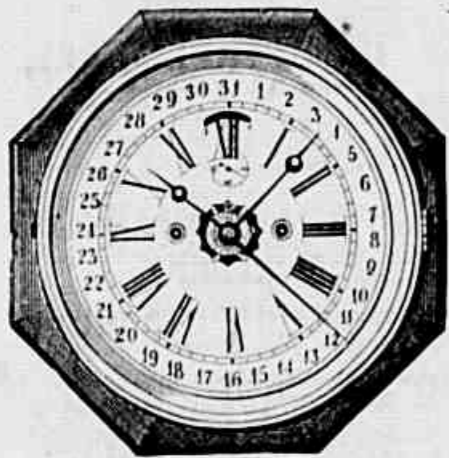


HENRY A. BREED, Gerente e Thezoureiro.

BALANÇAS EXACTAS, DE FAIRBANKS, O PADRÃO DO MUNDO.



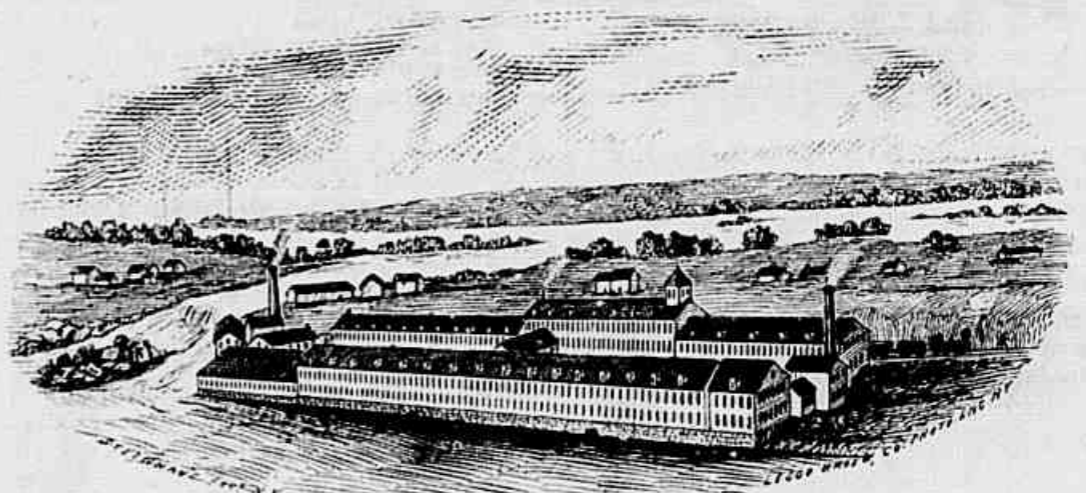
BALANÇAS APERFEIÇADAS DE FAIRBANKS PARA TRILHOS DE CAMINHOS DE FERRO,
BALANÇAS DE FAIRBANKS PARA FENO, CARVÃO, PLATAFORMAS DE DEPOSITOS, E BALCÕES
FAIRBANKS & CO., NEW YORK, U. S.



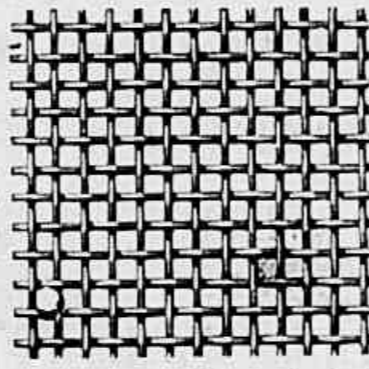
Waterbury Clock Co., No. 4 Cortlandt St., New York.

M. BAILEY, Thesoureiro.

A "COMPANHIA DE RELOGIOS DE WATERBURY" fabrica Relogios de Parede, Americanos, de toda a variedade, com caixas de Jacarandá, ferro e bronze, proprios para RESIDENCIAS PARTICULARES, EDIFICIOS PUBLICOS, ARMAZENS E NAVIOS. Os trabalhos de WATERBURY CLOCK CO., por sua variedade perfeição e baratesa, são os melhores que ha a America. Catalogos e preços correntes são distribuidos a quem os pedir em o nosso deposito em NEW YORK.



The Clinton Wire-Cloth Co. CLINTON, Mass., Estados Unidos.



ESTA Companhia é a maior fabricante no mundo de PANNO DE ARAME, Cobre, Ferro e Galvanizado, Grad e Transparentes; Cercas para Jardins, para Varandas, Porticos e Alpendres, ornamentadas e simples. Uma das maiores especialidades da Companhia é a transparentes para Janelas e Portas com payzagens em côres, os quaes alem de serem muito lindos são muito convenientes para impedir a entrada de moscos, mosquitos e outros insectos, sem contudo embarçar a livre circulação do ar, o que tão necessario é nos climas quentes. O panno de arame que a Companhia faz é de cincoenta pés de comprimento, a largura variando de 24 a 48 polegadas. Pedimos aos Brasileiros, que teem casa, que mandem buscar o nosso Catalogo illustrado. Aos commerciantes pedimos instantemente que se correspondam connosco acerca de generos que não podem deixar de ter grande sabida no seu paiz.

O. S. CHAMBERLAIN, Agente.
34 Reade Street, NEW YORK.

John Russell Cutlery Co.,

fabricantes de

Talheres de meza, de toda a classe;

assim como:

Facas para Carniceiros. Pintores. Droguistas e Casas de Familia, de Aço puro e galvanizada
Facas de raspe; ditas de cabo de marfim, madre-perola, madeira, etc. et.

Os nossos talheres podem competir com os de qualquer outro fabricante no mundo. egues si não superiores aos melhores que ha.

SOMOS OS PRIMEIROS FABRICANTES NO PAIZ.

Fabricas, em Turner Falls, Mass.— Armazens em New York, 97 Chambers St., & 79 Reade Street

Esta Companhia obteve a maior recompensa de merito na Exposição de Philadelphia,—a saber: DUAS MEDALHAS e menção honrosa no Relatório dos Juizes, que disseram: "Estes generos não podem ser excedidos na boa qualidade do material, na mão d'obra e belleza da forma."

A venda no Rio de Janeiro por W. R. CASSELS & CO., 13, Rua Direita.

O ARRANCADOR DE PREGOS DE CAPEWELL.



Por meio d'este novo instrumento o "ARRANCADOR," pode-se arrancar pregos e abrir caixas com muita rapidez e sem rachar a madeira nem es-

tragar os pregos, aproveitando-se ambos em perfeito estado para nova serventia.

EXTRACTO DO RELATORIO DA EXPOSIÇÃO DO "INSTITUTO AMERICANO."

"E' um instrumento compacto e efficaç, muito bem apropriado para o fim com que l'uso. Do seu uso só pôde resultar muita economia de tempo e trabalho a quanto abrir caixotes, pois extrahê os pregos inteiros e não estraga a madeira das caixas."

O "Arrancador Gigante de Pregos" de Capewell, posto que só exposto á venda desde 1873 já tem obtido immensa sabida nos Estados Unidos e grandes quantidades delle teem sido exportadas para a Europa.

MALTBY CURTIS & CO.,

Reade Street, NEW YORK.

W. R. CASSELS & CO.,

13, Rua Primeiro de Março, RIO DE JANEIRO.

"THE POLYTECHNIC REVIEW"

(REVISTA POLYTECHNICA)

Periodico semanal e illustrado, dedicado ás sciencias e as artes practicas,

Proprietarios e Redactores } WILLIAM H. WAHL, Ph. D.
ROBERT GRIMSHAW, Ph. D.

ESTE Jornal é por excellencia o campeão da sciencia polytechnica, contendo sempre artigos originaes e escolhidos sobre o progresso actual em Engenharias—CIVIL, MECHANICA, NAVAL, MILITAR e SANITARIA; ABASTECIMENTO D'AGUA, GAZ e FOGOTOS; TECHNOLOGIA CHIMICA adaptada especialmente á METALLURGIA, MINAS e industrias Chimico-manufactoras; MANUFACTURAS e ARTES MECHANICAS em geral.

Notas sobre a Exposição e sobre os pareceres das diversas sociedades scientificas.

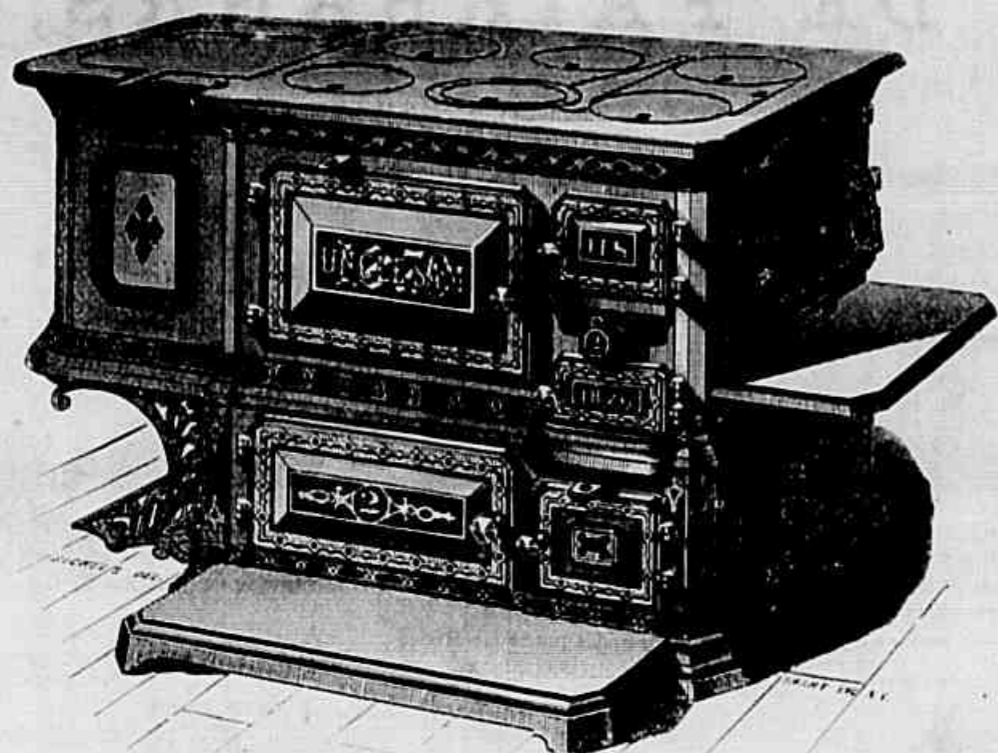
Desenvolverá systematicamente toda e qualquer questão scientifica concernente a meios de evitar incendio.

Assignatura, paga adiantadamente, \$3.00, ou \$5000 por Anno.

Endereço:

THE POLYTECHNIC REVIEW,

119, S. Fourth Street, Philadelphia, U. S.



Fabrica EAGLE de Fogões e de Ferro,
ESTABELECIDADA EM 1840.
ABENDROTH BROTHERS, PROPRIETARIOS.
Nos. 109 e 111 BEEKMAN STREET, e 282 PEARL STREET,
NEW YORK CITY.

Temos sempre á mão grande sortimento de
FOGÕES E LAREIRAS DE COSER E DE AQUECER
APROPRIADOS A TODOS OS CLIMAS.

Tambem fabricamos Objectos de Ferro para Bombeiros, Cavallariças, Vasos, Grades, Repuchos, Chafarizes, etc.

O nosso "UNCLE SAM" e celebre por ser o melhor fogão portable que ha.

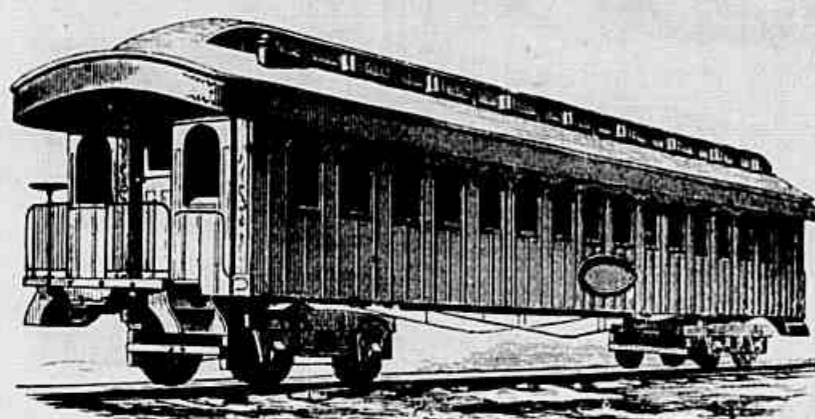
A caixa d'agua usada neste Fogão é da "Patente Abendroth," sem duvida alguma a mais perfeita que jámais se offereceu ao publico. E' collocada no fim do Fogão e de modo que a agua pode ser fervida quasi tão depressa como si a caixa estivesse collocada directamente sobre o fogo.

A qualidade e peso do ferro fundido são as melhores possiveis, todas as peças tendo sido feitas com o maior cuidado. Nenhum esforço foi poupadó para fazer deste Fogão tudo o que dizemos que elle consegue.

A' venda no Rio de Janeiro por

W. R. CASSELS & CO., 13, RUA DIREITA.

"MISSOURI CAR & FOUNDRY COMPANY,"



Fabricantes de
**Carros de Pas-
sageiro**
de frete, rodas
e ferragens
de
Estradas de
ferro.

ESCRITORIO, 411 NORTH THIRD STREET,
Saint Louis, Mo., Estados Unidos.

H. S. MANNING & CO.

Fabricantes e Negociantes de
**Materiaes para Estradas de Ferro
e para Machinistas;**
Agentes Geraes para

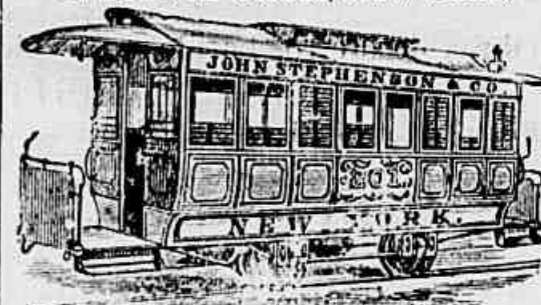
Machinas a vapor, caldeiras, Forjas, moldes de ferro, Parafusos, Perturadores directos e verticenes, Tubos de ferro, Apparellhos de Bombeiros, Órnos mechanicos simples e a vapor, Poléus, Pás e em summa todo e qual-quer objecto de ferro e aço para as diferentes profissões e officios.—Mandem buscar nosso catalogo illustrado e lista de preços.
111 Liberty Street, NEW YORK.



Tal é o titulo do mais bonito livro que ha sobre o as-umppto. Contém perto de 150 paginas, centenares de bellas illustrações e quatro estampas lythographadas de Flores nas suas cores naturaes. Preço 35 cents brocha-do ou 65 cents encadernado. Endereço

JAMES VICK, Rochester, New York.

JOHN STEPHENSON & CO.,
47 E. 27th Street, New York.



FABRICANTES DE
BONDS, OU "STREET-CARS,"
de todas as classes.

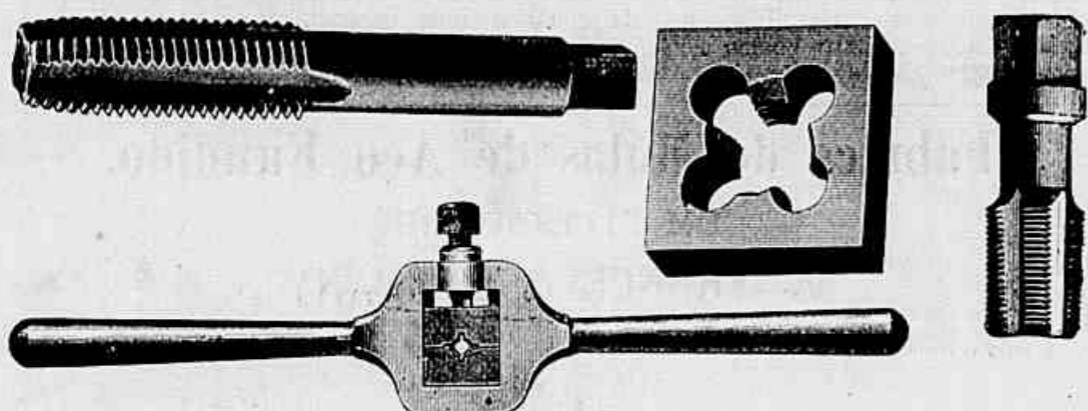
nos quaes se acham combinados os ultimos melhora-mentos existentes. Construimos inteiros ou partes
Punctualidade nas remessas.

**TECEDOR AUTOMATICO
DE BICKFORD**

Uma Machina practica de tecer para uso
das Familias.

Precisamos Agentes para introduzil-a na America do Sul. Dirijam-se quanto ás con-dições, etc., á

Bickford Knitting Machine M'f'g Co.
Brattleboro, Vermont, U.S.A.



H. S. MANNING & CO.,

111 LIBERTY STRET NEW YORK.

Unicos Agentes para a

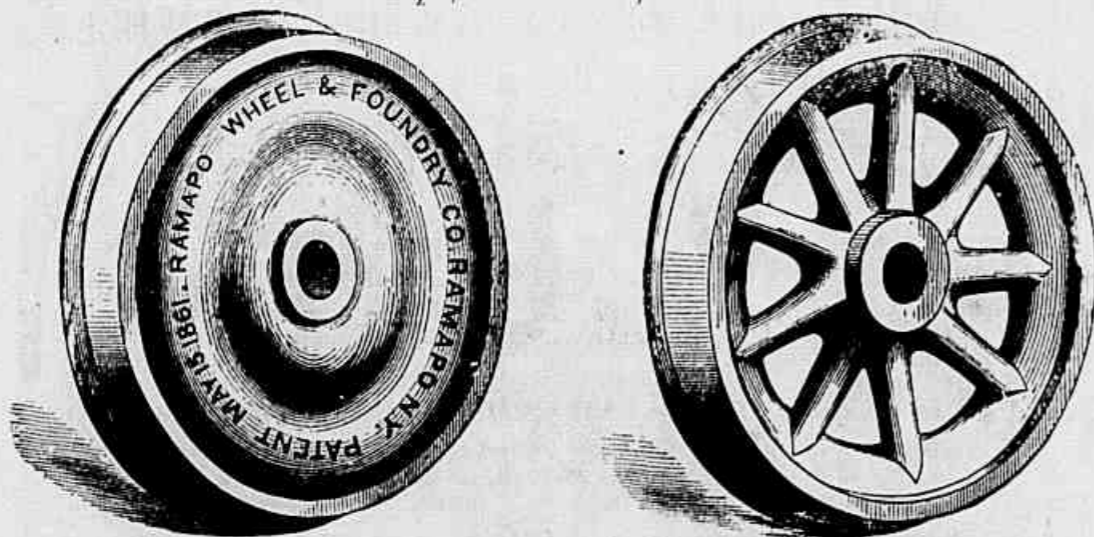
MORSE TWIST DRILL & MACHINE CO.

Para a venda das celebres Machinas de preparar porcas de parafuso, perforadores inclinados e directos, e toda a cuata de machinismo de patente, e necessario em fundições de ferro, etc. etc.

Mandem buscar nosso Catalogo e preços, dirigindo as cartas a

H. S. Manning & Co.,

Ramapo Wheel & Foundry Co.
"COMPANHIA DE FUNDIÇÃO E DE RODAS."
Ramapo, New York, E. U. A.



Grande Fabrica de Rodas
para Locomotivas, "Tenders," Carros para Passageiros e Fréte,
Coches-palacio e Coches com beliches;

TAMBEM DE

Rodas para bitola estreita e para estradas de tracção animal.

Tudo feito exclusivamente do celebre ferro de Richmond e Salisbury.

Fornecem eixos batidos e laminados, e rodas furadas e ajustadas ás bitolas communs.

W. W. SNOW, Superintendente.

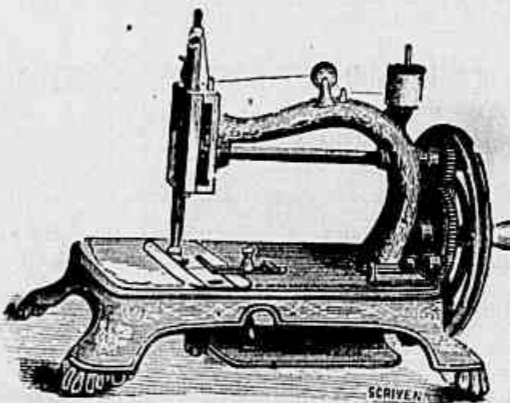
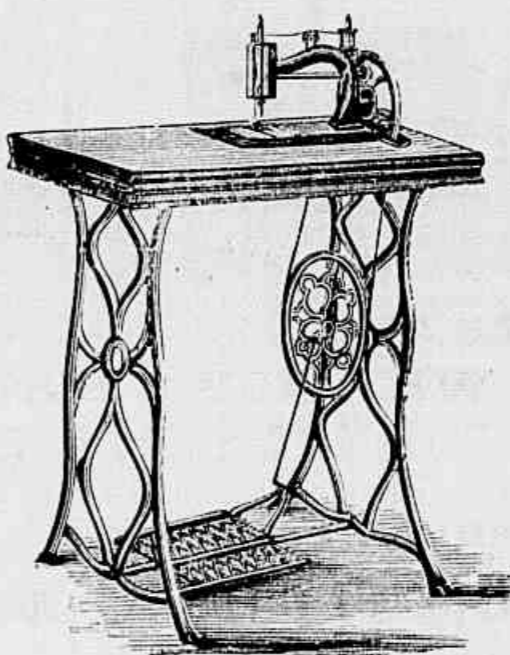
MACHINAS DE COSTURA

Wilson Lockman & Co.,
CANADA.

Estas machinas se recomen-dam ao publico pela perfei-ta segurança de sua construcção, a gran-de facilidade com que trabalham, e a combinação de todos os melhoramentos os mais conhecidos até agora que as tornam

Os mesmos fabri-cantes tambem offe-recem machinas de trabalhar á mão de fio singelo e dobrado que se recomen-

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao nosso unico agente



eguaes ás melhores machinas dos Esta-dos Unidos ao passo que, sendo fabrica-das no Canadá, o seu preço é muito mais commodo que as de equal merito fabricadas nos Esta-dos Unidos da Ame-rica do Norte.

dam ao publico tan-to pela modicidade do seu preço como por sua boa quali-dade.

G. P. ARNAUD,

No. 4 South William Street, NEW YORK.

W. C. ALLISON & CO.

32nd. and Walnut Streets, Philadelphia, Estados Unidos.

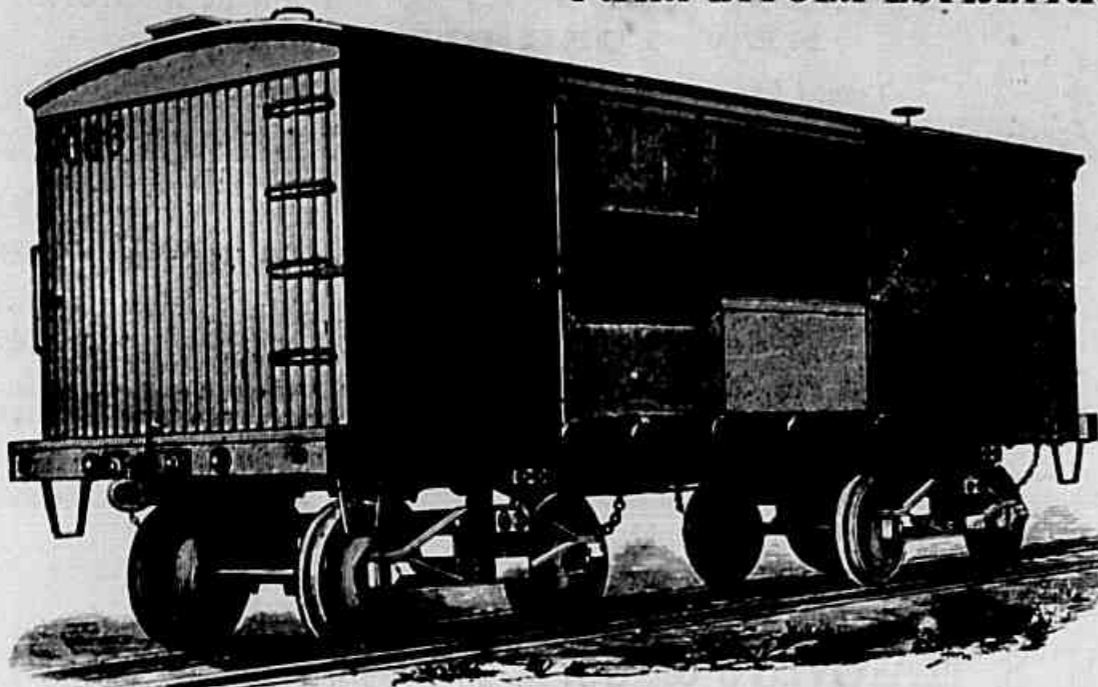
FABRICANTES DE TODA A CASTA DE

CARROS PARA VIAS FERREAS

E ESPECIALMENTE

MATERIAL RODANTE

PARA BITOLA ESTREITA.



TAMBEM FABRICAM

Obras de Ferro, batido e fundido, Ferrolhos, Parafusos, etc. para **CARROS, EDIFICIOS E PONTES,**

Rodas de Carros, Eixos, Molas, Quebra-freios, Registros de Trilhos, Instrumentos para Trabalhar no leito da Estrada, Pranchas de ferro, etc. etc. em summa toda a casta de

MATERIAL PARA ESTRADAS DE FERRO.

Alem disso fabricam

Tubos para Gaz, Agua, Vapor e Caldeiras, etc.

Tubos para poços artesianos, de sal e petroleo; toda a qualidade de instrumentos para preparação, refinação do Assucar, e para destillação. Tambem machinas de mineração Mandarão catalogos e informações a quem lhes escrever pedindo-os.

"The Harlan & Hollingsworth Company"

WILMINGTON, DELAWARE, ESTADOS UNIDOS.

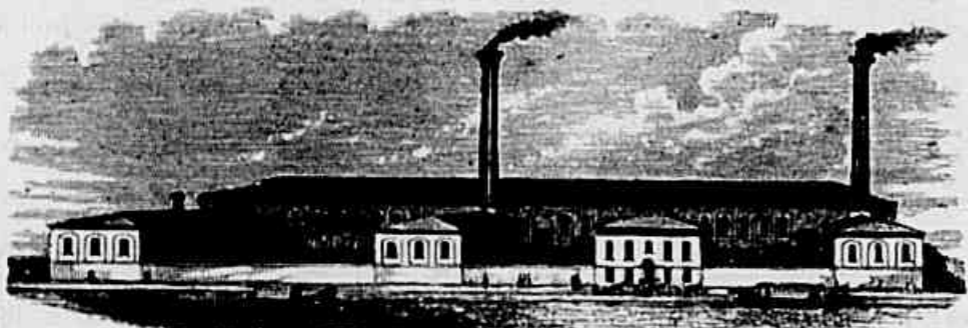
—40 ANNOS DE EXPERIENCIA.—



Fabricantes de Carros-Salas, Carros de Dormir, Carros Communs para Passageiros e de toda a casta, tanto para bitolas largas como para as estreitas. Os carros desta casa são vistos nas principais estradas de ferro nos Estados Unidos, Canadá e na ilha de Cuba. Garante-se o maior escrupulo na execução de encomendas.—Endereço:

THE HARLAN & HOLLINGSWORTH CO.

WILMINGTON, Del., Estados Unidos.



A. WHITNEY & SONS,

Fabrica de Rodas de Carros para Vias férreas.

Tambem suprimos Eixos.

PHILADELPHIA, E. U. A.

MORSE TWIST DRILL & MACHINE COMPANY

New Bedford, Massachuséts,

FABRICANTES UNICOS DO

Furador de Patente de Morse, com força de augmentar,

dos Brocas de Patente de Beach, de concentração automatica.

Alavancas-perfuratorias, Pressas de furar de Coes,

Hunter e outros e em summa de toda a casta

de apparatus especiaes de furar e brocar com todos os inventos modernos.

EDWARD S. TAHER, Theoureiro.

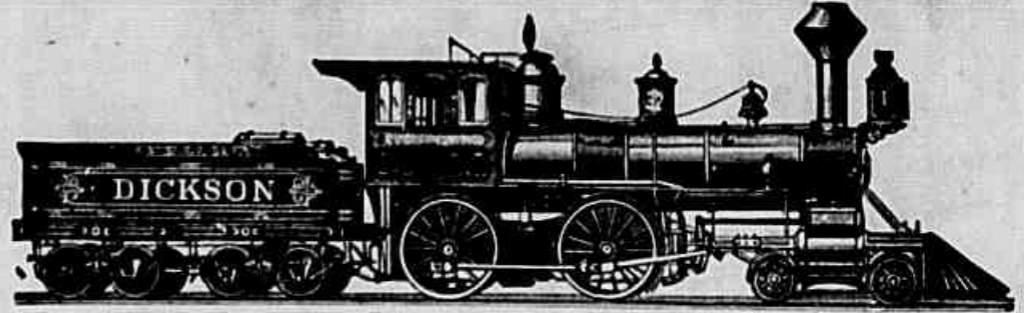
GEO. STETSON, Superintendente



DICKSON MANUFACTURING COMPANY

Estabelecida em 1856.

SCRANTON, PENNSYLVANIA.



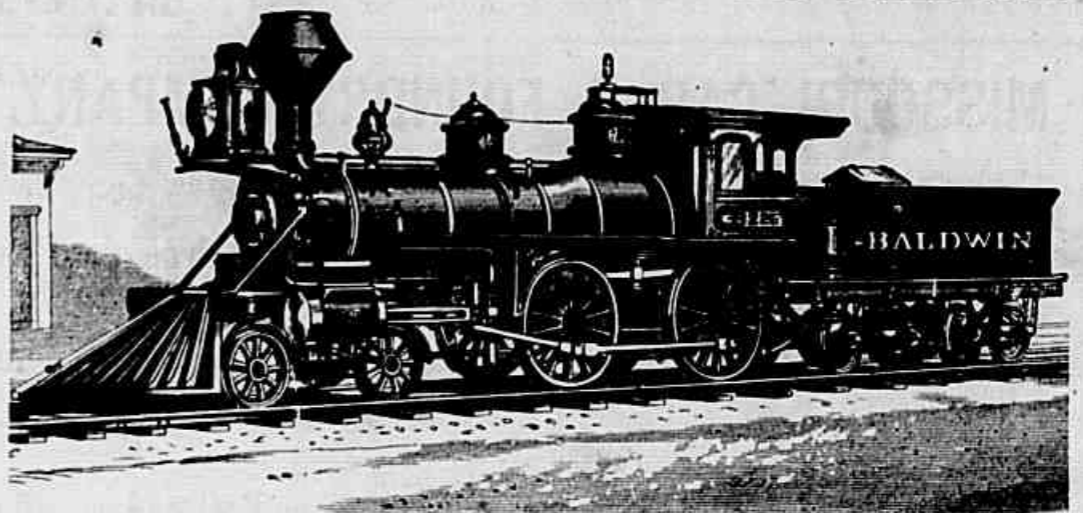
FABRICAM qualquer tipo de LOCOMOTIVAS para o serviço das vias férreas, e tambem MACHINAS A VAPOR, CARROS, Rodas de Carros e Eixos, BOMBAS e Machizismo de toda a sorte para fins de mineraçõ, fornalhas e fundição de ferro. Tambem negociam em todos os materinas accessorios de Estradas de ferro toda a materia prima e execução de obra sendo garantidos.

Fornecerão preços e especificações aos Interassadas que os desejaxem.

Win. H. Perkins, Secretario.

G. L. Dickson, Presidente.

FABRICA DE LOCOMOTIVAS DE BALDWIN.



BURNHAM, PARRY, WILLIAMS & CO.

Philadelphia, Pa., Estados Unidos,

FABRICANTES DE

MACHINAS LOCOMOTIVAS,

PARA TODA A QUALIDADE DE SERVIÇO,

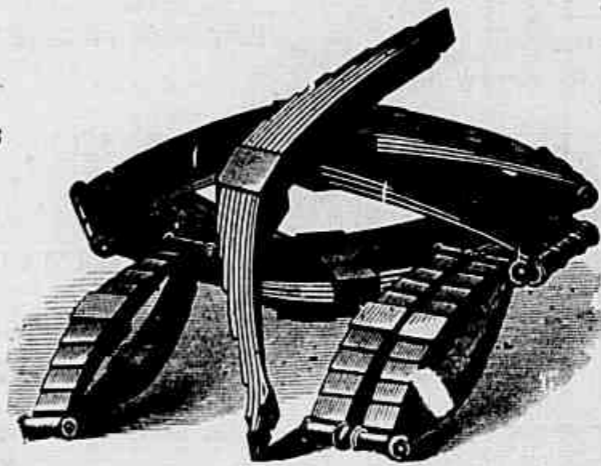
incluindo LOCOMOTIVAS para vias estreitas (1 metro e mais) e LOCOMOTIVAS MODELOS para vias largas da bitola ordinaria. Risco, mat'riaes, mão de obra, efficacia e tudo inteiramente garantido.—Nos contractos podem ser incluidas as clausulas de entrega em qualquer porto do Brazil. O Catalogo illustrado fornecera mais explicações.

Fabrica de Molas de Aço Fundido,

EM PITTSBURGH,

A. FRENCH & COMPANY

Fabricantes de Molas Elipticas de Aço Fundido, e temperado com especial esmero



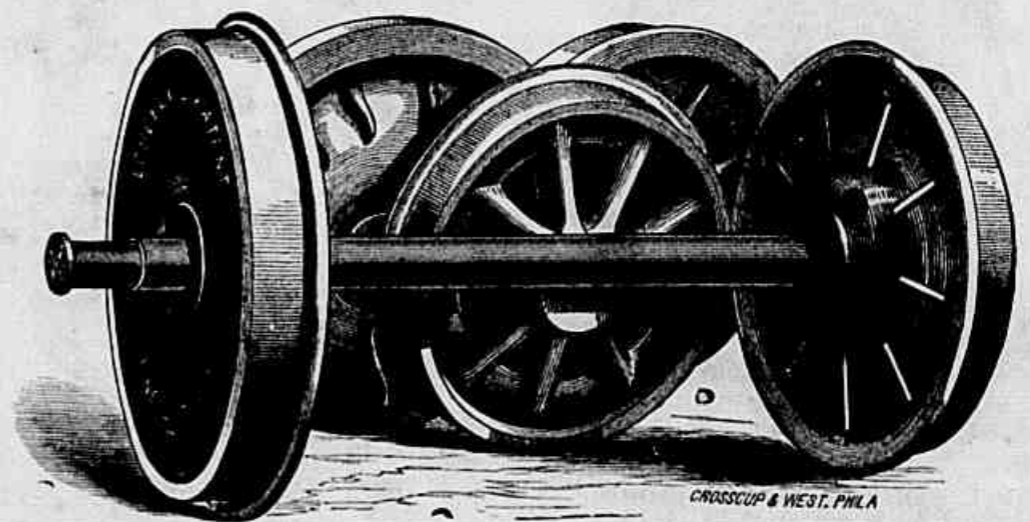
Para Carros de Estradas de Ferro, e Locomotivas; Feitas do mais fino melhor Aço Fundido.

Escritorio e Fabrica, Pittsburgh, Penn.,

ESTADOS UNIDOS.

LOBDELL CAR WHEEL COMPANY,

Wilmington, Delaware, E. U. A.



TA Companhia fabrica toda a casta de rodas de ferro fundido, com ou sem os eixos, para carros de estradas de erro a vapor ou a cavallo. A prova de que esta Companhia fabrica os melhores generos desta especialidade é que, ao passo que é o MAIOR FABRICANTE DE RODAS para as estradas de ferro da America, fornece actualmen e as que são usadas nos "Bonds" das principais cidades da Inglaterra, Escossia e Irlanda, e tambem suppre a alguns fabricantes de carros de bitola estreita do Reino Unido.—Tambem fabrica Rolos de metal resfriado para fabricas de Papel, Borracha, Bronze, Cobre e Ferro; e fornece toda a casta de objectos de ferro e bronze fundido para Locomotivas, Carros, Trilhos, Machinas permanentes e de paquetes.